



**Faculdade de Arquitectura**  
**Universidade Técnica de Lisboa**

## **os lugares do colectivo**

a convivialidade, da cidade ao edifício multifuncional, na revitalização do Hospital de Santo António dos Capuchos e na consolidação da colina de Santana

### **Pedro João Salvador Durão**

Licenciado

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

### **Orientador Científico**

Professor Doutor Jorge Manuel Fava Spencer

### **Júri**

#### **Presidente**

Doutor José Aguiar

Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

#### **Vogais**

Doutor Jorge Spencer

Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Doutor Pedro Ravara

Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Doutor Hugo Farias

Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Lisboa, FAUTL, Novembro, 2013







**Faculdade de Arquitectura**  
**Universidade Técnica de Lisboa**

## **os lugares do colectivo**

a convivialidade, da cidade ao edifício multifuncional, na revitalização do Hospital de Santo António dos Capuchos e na consolidação da colina de Santana

### **Pedro João Salvador Durão**

Licenciado

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

### **Orientador Científico**

Professor Doutor Jorge Manuel Fava Spencer

### **Júri**

#### **Presidente**

Doutor José Aguiar

Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

#### **Vogais**

Doutor Jorge Spencer

Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Doutor Pedro Ravara

Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Doutor Hugo Farias

Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Lisboa, FAUTL, Novembro, 2013



## **os lugares do colectivo**

A convivialidade, da cidade ao edifício multifuncional, na revitalização do Hospital de Santo António dos Capuchos e na consolidação da colina de Santana

Pedro João Salvador Durão

Orientador Científico: Professor Doutor Jorge Manuel Fava Spencer

Mestrado Integrado em Arquitectura

Lisboa, Setembro de 2013

### **Resumo** (206 palavras)

Esta investigação propõe a reflexão sobre os lugares do colectivo e a sua articulação tendo em conta a polaridade entre os domínios público e privado.

Assumindo que a condição humana se afirma através da abertura do indivíduo a um meio interpessoal, em relação ao qual se situa e adapta, e que é no espaço público que a vida urbana alcança a sua expressão máxima, diferenciando-se de outros tipos de existência colectiva, procura-se compreender de que forma a arquitectura influencia o relacionamento dos indivíduos no espaço. Importa, assim, compreender como pode esta criar oportunidades de interacção social espontânea, sem pôr em causa a possibilidade de introversão e o contraponto criado pela privacidade.

No contexto de uma investigação pelo projecto centrada na colina de Santana, um território marcado por vincadas descontinuidades no tecido urbano, e restringindo o ensaio à área actualmente ocupada pelo Hospital de Santo António dos Capuchos, parte-se da hipótese da criação de novas permeabilidades para o atravessamento público da cidade. Estes percursos entre a rua e a casa, pontuados por uma sucessão de espaços de convivialidade que potenciam encontro e permanência, activados pela sua configuração e distribuição funcional, procuram preservar a articulação de diferentes níveis de domesticidade como estratégia para a revitalização do território próximo.

**Palavras-chave:** colectivo, convivialidade, privacidade, domesticidade.



## **the collective places**

The conviviality, from the city to the multifunctional building, revitalizing Santo António dos Capuchos Hospital and consolidating Santana hill

Pedro João Salvador Durão

Supervisor: Professor Doutor Jorge Manuel Fava Spencer

Masters Degree in Architecture

Lisbon, September, 2013

### **Abstract** (201 words)

This research proposes a reflection on the collective places and its articulation considering the polarity between the public and private domains.

Assuming that the human condition is stated by the subjects opening to an interpersonal environment, to which he adapts, and that is in the public space that urban life reaches its maximum expression, differentiating it from other types of collective existence, we seek to understand how architecture influences the relationship between individuals in space. It is therefore important to and how it can create opportunities for spontaneous social interaction, without jeopardizing the possibility of introversion and the counterpoint created by privacy.

In a context of a research by project focused on Santana hill, a territory marked by pronounced discontinuities in the urban grid, and restricting the essay to the area currently occupied by Santo António dos Capuchos Hospital, we set off from the hypothesis of creation of new permeabilities for the public crossing the city. These thoroughfares between street and house, punctuated by a succession of spaces of conviviality, places that enhance the collective gathering and the permanence, activated by its configuration and functional distribution, seek to preserve the articulation of different levels of domesticity, as a strategy to revitalize the nearby territory.

**Key-words:** collective, conviviality, privacy, domesticity.



## **Agradecimentos**

À minha família e a todos aqueles que me apoiaram, em especial à Catarina.

Ao Frederico, à Maria e ao Sebastião, pela cumplicidade.

Ao Professor Jorge Spencer pela disponibilidade e acompanhamento atento.





## Índice

1. Introdução	1
2. Enquadramento teórico	5
3. Convivialidade e privacidade	21
4. A cidade de domínio público	27
4.1. A rua, sala de estar comunitária	27
4.2. Elementos primários, pólos atractivos da vida urbana	40
4.3. A dimensão colectiva da cidade tradicional	43
4.4. Multifuncionalidade: da cidade dispersa ao modelo de proximidade	49
5. Escalas da domesticidade	55
5.1. Território: intimidade, pertença e segurança	55
5.2. Espaços liminares e dispositivos de transição	60
5.3. Lugares dentro do lugar	70
5.4. Os lugares do colectivo na casa	84
6. Considerações finais	93
7. Bibliografia	97
8. Projecto	101
8.1. Desenhos finais	101
8.2. Processo	119



## Índice de figuras

<b>Figura 1</b> - Exemplo de Cidade Jardim de lay-out irregular, Bird's Hill Estate, Letchworth. - <b>Unwin</b> , R. (1909, "1994"). <i>Town Planning in Practice: an Introduction to the Art of Designing Cities and Suburbs</i> . Nova Iorque: Princeton Architectural Press, p. 348.....	7
<b>Figura 2</b> - Unidade de Vizinhança, Clarence Perry, 1929. - <b>Cardoso</b> , J. M. (1958). <i>Aspectos Sociais da Unidade de Vizinhança Como Elemento de Urbanização</i> . Coimbra: Centro de Estudos de Urbanismo, p. 141.....	7
<b>Figura 3</b> - Edifício Narkomfin, Moisei Ginzburg e Ignaty Milinis, Moscovo, 1928-1932. - <b>Levene</b> , R. C., <b>Cecilia</b> , F. M. (2007). <i>Moisei Ginzburg: Escritos, 1923-1930</i> . Madrid: El Croquis Editorial, p. 394.....	7
<b>Figura 4</b> - Planta do projecto para Saint-Dié, Le Corbusier, 1945-1946. - <b>Rowe</b> , C., <b>Koetter</b> , F. (1984). <i>Collage City</i> . Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, p. 58.....	9
<b>Figura 5</b> - <i>Toit-terrasse</i> da <i>Unité d'Habitation</i> , Marselha, Le Corbusier, 1947. - <b>Sequeira</b> , M. (2012). <i>Para um espaço público: Le Corbusier e a tradição greco-latina da Cidade Moderna</i> . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, capa.....	9
<b>Figura 6</b> - Fotografia de Nigel Henderson. - <b>Heuvel</b> , D., <b>Risselada</b> , M. (2005). <i>Team 10: 1953-81; in search of a Utopia of the present</i> . Roterdão: NAI Publishers, p.30.....	9
<b>Figura 7</b> - <i>Street-in-the-air</i> , Projecto Golden Lane, Alison e Peter Smithson - <b>Smithson</b> , A. (1974). <i>Team 10 Primer</i> . Massachusetts: The MIT Press, p. 81.....	12
<b>Figura 8</b> - Orfanato de Amsterdão, Aldo van Eyck, 1955-1960. - <b>Ligtelijn</b> , V. (1999). <i>Aldo van Eyck, Works</i> . Basileia: Birkhäuser - Publishers for Architecture, p. 91.....	12
<b>Figura 9</b> - A soleira, espaço <i>in-between</i> , Herman Hertzberger - <b>Hertzberger</b> , H. (1991, "2006"). <i>Lições de Arquitetura</i> . São Paulo: Martins Fontes, p.32.....	12
<b>Figura 10</b> - <i>Recinto</i> , Gordon Cullen - <b>Cullen</b> , G. (1962, "2008"). <i>Paisagem Urbana</i> . Lisboa: Edições 70, p. 27... 18	
<b>Figura 11</b> - <i>El primer día de primavera</i> , espaços de transição como lugares de permanência, Edimburgo - <b>Gehl</b> , J. (1987, "2006"). <i>La Humanización del Espacio Urbano: La vida social entre los edificios</i> . Barcelona: Editorial Reverté, p. 194.....	18
<b>Figura 12</b> - <i>Convivencia de usos distintos en la calle</i> - <b>Monteys</b> , X. (et alt.) (2012). <i>Rehabitar en nueve episodios</i> . Madrid: Editorial Lampreave, p.158.....	18
<b>Figura 13</b> - Os enclaves na colina de Santana – Desenho do autor.....	28
<b>Figura 14</b> - A colina de Santana no século XIX, plantas de Filipe Folque - <b>Viegas</b> , I. M., <b>Tojal</b> , A. A. (2000). <i>Atlas da Carta Topográfica de Lisboa sob a direcção de Filipe Folque: 1856 - 1858</i> . Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, plantas nº. 19, 20, 27, 28.....	29
<b>Figura 15</b> - Vista aérea (imagem de satélite) da colina de Santana na condição presente - <maps.google.com>.....	29
<b>Figura 16</b> - Planta da proposta urbana – Desenho do autor.....	31
<b>Figura 17</b> - Vista panorâmica do miradouro de S. Pedro de Alcântara com miradouros assinalados - Fotografia do autor.....	33
<b>Figura 18</b> - Planta da área de aprofundamento do projecto - Desenho do autor.....	33
<b>Figura 19</b> - Corte transversal à cerca - Desenho do autor.....	35
<b>Figura 20</b> - Planta e vista exterior da "Alameda" do Edifício C6 da Faculdade de Ciências da U. L., José Neves, Lisboa, 1993-2003. - <joseneves.net>.....	36
<b>Figura 21</b> - Praça Vredenburg, Herman Hertzberger, Utrecht. - <b>Hertzberger</b> , H. (1991, "2006"). <i>Lições de Arquitetura</i> . São Paulo: Martins Fontes, p.156.....	37
<b>Figura 22</b> - Corte longitudinal pelos acessos aos pátios do edifício - Desenho do autor.....	39

<b>Figura 23</b> - Alçado corte, Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, Lisboa, 1962-1976. - <b>Tostões</b> , A. (et alt.) (2004). <i>Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira</i> . Lisboa: Quimera Editores, p. 200. ....	39
<b>Figura 24</b> - <i>Playground</i> de Aldo van Eyck, Zaanhof, Amsterdão, 1948 - <b>Ligtelijn</b> , V. (1999). <i>Aldo van Eyck, Works</i> . Basileia: Birkhäuser - Publishers for Architecture, p. 74. ....	39
<b>Figura 25</b> - <i>Vista da Acrópole a partir dos Propileus, em 1830</i> . - <b>Rossi</b> , A. (1966, “2001”). <i>A Arquitectura da Cidade</i> . Lisboa: Edições Cosmos, p. 196. ....	43
<b>Figura 26</b> - Vista da colina de Santana com a implantação do projecto - Desenho do autor. ....	43
<b>Figura 27</b> - Plantas de “sólidos” e “vazios” de Saint-Dié e Parma - <b>Rowe</b> , C., <b>Koetter</b> , F. (1984). <i>Collage City</i> . Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, pp. 62-63. ....	45
<b>Figura 28</b> - Detalhe da planta de Roma segundo Giambattista Nolli, 1748 - <nolli.uoregon.edu/map> ....	46
<b>Figura 29</b> - Planta de “sólidos” e “vazios” da proposta – Desenho do autor. ....	46
<b>Figura 30</b> - Vista exterior, Bloco das Águas Livres, Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu da Costa Cabral, Lisboa, 1953-1956 - <b>Tostões</b> , A. (et alt.) (2004). <i>Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira</i> . Lisboa: Quimera Editores, p. 157. ....	51
<b>Figura 31</b> - Planta à cota do patamar inferior dos pátios - Desenho do autor. ....	51
<b>Figura 32</b> - Corte entre o pátio e a praça: espaços comerciais a dois níveis - Desenho do autor. ....	53
<b>Figura 33</b> - Planta do piso térreo do edifício Bonjour Tristesse, Álvaro Siza Vieira, Berlim, 1980-1984 e vista da pré-existência - Desenho do autor. <strollology.com/2012/04/10/bonjours-tristesse/> ....	53
<b>Figura 34</b> - Corte transversal do edifício pelo pátio - Desenho do autor. ....	57
<b>Figura 35</b> - Rua-escada do Bairro da CHASA, Duarte Cabral de Mello, Maria Manuel Godinho de Almeida, Miguel Chalbert e Vicente Bravo, Alverca, 1979-1983 - <b>Land</b> , C., <b>Hucking</b> , K., <b>Trigueiros</b> , L. (2005). <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> . Lisboa: Blau, p. 517. ....	59
<b>Figura 36</b> - Rua-escada do projecto - Desenho do autor. ....	59
<b>Figura 37</b> - Planta do átrio do Hotel Solvay, Victor Horta, Bruxelas, 1896 - <b>Hertzberger</b> , H. (1991, “2006”). <i>Lições de Arquitetura</i> . São Paulo: Martins Fontes, p. 84. ....	63
<b>Figura 38</b> - Planta do acesso público ao pátio, entre níveis - Desenho do autor. ....	63
<b>Figura 39</b> - Planta do acesso público ao pátio, no canto - Desenho do autor. ....	63
<b>Figura 40</b> - Alçado e vistas interior e exterior da fachada espessa do Complexo de Agronomia do Pólo da Mitra, Universidade de Évora, Vítor Figueiredo, Valverde, 1992-1995 - <b>Toussaint</b> , M. (ed.). <i>Arquitectos. Publicação mensal da Associação dos Arquitectos Portugueses</i> . Ano XIV, n.º 165, Dezembro de 1996, p.33. ....	66
<b>Figura 41</b> - Cortes da fachada interior do edifício: as grelas na fachada da habitação e do comércio - Desenho do autor. ....	66
<b>Figura 42</b> - <i>Muxarabiê</i> da casa Sehemly - <b>Fathy</b> , H. (1973, “2009”). <i>Arquitectura para os pobres: uma experiência no Egipto rural</i> . Lisboa: Argumentum, Dinalivro, p. 58. ....	67
<b>Figura 43</b> - Parede com aberturas para ventilação - <b>Fathy</b> , H. (1973, “2009”). <i>Arquitectura para os pobres: uma experiência no Egipto rural</i> . Lisboa: Argumentum, Dinalivro, p. 55. ....	67
<b>Figura 44</b> - Planta da “soleira” no projecto – Desenho do autor. ....	69
<b>Figura 45</b> - Planta da parede espessa dos quartos - Desenho do autor. ....	69
<b>Figura 46</b> - Detalhe da planta da praça: os espaços para sentar “à margem” - Desenho do autor. ....	72
<b>Figura 47</b> - A ambivalência dos bancos em torno da árvore - Desenho do autor. ....	72
<b>Figura 48</b> - Diagrama de Aldo van Eyck - <b>Smithson</b> , A. (1974). <i>Team 10 Primer</i> . Massachusetts: The MIT Press, p. 104. ....	72
<b>Figura 49</b> - Detalhe da planta do pátio: o <i>playground</i> - Desenho do autor. ....	74

<b>Figura 50</b> - <i>Stepping stones</i> no <i>Playground</i> de Aldo van Eyck, Zaanhof, Amsterdão, 1948 - <b>Ligtelijn</b> , V. (1999). <i>Aldo van Eyck, Works</i> . Basileia: Birkhäuser - Publishers for Architecture, p. 75. ....	74
<b>Figura 51</b> - Recreio coberto da escola Francisco Arruda, Ajuda, Lisboa - <joseneves.net> .....	76
<b>Figura 52</b> - Planta do “recreio coberto” no patamar de cima do pátio - Desenho do autor.....	77
<b>Figura 53</b> - Planta / diagrama da continuidade espacial nos dois patamares do pátio - Desenho do autor. ....	77
<b>Figura 54</b> - Patim-sala nas Residências Documenta Urbana, Herman Hertzberger, Kassel-Dönche, 1979-1982. - <b>Hertzberger</b> , H. (1991, “2006”). <i>Lições de Arquitetura</i> . São Paulo: Martins Fontes, p.38.....	78
<b>Figura 55</b> - Detalhe, em planta, do alargamento da galeria no canto - Desenho do autor. ....	78
<b>Figura 56</b> - Planta do piso tipo, Vítor Figueiredo e Duarte Cabral de Mello, Azeda, Setúbal, 1976-1977 - <b>Land</b> , C., <b>Hucking</b> , K., <b>Trigueiros</b> , L. (2005). <i>Arquitetura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> . Lisboa: Blau, p. 503.....	79
<b>Figura 57</b> - <i>Enclave</i> , Gordon Cullen - <b>Cullen</b> , G. (1962, “2008”). <i>Paisagem Urbana</i> . Lisboa: Edições 70, p. 27..	79
<b>Figura 58</b> - Corte longitudinal por um dos acessos ao interior do quarteirão - Desenho do autor.....	81
<b>Figura 59</b> - Escadas na galeria do edifício curvo da ESAD, Vítor Figueiredo, Caldas da Rainha, 1992-1997 - <b>Arenga</b> , N. (Editor) (2012). <i>Vítor Figueiredo: fragmentos de um discurso</i> . Porto: Circo de Ideias, p. 52-53.....	81
<b>Figura 60</b> - Cortes longitudinais pela escada principal do Edifício C6 da Faculdade de Ciências da U. L., Lisboa, 1993-2003, José Neves. - <joseneves.net>.....	81
<b>Figura 61</b> - A conversadeira na arquitectura tradicional portuguesa - <b>Amaral</b> , F. K. (et alt.) (1961, “1988”). <i>Arquitetura Popular em Portugal</i> . Volume 1. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, p. 132.....	83
<b>Figura 62</b> - “Gradações de intimidade” na casa, Christopher Alexander - <b>Alexander</b> , C., <b>Ishikawa</b> , S., <b>Silverstein</b> , M. (1977). <i>A Pattern Language</i> . Nova Iorque: Oxford Univerdity Press, p. 612.....	85
<b>Figura 63</b> - “Gradações de intimidade” da rua ao patio, Christopher Alexander - <b>Rapoport</b> , A. (1977, “1978”). <i>Aspectos Humanos de la Forma Urbana, Hacia una Confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana</i> . Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 262. ....	85
<b>Figura 64</b> - Diagrama das “gradações de intimidade” no projecto - Desenho do autor. ....	85
<b>Figura 65</b> - Planta de dois fogos do projecto, com 1 e 3+1 quartos - Desenho do autor. ....	87
<b>Figura 66</b> - Perspectivas de interior e planta, Casas de Renda Económica, Nuno Teotónio Pereira, Barcelos, 1958-1962 - <b>Tostões</b> , A. (et alt.) (2004). <i>Arquitetura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira</i> . Lisboa: Quimera Editores, pp. 164, 165. ....	87
<b>Figura 67</b> - <i>Frankfurter Küche</i> [cozinha de Frankfurt] - <b>Monteys</b> , X., <b>Fuertes</b> , P. (2011) <i>Casa collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa</i> . Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 107.....	89
<b>Figura 68</b> - Detalhe da planta de um dos módulos da <i>Unité d’Habitation</i> de Marselha - <b>Ragot</b> , G., <b>Dion</b> , M. (1987). <i>Le Corbusier en France: Réalisations et projets</i> . Paris: Electa Moniteur, p. 155. ....	89



## 1. Introdução

O abandono dos centros urbanos, a sua consequente degradação e o acentuado zonamento funcional, social e étnico justificam a importância do retorno à reflexão sobre a cidade consolidada.

O território da colina de Santana passa actualmente por um processo de significativa transformação, resultado da desactivação de cinco unidades hospitalares. Estas grandes áreas correspondem a vincadas descontinuidades no tecido urbano, algumas delas consequência da ocupação de edifícios conventuais que preservam os perímetros das suas cercas, resistentes às transformações da morfologia urbana. Propõe-se uma reflexão sobre a devolução destas grandes áreas urbanas ao atravessamento público da cidade como forma de revitalização do território próximo.

Restringindo o ensaio à área actualmente ocupada pelo Hospital de Santo António dos Capuchos, parte-se da hipótese de criação de novas permeabilidades pontuadas por uma sucessão de espaços de convivialidade, lugares do colectivo que potenciem encontro e reunião, activados pela sua configuração e distribuição funcional.

Preservando a memória física da cerca do outrora Convento dos Capuchos como percurso de ronda atravessável e percorrível, de um *plateau* que avista a cidade distante e dela é visto, procura-se criar uma nova centralidade capaz de revitalizar a envolvente. Neste sentido, é objecto de aprofundamento das questões do projecto um edifício multifuncional no espaço que articula o território contido nos limites da cerca, a montante, e a zona consolidada, mas caracterizada pela desertificação e envelhecimento, a jusante, entre a Rua do Passadiço e a Avenida da Liberdade. São, portanto, matérias de estudo os espaços públicos à escala da cidade, mas também os lugares de interacção social à escala do edifício e da casa, tendo em conta a sua articulação e sucessão, tomados como elementos de acrescida importância na activação da vida do quotidiano urbano.

A investigação desenvolve-se em três partes. Na primeira parte faz-se uma contextualização de natureza teórica no sentido de clarificar o conceito de convivialidade e enquadrá-lo na prática da arquitectura, tendo em conta a sua aplicação em diferentes escalas, da cidade à casa. Para isso, é essencial partir de um enquadramento teórico sobre os lugares do colectivo e as práticas dos indivíduos no espaço, apoiado numa articulação entre a sociologia, a antropologia e a arquitectura.

Na segunda parte dirige-se a investigação para o projecto partindo da *rua*, entendida como domínio público, espaço colectivo para além da porta de casa. Interessa, para isso, a identificação de um conjunto de unidades morfológicas que compõem a cidade e a reflexão sobre as questões de projecto evocadas pela análise da *cidade tradicional*, como a proximidade, associada à densidade, e a multiplicidade funcional.

Na terceira parte desenvolvem-se as questões relacionadas com a domesticidade e as percepções de intimidade, pertença e segurança, associadas às relações público/privado, individual/colectivo e introversão/extroversão, para as quais é de particular importância a definição de limites e a articulação entre domínios.

A estratégia seguida rege-se então por uma interdisciplinaridade, que aproxima as ciências sociais da prática da arquitectura, no sentido de encontrar soluções para a revitalização do tecido urbano, num contexto de cidade consolidada.







## 2. Enquadramento teórico

*Men of every country and every clime seek to live collectively.*<sup>1</sup>

Se a convivialidade é uma “qualidade relativa ao viver em comum”<sup>2</sup>, o seu desenvolvimento depende das características do espaço colectivo, seja ele público ou privado. É esta a preocupação exposta por Le Corbusier a Ginzburg, em 1930, quando refere que “a arquitectura moderna tem uma tarefa imensa: organizar o colectivo.”<sup>3</sup>

O período moderno marca, de forma radical, uma ruptura produzida pela revolução industrial, na estrutura e na morfologia da cidade.

Em finais do século XIX, a *cidade-jardim* provoca as primeiras rupturas significativas com a morfologia da cidade tradicional. Ebenezer Howard propõe um novo modelo de organização urbana de baixa densidade, com abundância de espaços verdes colectivos de permanência e de ligação entre o construído. Raymond Unwin, por outro lado, antecipando a *unidade de vizinhança*, procura, através de novas tipologias urbanas, reconstituir a morfologia tradicional da cidade. O interior do quarteirão ou “impasse” torna-se espaço de convivência e elemento configurador do desenho urbano (Figura 1). “As práticas sociais e algumas funções da rua como local de convívio e de acesso aos edifícios deslocam-se para o impasse”, que se oferece como um espaço semi-público de permanência para as “relações de vizinhança”, entre a rua de circulação pública e o espaço privado da casa. “As habitações deixam de contactar com a rua barulhenta e buliçosa. O quarteirão perde a forma fechada e compacta com a criação de impasses interiores.”<sup>4</sup>

No período entre guerras, torna-se reconhecível o *movimento moderno*, um percurso preciso de pensamento e acção que aproxima a arquitectura e o urbanismo do método científico. Nesta etapa, procura-se o abandono total dos elementos morfológicos que compõem a cidade tradicional e da sua distribuição funcional. O *quarteirão*, a *rua* e a *praça*, onde se

---

<sup>1</sup> Carta de Le Corbusier para Moisei Ginzburg, in **Kopp**, A. (1970). *Town and Revolution: Soviet Architecture and City Planning 1917-1935*. Londres: Thames and Hudson, p. 252.

<sup>2</sup> **Coelho**, A. (2000). *Qualidade Arquitectónica Residencial: Rumos e Factores de Análise*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, p. 221.

<sup>3</sup> **Kopp**, A., op. cit., p. 252. Tradução livre.

<sup>4</sup> **Lamas**, J. (1993, “2007”). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 312.

acumulam funções, dão lugar ao *bloco* e a zonamentos funcionais rígidos. Esta separação e, principalmente, o seu distanciamento, tendem a reflectir-se numa diluição das relações sociais do quotidiano.

Clarence Perry apresenta a “unidade de vizinhança” (Figura 2) como solução para este problema, ou seja, um desenho urbano que devolva à cidade a vida comunitária através de uma estruturação funcional que permita a utilização comum de vários serviços. Se, por um lado, a unidade de vizinhança se relaciona com a corrente de raiz anglo-saxónica de modelos sociológicos de comunidades habitacionais, i.e., a cidade de baixa densidade com grandes áreas verdes e equipamento no centro, por outro, contribui também para o desenvolvimento de uma corrente ligada ao racionalismo europeu e às *unidades habitacionais* que, incluindo equipamentos e serviços em edifícios em altura, constituem, elas próprias, pequenas e condensadas unidades de vizinhança.

Entre as primeiras investigações sobre as unidades de habitação destacam-se as experiências de Ginzburg e de Le Corbusier.

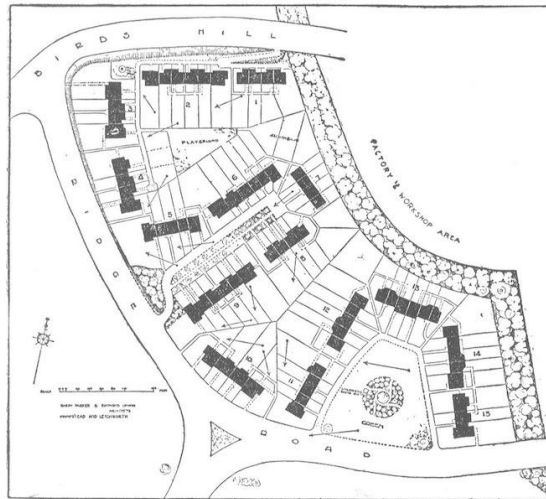
O edifício Narkomfin em Moscovo (Figura 3), de Ginzburg e Milinis, e o de Sverdlovsk projectado por Ginzburg e Pasternak, “têm por objectivo a verificação da possibilidade de reunir, em torno dos serviços comuns, uma agregação de células mínimas.”<sup>5</sup> Reduzindo a casa a uma dimensão mínima, os serviços e os espaços de distribuição partilhados, passam a suportar as interações sociais dentro da comunidade definida pelo edifício.

A devastação de várias cidades francesas provocada pela segunda Guerra Mundial, criou oportunidade para que Le Corbusier ensaiasse um novo modelo urbano. Defende uma concepção de cidade em total oposição à cidade tradicional, criticando a *rue corridor* e o quarteirão, e propondo novas formas urbanas. O plano de Saint-Dié (1945-1946) ilustra, para além desta concepção, a aplicação dos princípios da Carta de Atenas num protótipo de cidade moderna composto por edifícios de habitação colectiva, tipo *Unité d’Habitation*, entre os quais se distribuem edifícios mais pequenos, de carácter público (Figura 4). Sobre o tecido antigo da cidade propõe-se o *Centre Civique*, o “lugar da vida pública da cidade” onde se reúnem vários equipamentos e serviços partilhados pela comunidade, o *coeur de la ville*.<sup>6</sup>

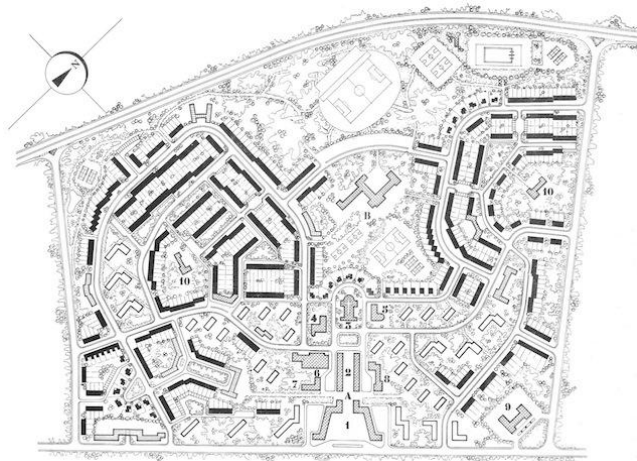
---

<sup>5</sup> Benevolo, L. (1977, “1989”). *Projectar a Cidade Moderna*. Lisboa: Editorial Presença, p. 92.

<sup>6</sup> Sequeira, M. (2012). *Para um espaço público: Le Corbusier e a tradição greco-latina da Cidade Moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 4-7.



**Figura 1** - Exemplo de Cidade Jardim de lay-out irregular, Bird's Hill Estate, Letchworth. - **Unwin, R.** (1909, "1994"). *Town Planning in Practice: an Introduction to the Art of Designing Cities and Suburbs*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, p. 348.



**Figura 2** - Unidade de Vizinhança, Clarence Perry, 1929. - **Cardoso, J. M.** (1958). *Aspectos Sociais da Unidade de Vizinhança Como Elemento de Urbanização*. Coimbra: Centro de Estudos de Urbanismo, p. 141.



**Figura 3** - Edifício Narkomfin, Moisei Ginzburg e Ignaty Milinis, Moscovo, 1928-1932. - **Levene, R. C., Cecilia, F. M.** (2007). *Moisei Ginzburg: Escritos, 1923-1930*. Madrid: El Croquis Editorial, p. 394.

*(...) é a grande esplanada-comum, a estrada dos pedestres, que liga e une as coisas e as pessoas. É imperioso colocá-la ao abrigo dos veículos.*<sup>7</sup>

A *Unité d'Habitation* é, de facto, projectada como *unidade*, i.e., como protótipo para o desenvolvimento sistemático do plano urbano de Saint-Dié. Surge depois da apresentação da *Cité Radieuse*, no segundo congresso dos CIAM, integrando uma rua comercial de encontro comunitário, a meia altura, e equipamentos elementares como uma creche ou escola pré-primária, na cobertura.

Nas *unités*, à semelhança do que acontece no projecto para a Ville Radieuse (1930), a cobertura “trata-se do lugar que Le Corbusier intitula *toit-terrasse*, que alberga uma série de equipamentos destinados ao uso colectivo, à cultura do corpo e do espírito”<sup>8</sup> (Figura 5).

*Enquanto o centro cívico constitui o espaço público, por excelência, da cidade corbusiana do período imediatamente subsequente à Segunda Guerra Mundial, as coberturas das suas unidades de habitação tornam-se igualmente espaços de celebração da vida pública, mas à escala das unités.*<sup>9</sup>

O *toit-terrasse* oferece-se como lugar da exaltação do colectivo inspirado na tradição greco-latina. Como no fórum, centro da vida comunitária, cultural e desportiva, é no terraço que se exercita o corpo e se realizam actividades colectivas.

Os ensaios sobre as unidades de habitação evidenciam uma tendência metodológica comum da arquitectura moderna que aponta para uma ideia de cidade em que as funções, que possibilitam contactos quotidianos, se relacionam no interior dos edifícios, mas que não consideram o espaço de trabalho como parte integrada deste sistema. Se, por um lado, o debate sobre a arquitectura moderna “não é outro senão o confronto das discussões em favor ou contra os novos modelos espaciais de convívio”<sup>10</sup>, por outro, é também na cidade moderna que o espaço público urbano se torna o resíduo entre os edifícios com diferentes funções. “Os edifícios deixam de pertencer à estrutura superior do quarteirão e autonomizam-se. As ruas deixam de pertencer às relações físico-espaciais da cidade e reduzem-se a traçados de circulação e serviço.”<sup>11</sup>

---

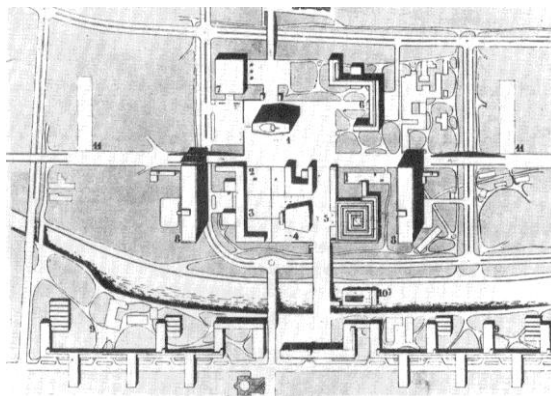
<sup>7</sup> **Corbusier**, L. (1946). *Propos d'Urbanisme*. Paris: Éditions Bourrellier, p. 67. Tradução livre.

<sup>8</sup> **Sequeira**, M., op. cit., p. 32.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 29.

<sup>10</sup> **Benevolo**, L., op. cit., p. 10.

<sup>11</sup> **Lamas**, J., op. cit., p. 302.



**Figura 4** - Planta do projecto para Saint-Dié, Le Corbusier, 1945-1946. - Rowe, C., Koetter, F. (1984). *Collage City*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, p. 58.



**Figura 5** - Toit-terrasse da *Unité d'Habitation*, Marselha, Le Corbusier, 1947. - Sequeira, M. (2012). *Para um espaço público: Le Corbusier e a tradição greco-latina da Cidade Moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, capa.



**Figura 6** - Fotografia de Nigel Henderson. - Heuvel, D., Risselada, M. (2005). *Team 10: 1953-81; in search of a Utopia of the present*. Roterdão: NAI Publishers, p.30.

*A “arquitectura funcional” colocou, sem dúvida, o homem como fulcro da sua razão se ser, mas porque considerou apenas alguns aspectos do homem e não procurou a sua totalidade, ela chegou por vezes ao extremo de o negar, sobrepondo-se-lhe. Também aqui o homem se esqueceu de si próprio. Previram-se casas e outros edifícios que serviam indiferentemente para qualquer homem e qualquer lugar e falou-se do homem “animal geométrico” e de “arquitectura internacional”.<sup>12</sup>*

Nos anos cinquenta e sessenta, uma abordagem crítica ao movimento moderno volta a centrar a arquitectura no homem através da análise sociológica e antropológica do seu comportamento. A investigação sobre o desenho urbano retoma a discussão dos elementos morfológicos da cidade tradicional e reposiciona-nos para formular uma nova ideia de cidade.

*É a ideia de rua, não a sua realidade, que é importante – a criação de espaços colectivos eficazes, cumprindo a função de identificação e encerramento, tornando a vida-das-ruas, socialmente vital, possível.<sup>13</sup>*

Em 1953 as fotografias de Nigel Henderson (Figura 6), apresentadas por Alison e Peter Smithson no CIAM IX, retratam a actividade das ruas de Londres e a sua relação com a casa e relançam o debate sobre a vida colectiva da cidade. Uma nova geração, que reúne, entre outros, Georges Candillis, Jaap Bakema, Aldo van Eyck e os Smithson, forma o Team 10, que, até ao décimo e último CIAM, critica os princípios teóricos dos congressos precedentes e apresenta um importante conjunto de ideias e projectos.

*O problema de re-identificar o Homem com o ambiente que o envolve (“contenu et contenant”) não pode ser atingido através da utilização de formas históricas de conjuntos habitacionais, ruas, praças, etc., já que a realidade social que apresentaram já não existe.<sup>14</sup>*

Para o Team 10, a realidade social que representa a rua da cidade tradicional, considerada como envolvente activa do construído, é condicionada pelo aumento da mobilidade relacionada com o transporte individual. Identificar o homem com o que o envolve não é, por isso, atingível através da reprodução acrítica de morfologias urbanas antigas. As necessidades da “nova sociedade móvel” e os sistemas de comunicação que a servem, invalidam os modelos existentes, de mistura de funções e de “espaço anónimo”.<sup>15</sup> Propõe-se também (ainda que paradoxalmente) uma estratégia urbanística, contrária ao princípio de

---

<sup>12</sup> **Távora**, F. (1982, “2008”). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações, p. 41.

<sup>13</sup> A propósito da “rua em altura” do projecto Golden Lane, in **Smithson**, A. (1974). *Team 10 Primer*. Massachusetts: The MIT Press, p. 80. Tradução livre.

<sup>14</sup> Alison e Peter Smithson, CIAM IX, Aix-en-Provence, in **Smithson**, A., op. cit., p. 76. Tradução livre.

<sup>15</sup> Idem, p. 66.



*tabula rasa* da prática modernista e à aplicação sistemática de um “estilo internacional”, que defende o confronto com a cidade consolidada e com lugar específico.

(...) *planear é um problema de continuidade, contrário ao começo com uma folha em branco. (...) Os nossos objectivos estéticos e ideológicos não são “castelos no ar”, mas sim um tipo de novo realismo e nova objectividade, um tipo de radicalismo sobre matérias sociais e construtivas; (...) uma questão de operar sobre uma situação dada.*<sup>16</sup>

O projecto Golden Lane (Londres, 1952) de Alison e Peter Smithson, propõe uma organização urbana com base numa hierarquia de elementos que significam diferentes “níveis de associação”: casa, rua, bairro (*district*) e cidade. A casa, associada à ideia de família, organizada de forma conveniente, constitui o primeiro elemento finito de expressão comunitária da cidade. A rua, extensão desta expressão para o domínio público, implica percepção de pertença e de encerramento. A galeria de distribuição eleva-se à condição de lugar. Aproxima-se da fachada do edifício, reforçando a relação com o exterior público, e alarga-se para se tornar o espaço de interacção do colectivo alargado, o “palco da comunidade”<sup>17</sup>. A *street-in-the-air* (Figura 7), deve também permitir e tornar útil o acesso a um número de pessoas suficiente para que a sua vitalidade se gere por via de contactos espontâneos, i.e., não só dar acesso às casas, mas também, funcionar como vias públicas (*thoroughfares*) que liguem lugares identificados, com diferentes características e funções. O *district* e a cidade, formam-se do vínculo deste “complexo contínuo multi-nível” que, através de uma “hierarquia de associações humanas”, dinamiza o acesso aos diversos locais de trabalho. Esta relação oferece-se, portanto, como alternativa à hierarquia funcional da Carta de Atenas e como oposição ao “isolamento arbitrário” do *Neighbourhood* e dos edifícios tipo *Unité*.<sup>18</sup>

*O bloco habitacional tornava-se o elemento primário que podia ser multiplicado para criar uma superestrutura, um novo padrão urbano para a associação humana.*<sup>19</sup>

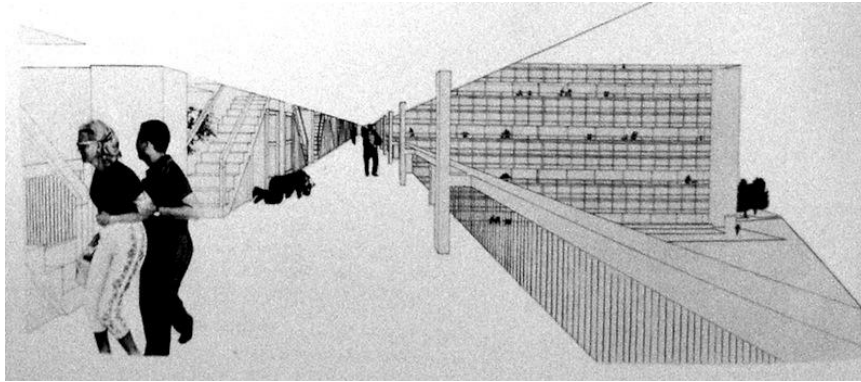
---

<sup>16</sup> Idem, p. 85. Tradução livre.

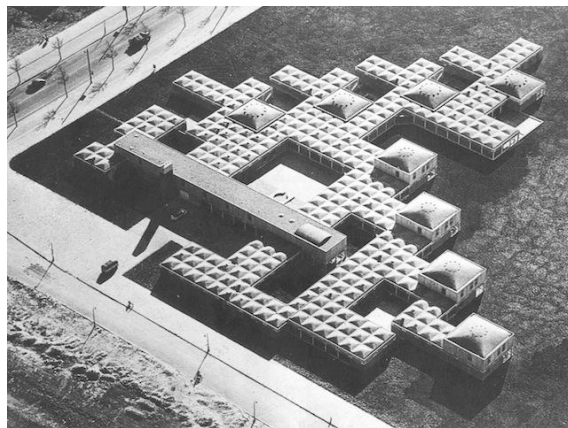
<sup>17</sup> Rossi, A. (1966, “2001”). *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, p. 124.

<sup>18</sup> Smithson, A., op. cit., p. 78.

<sup>19</sup> Heuvel, D., Risselada, M. (2005). *Team 10: 1953-81; in search of a Utopia of the present*. Roterdão: NAI Publishers, p. 30. Tradução livre



**Figura 7** - *Street-in-the-air*, Projecto Golden Lane, Alison e Peter Smithson - **Smithson, A.** (1974). *Team 10 Primer*. Massachusetts: The MIT Press, p. 81.



**Figura 8** - Orfanato de Amsterdão, Aldo van Eyck, 1955-1960. - **Ligtelijn, V.** (1999). *Aldo van Eyck, Works*. Basileia: Birkhäuser - Publishers for Architecture, p. 91.



**Figura 9** - A soleira, espaço *in-between*, Herman Hertzberger - **Hertzberger, H.** (1991, "2006"). *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, p.32.

Também Aldo van Eyck reconhece a cidade como reflexo das relações humanas, como expressão construída dos seus valores. O orfanato que projectou para Amsterdão em 1955 (Figura 8), que demonstra o reconhecimento dos padrões de vida da cidade tradicional, estrutura-se com base numa relação recíproca entre as partes e o todo. Como numa cidade, as suas unidades autónomas (ou “casas”) relacionam-se através de espaços colectivos “públicos”, “ruas” e “praças” onde ocorre a interacção social.

(...) *a city is not a city unless it is also a huge house - a house is a house only if it is also a tiny city (...) say house - say city - say anything - but say people!*<sup>20</sup>

A importância destes espaços comuns revela-se pela capacidade de transcender as esferas individuais de cada unidade autónoma. Relações entre interior-exterior, público-privado, individual-colectivo, devem preservar a definição clara de cada realidade através da configuração dos espaços que articulam a sua transição. Contrariando o conceito moderno de continuidade espacial, o espaço “*in-between*” (Figura 9) confere um “território comum” onde duas polaridades em conflito podem interagir e reconciliar-se, aquilo a que Aldo van Eyck chama “*la plus grande réalité du seuil*”<sup>21</sup>.

Na primeira metade da década de sessenta vários autores contribuem para o reforço do debate sobre a cidade consolidada, a sua vivência e imagem colectiva.

Gordon Cullen, no livro *Townscape*<sup>22</sup>, em reacção à expansão urbana e às práticas modernistas, faz uma leitura dos elementos que compõem a cidade tradicional, associada à vivência e ao impacto emocional dos seus espaços públicos (Figura 10). A escala humana da rua, entendida como domínio colectivo público, é revalorizada e tratada como elemento indissociável da prática da arquitectura.

A *Imagem da Cidade*<sup>23</sup>, de Kevin Lynch, procura ligar a legibilidade da composição da cidade ao seu sucesso enquanto lugar colectivo. Esta está associada à importância da percepção dos ambientes urbanos e a comportamentos relacionados com padrões e significados.

Jane Jacobs, em *The death and life of great american cities*, associa a prosperidade da vida colectiva da cidade a um conjunto de factores determinantes que estabelecem relações recíprocas. A sensação de segurança é tida como factor fundamental para que o domínio

<sup>20</sup> Texto na ilustração da metáfora da árvore, Aldo van Eyck (1962), in **Smithson**, A., op. cit., p. 99.

<sup>21</sup> “[a realidade maior do limiar”]. Idem, p. 96.

<sup>22</sup> **Cullen**, G. (1962, “2008”). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.

<sup>23</sup> **Lynch**, K. (1960, “2009”). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, p. 96.

público colectivo se ofereça como extensão da esfera privada da casa. Para que esta abertura ocorra, é importante a percepção de um território e o sentido de pertença, só possíveis se o espaço público contiver algum grau de interioridade. Por outro lado, é possível criar a sensação de segurança através da “diversidade física funcional de usos adjacentes” e da “consequente diversidade de usuários e seus horários”.<sup>24</sup> Esta ideia de multifuncionalidade contraria o agrupamento funcional da *Unité*, de Le Corbusier, e do *District*, proposto pelos Smithson<sup>25</sup>.

*As diferenças, não as cópias, propiciam a interação de usos e, assim, a identificação das pessoas com uma área maior que a da malha de ruas vizinhas. A monotonia é o oposto da interação de usos e, portanto, da unidade funcional.*<sup>26</sup>

O debate sobre a vida urbana volta intensificar-se com Christopher Alexander. O livro *Community and Privacy*, publicado em 1963 em co-autoria com Serge Chermayeff, demonstra alguns pontos de contacto com as ideias do Team 10 e, em particular, com os princípios de relações espaciais, de Aldo van Eyck<sup>27</sup>. O contacto social, no edifício e na cidade, é tomado como condição indispensável da vida urbana.

*Apenas (...) quando, na sua condição natural, única, o indivíduo enfrenta “cara a cara” outro ser humano, se descobre a adequada relação de escala entre a sua própria estrutura física, a dos seus semelhantes e a dimensão da sua envolvente imediata. Só então se pode estabelecer uma comunicação genuína.*<sup>28</sup>

O desenvolvimento da vida comunitária associa-se à preservação da intimidade e da privacidade. Para que se afectem de forma conveniente, os diferentes tipos de experiência, devem traduzir-se em “zonas físicas distintamente articuladas e adequadamente estruturadas”. Estas zonas “devem organizar-se de forma hierárquica”, dispostas segundo as suas características particulares.<sup>29</sup> Aponta-se também a relação da evolução da mobilidade do homem e das tecnologias de informação e comunicação, i.e., dos “instrumentos que conferiram ao homem o seu maior poder dinâmico”, com a destruição do equilíbrio das relações do habitat humano.<sup>30</sup> A rua deixou de ser a sala de estar colectiva,

---

<sup>24</sup> **Jacobs**, J. (1961, “2000”). *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes Editora, pp. 105-106.

<sup>25</sup> Ainda que as actividades estejam próximas e sempre associadas à habitação, o facto de estarem agrupadas segundo as suas funções, faz com que não haja completa diversidade funcional.

<sup>26</sup> **Jacobs**, J., op. cit., p. 142.

<sup>27</sup> Registam-se também algumas divergências entre os dois autores. No texto *A city is not a tree*, publicado em 1965, Alexander critica a ideia de cidade desenvolvida por Aldo van Eyck, que usa a *árvore* e a *folha* como metáfora para demonstrar as relações entre a *cidade* e a *casa*.

<sup>28</sup> **Chermayeff**, S., **Alexander**, C. (1969, “1970”). *Comunidad y Privacidad: Hacia una nueva arquitectura humanista*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, p. 77. Tradução livre.

<sup>29</sup> **Chermayeff**, S., **Alexander**, C., op. cit., p. 124. Tradução livre.

<sup>30</sup> Idem, p. 80.

ou a *public outdoor room* <sup>31</sup>, para se transformar meramente num acesso de serviço para o automóvel. É este aspecto colectivo da condição humana da cidade que Aldo Rossi procura recuperar em *Architettura Della Città* (1966):

*(...) pode dizer-se que a cidade é o progresso da razão humana (porque é coisa humana por excelência) e esta frase só tem sentido quando iluminamos a questão fundamental, ou seja, que a cidade e cada facto urbano são por sua natureza colectivos.* <sup>32</sup>

Para Rossi, como para Alexander e Chermayeff, é importante a relação de cariz social que se estabelece entre os domínios público e privado. Entende a cidade como um sistema em que as actividades do quotidiano tendem a desenvolver-se com base numa relação estreita destas duas esferas, que devem preservar a sua polarização.

Também importante para a dinâmica colectiva da cidade é a existência de factos urbanos que, pelo seu significado, adquirem natureza particular, factos a que Rossi chama “elementos primários”. “A união destes elementos (primários) com as áreas em termos de localização e de construção, de permanências de planos e de permanências de edifícios, de factos naturais ou de factos construídos, constitui um conjunto que é a estrutura física da cidade” <sup>33</sup> Por outro lado, “estes elementos podem ser entendidos, de um ponto de vista meramente funcional, como actividades fixas da colectividade para a colectividade, mas sobretudo podem identificar-se com factos urbanos definidos - um acontecimento e uma arquitectura que reassumem a cidade.” <sup>34</sup>

Falar da cidade como “coisa humana por excelência” implica também entendê-la à luz das ciências sociais.

O antropólogo Edward Hall, em *The Hidden Dimension* (1966), demonstra o modo como o homem utiliza o espaço e as relações que estabelece com o próximo e com a estrutura física que o envolve. Estuda os sistemas proxémicos entre povos de culturas diferentes, procurando esclarecer a estrutura dos comportamentos humanos inconscientes e contribuir para a melhoria da unidade de trabalho, da casa e da cidade. Aponta, portanto, a significação e os usos da distância enquanto factor cultural importante para as relações interpessoais. Esta distância deve der entendida na sua vertente física, mas também cultural. Isto porque, é importante “reforçar a necessidade que o homem sente sempre de pertencer a um grupo social no qual, como foi outrora o caso, seja conhecido, tenha o seu

---

<sup>31</sup> **Alexander, C., Ishikawa, S., Silverstein, M.** (1977). *A Pattern Language*. Nova Iorque: Oxford University Press, pp. 348-342.

<sup>32</sup> **Rossi, A.**, op. cit., p. 75.

<sup>33</sup> Idem, p. 124.

<sup>34</sup> Idem, p. 143.

lugar entre pessoas que se sintam responsáveis umas pelas outras.” Devem, portanto, criar-se “espaços mais particulares, susceptíveis de tornar autónomos os enclaves culturais.”<sup>35</sup> Desta forma podem gerar-se oportunidades para uma evolução natural dos modos de vida comunitários.

A questão da multiplicidade cultural é também, mais recentemente, tratada por Zygmunt Bauman, que em *Trust and Fear in the Cities* (2005), associa o sentimento de insegurança vivido nas cidades à presença de “estrangeiros”, i.e., ao efeito da instabilidade trazido pela globalização. Os indivíduos de outras etnias ou culturas são tidos como factor de imprevisibilidade e, consequentemente, de perigo.<sup>36</sup> No entanto, a proximidade destes “desconhecidos” é o futuro da cidade e, por isso, é necessário ensaiar novos *modus vivendi* que permitam reforçar a convivialidade, sustentado pela redução do espaço privado e crescimento do domínio público.

O espaço público é também objecto de estudo de Jan Gehl. Em *Life Between Buildings* (1971), analisa o conjunto de actividades realizadas no espaço urbano e as condições físicas que as influenciam. A gradação de intensidade das relações sociais faz-se entre os domínios privado e público, sendo que, na “vida entre os edifícios”, participam principalmente os contactos de baixa intensidade, ou seja, contactos passivos (ver e ouvir), contactos casuais, e contactos com conhecidos.

*O contacto de baixa intensidade também é uma situação da qual podem surgir outras formas de contacto. É um meio para o imprevisível, o espontâneo, o imprevisto.*<sup>37</sup>

Estas formas de contacto são novamente associadas à ideia de cidade tradicional. Contrariamente à cidade moderna - de edifícios altos, abundante tráfego automóvel e grandes distâncias entre o construído com diferentes funções, em que circulação pedestre é drasticamente reduzida e, consequentemente, o contacto social em espaço público se perde - na cidade tradicional - com edifícios razoavelmente baixos e próximos, equilíbrio entre o espaço para o tráfego automóvel e o espaço pedonal, e proximidade e variedade funcional - os espaços interiores completam-se com zonas exteriores adjacentes, com mais possibilidades de funcionarem de forma conveniente.

Gehl, como fizera Jane Jacobs, relaciona também a vitalidade urbana com a multifuncionalidade, os “graus de privacidade” e a construção de estrutura comunitária a

---

<sup>35</sup> Hall, E. (1966, “2005”). *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, p. 197.

<sup>36</sup> Bauman, Z. (2005, “2006”). *Confiança e medo na cidade*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, p. 34.

<sup>37</sup> Gehl, J. (1987, “2006”). *La Humanización del Espacio Urbano: La vida social entre los edificios*. Barcelona: Editorial Reverté, p. 23. Tradução livre.

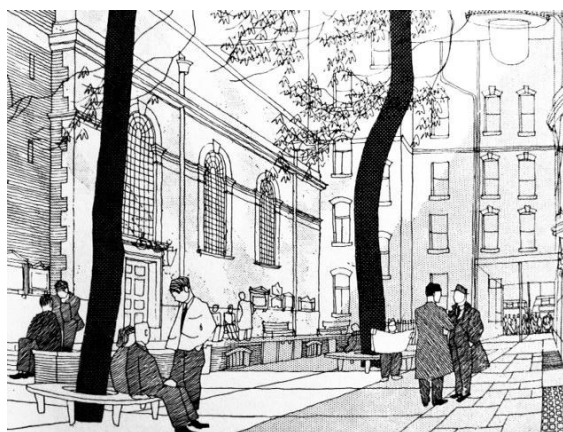
vários “níveis” que permita desenvolver as percepções de território, segurança e pertença. Para se conseguir esta estruturação do espaço urbano é essencial que as transições entre a rua e a casa sejam bem assinaladas fisicamente e, ao mesmo tempo, que estas demarcações permitam o contacto entre zonas, para que se preservem as percepções associadas (Figura 11).<sup>38</sup>

*(...) os limites flexíveis - em forma de zonas de transição, que não sejam nem totalmente privadas, nem totalmente públicas - podem actuar frequentemente como elementos de conexão, tornando assim mais fácil, tanto física como psicologicamente, que os residentes e as actividades oscilem entre os espaços públicos e os espaços privados, entre o interior e o exterior.*<sup>39</sup>

O Grupo de Investigación HABITAR faz uma abordagem contemporânea ao estudo destas relações entre casa e rua, entendidos como esfera privada e espaço público, no sentido de devolver à cidade a sua condição de lugar colectivo. Para isso é necessário “rehabitar” a rua, “domesticá-la”, para reforçar as relações sociais que nela se estabelecem.

*Domesticar a rua, para rehabilitá-la, significa afastá-la da sua configuração de infra-estrutura e aproximá-la, através de elementos e actividades, da condição de lugar, assumindo toda a complexidade que isso pressupõe.*<sup>40</sup>

Esta complexidade reflecte-se na necessidade de reactivar a transição, diluir os limites entre o público e privado, estender à rua a complexidade e riqueza das actividades interiores. Repensar os pisos térreos, diversificando as suas formas de ocupação, pode tornar possível considerar novas formas de relação entre a casa, a rua e o trabalho (Figura 12).



<sup>38</sup> Também Amos Rapoport, em *Human Aspects of Urban Form* (1977), trata os temas da transição e a noção de território, associando-os à simbologia e ao significado da envolvente física. Como já referimos, esta importância do símbolo na arquitectura, que é também objecto de estudo de Christian Norberg-Schulz e Umberto Eco, poderia sustentar uma aproximação diversa à problemática estudada.

<sup>39</sup> Idem, p. 125. Tradução livre.

<sup>40</sup> **Monteys, X. (et alt.)** (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Madrid: Editorial Lampreave, p. 97. Tradução livre.

**Figura 10** - *Recinto*, Gordon Cullen - **Cullen**, G. (1962, “2008”). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, p. 27.



**Figura 11** - *El primer día de primavera*, espaços de transição como lugares de permanência, Edimburgo - **Gehl**, J. (1987, “2006”). *La Humanización del Espacio Urbano: La vida social entre los edificios*. Barcelona: Editorial Reverté, p. 194.



**Figura 12** - *Convivencia de usos distintos en la calle* - **Monteys**, X. (et alt.) (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Madrid: Editorial Lampreave, p.158.

*Quando os pisos térreos se abrem a novas actividades, os limites precisos entre o privado e o público tendem a diluir-se, facilitando a transição “profunda” que inclui o descanso, a contemplação, a actividade e a socialização.*<sup>41</sup>

Em Portugal, entre os anos 60 e 80, iniciativas como as “casas de renda económica” e as operações SAAL permitem, tanto na expansão das cidades como em zonas urbanas consolidadas, a “experimentação de morfologias urbanas tradicionais e a recuperação de espaços da cidade considerados mais aptos a incrementarem as relações sociais entre os

<sup>41</sup> **Monteys**, X. (et alt.), op. cit., p. 154. Tradução livre.



moradores: a rua, a praça ou o agrupamento de fogos em quarteirão.”<sup>42</sup> Este “novo urbanismo” procura associar a construção de habitação de custos controlados a preocupações com a dinâmica do colectivo e com a valorização das relações entre a casa e o espaço público.

É com base neste enquadramento que se percorrem as questões inerentes às práticas do colectivo, suscitadas por um conjunto de autores, tendo em conta as relações entre os domínios público e privado e a articulação entre interacção e recolhimento, convivialidade e privacidade, na procura de soluções para uma investigação pelo projecto, no confronto com o tecido urbano consolidado.

---

<sup>42</sup> **Lamas**, J., op. cit., p. 458.



### 3. Convivialidade e privacidade

Como vimos, se por um lado, a arquitectura moderna procurou “organizar o colectivo”<sup>43</sup>, por outro, “os instrumentos que conferiram ao homem o seu maior poder dinâmico - a mobilidade total e a comunicação instantânea - são precisamente aqueles que estão a destruir o equilíbrio do habitat humano.”<sup>44</sup>

A condição humana não se afirma através de um isolamento abstracto, mas sim pela abertura do indivíduo a um meio interpessoal, em relação ao qual se situa e se adapta. A *convivialidade*, entendida na sua relação com o conceito de *comunidade*, como capacidade humana para partilhar o espaço, é, portanto, simultaneamente, condição fundamental da interacção social e da expressão individual.<sup>45</sup> Interessa assim, distanciar a *convivialidade* da definição de “*sentimento subjectivo*”<sup>46</sup> e compreendê-la como capacidade humana para promover trocas recíprocas entre os indivíduos ou grupos que compõem a sociedade, sustentada pelas características físicas do lugar em que se desenvolvem.

*A tolerância, a oportunidade para aparecerem grandes diferenças entre vizinhos - diferenças que frequentemente são mais profundas do que as raciais - as quais são possíveis e normais numa vida intensamente urbana (...), são possíveis e normais só quando as ruas das grandes cidades dispõem de uma infra-estrutura que permita uma convivência pacífica com estranhos, em condições civilizadas mas fundamentalmente dignas e reservadas.*<sup>47</sup>

Esta condição de reserva no espaço público urbano, apontada por Jane Jacobs, encontra paralelo na importância dada por Christopher Alexander e Serge Chermayeff ao conceito de *privacidade*.

*(...) há um precioso ingrediente do passado que está em perigo de extinguir-se rapidamente: a privacidade, esse maravilhoso componente de retiro, independência, solidão, silêncio, contemplação e concentração.*<sup>48</sup>

A privacidade pode ser entendida como a “qualidade do que é íntimo”, “o que é particular e favorito de uma pessoa ou de um dado grupo”.<sup>49</sup> Está, portanto, associada ao conceito de território e ao desenvolvimento das relações sociais.

---

<sup>43</sup> Kopp, A., op. cit., p. 252. Tradução livre.

<sup>44</sup> Chermayeff, S., Alexander, C., op. cit., p. 80. Tradução livre.

<sup>45</sup> Coelho, A., op. cit., p. 221.

<sup>46</sup> Shaftoe, H. (2008). *Convivial Urban Spaces: Creating Effective Public Spaces*. Londres: Cromwell Press, p. 7.

<sup>47</sup> Jacobs, J., op. cit., pp. 77-78.

<sup>48</sup> Chermayeff, S., Alexander, C., op. cit., p. 33. Tradução livre.

<sup>49</sup> Coelho, A., op. cit., p. 261.

As condições de *convivialidade* e *privacidade* são indissociáveis. Relacionam-se de forma recíproca e complementar, o que significa que o êxito de cada uma, depende da relação adequada com a outra. Não existe, portanto, verdadeira percepção de privacidade sem que haja lugar para a convivialidade e esta, inversamente, depende directamente do contraponto criado pela preservação da privacidade. Este pressuposto significa que a *casa*, entendida como domínio privado, deve conter espaços de convivialidade, assim como da *rua*, entendida como domínio público, devem fazer parte espaços de maior grau de privacidade ou recolhimento. É, portanto, deste ponto de vista, insuficiente, o desígnio de que “os conceitos de *público* e *privado* podem ser interpretados como a tradução em termos espaciais de *colectivo* e *individual*.”<sup>50</sup>

*O privado e o público (...) só podem ser entendidos a partir da composição entre interacção e recolhimento.*<sup>51</sup>

Para o equilíbrio e articulação destas duas acções é de fundamental importância a definição dos elementos que separam as esferas do individual e do colectivo, do público e do privado. Tornar as suas fronteiras mais nítidas não exclui contaminações recíprocas, pelo contrário, fortalece-as.

*A clivagem espacial e temporal da existência de dois domínios nitidamente delimitados não é atenuada somente nas margens por transições complexas; ela é parcialmente superada por um jogo de influências cruzadas (...).*<sup>52</sup>

Aldo Rossi transporta este princípio para o debate sobre *a arquitectura da cidade*:

*(...) uma cidade é um sistema no qual toda a vida, e portanto a quotidiana, também mostra a tendência para se polarizar, para se desenvolver, pois, nos termos de agregado social público ou privado. Desenvolvem-se uma esfera pública e uma privada, que estão em estreita relação sem que se perca a polarização. (...) Quanto mais fortemente se exercita a polarização e mais estreita é a relação de intercâmbio entre a esfera pública e a privada, mais “urbana” é, sob o ponto de vista da sociologia, a vida de um agregado. Em caso contrário, um agregado desenvolverá menos o carácter de cidade.*<sup>53</sup>

A arquitectura deve, portanto, ter em conta uma hierarquização de zonas - claramente articuladas, com diferentes domínios espaciais para todas as gradações de privacidade e de

---

<sup>50</sup> Hertzberger, H. (1991, “2006”). *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 12.

<sup>51</sup> Rapoport, A. (1977, “1978”). *Aspectos Humanos de la Forma Urbana, Hacia una Confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 264. Tradução livre.

<sup>52</sup> Antoine Prost, in Ariès, P., Duby, G. (1985, “1991”). *História da vida privada*. Porto: Edições Afrontamento, p. 129.

<sup>53</sup> Rossi, A., op. cit., p. 127.

vida comunitária - feita através da definição de elementos físicos de transição, “unidades vitais e independentes”.<sup>54</sup>

Esta hierarquização espacial traduz-se na sucessão articulada de vários níveis estruturantes da convivialidade, que correspondem a diferentes realidades físicas do habitat, desde a escala urbana, ao interior da casa. São, assim, de igual pertinência para construção do ambiente colectivo, tanto as sucessões de espaços públicos no tecido urbano - que permitem ler a cidade como estrutura colectiva unitária - como as transições dentro de um domínio mais restrito - identificável como “vizinhança alargada” ou “bairro” e que permite sustentar as percepções de pertença e território - e dentro do próprio edifício e da “casa” - entre os espaços de interacção e os espaços de recolhimento.<sup>55</sup>

Embora estes conceitos pareçam relacionados directamente com as expressões físicas de exterior e interior, deve possibilitar-se a sua interacção nos dois contextos. Aspectos como o dimensionamento, a forma e a materialidade do espaço, podem contribuir para, por um lado, dotar o espaço público de oportunidades de introversão e de maior grau de privacidade e, inversamente, conferir ao espaço privado da casa condições para conter algumas zonas de maior extroversão. Criar estas oportunidades não deve significar uma imposição de comportamentos específicos para cada espaço, deve-se sim, dar lugar a contactos sociais espontâneos com certo grau de informalidade e descompromisso.

*É a certeza de que podemos interromper o contacto ou nos retirarmos quando quisermos que nos encoraja a prosseguir. (...) O estabelecimento de contacto é, de certo modo, como o processo de sedução, em que ambos os lados fazem reivindicações iguais sabendo que a retirada é possível a qualquer momento.*<sup>56</sup>

Para que se desenvolva esta espontaneidade, o espaço colectivo deve sobrepor-se a percursos e territórios comuns, i.e., colocar-se a par de circulações quotidianas, geradas por interesses mútuos<sup>57</sup> e relacionadas com a presença de “elementos primários”<sup>58</sup> e com a convivência de diferentes funções em proximidade. A multifuncionalidade é, portanto, também um factor preponderante para o sucesso dos espaços de convivialidade.

*(...) onde existe um número limitado de pessoas com interesses ou origens comuns, as actividades sociais nos espaços públicos podem ser muito completas: cumprimentos, conversas, debates e jogos que surgem a partir de*

---

<sup>54</sup> Chermayeff, S., Alexander, C., op. cit., p. 34. Tradução Livre.

<sup>55</sup> Coelho, A., op. cit., pp. 223-225.

<sup>56</sup> Hertzberger, H., op. cit., p. 178.

<sup>57</sup> Este tipo de actividades, identificadas por Jan Gehl como “actividades opcionais” e “actividades sociais”, correspondem àquelas que partem do desejo de nelas participar, se o tempo e o lugar o permitirem, sem que sejam impostas. Gehl, J., op. cit., pp. 18-20.

<sup>58</sup> Como vimos, os “elementos primários” de Aldo Rossi são factos urbanos que, pelo seu significado, adquirem natureza particular e que, por isso, funcionam como elementos atractivos do tecido urbano.

*interesses comuns e porque as pessoas “se conhecem” umas às outras, ainda que seja pela simples razão de que se vêem com frequência.*<sup>59</sup>

O conhecimento mútuo e o reconhecimento de um determinado lugar como facto que pertence ao indivíduo ou a um grupo restrito, estão directamente relacionados com as noções de território, segurança e identidade, essenciais para dotar os espaços colectivos de interacção social.

*Um “ninho seguro” - um espaço conhecido à nossa volta, onde sabemos que as nossas coisas estão seguras e onde podemos nos concentrar sem sermos perturbados pelos outros - é algo que cada indivíduo precisa tanto quanto o grupo.*<sup>60</sup>

O conceito de *identidade*, como elemento essencial das relações sociais, pode associar-se ao estudo do *símbolo* e do *significado*. Christian Norberg-Schulz demonstra que a interacção social depende, por um lado, da existência de elementos culturais comuns, como crenças e símbolos, e por outro, da sua identificação própria e nítida, ou seja, a compreensão das expectativas e do significado dos signos.<sup>61</sup>

Para que arquitectura promova a convivialidade é, portanto, em suma, necessário que se preserve a relação recíproca entre interacção social e recolhimento, entre a convivialidade e a privacidade (ou intimidade), permitindo assim desenvolver as percepções de território, segurança e pertença. Neste sentido, a hierarquização dos espaços e a definição clara dos limites e das transições entre as esferas pública e privada, individual e colectiva, são fundamentais. Por outro lado, são também importantes para a activação do espaço colectivo (principalmente o público) a sua configuração espacial e a variedade e concentração funcional, responsáveis pelo desenvolvimento de interesses comuns e de contactos espontâneos no quotidiano. Posto de parte, como tema de investigação que poderia ganhar autonomia para a compreensão, tanto da noção de território, como da existência de elementos urbanos de carácter especial (“elementos primários”), está o estudo da semiótica, ainda que constituísse uma aproximação possível à problemática investigada.

---

<sup>59</sup> Gehl, J., op. cit., p. 21. Tradução livre.

<sup>60</sup> Hertzberger, H., op. cit., p. 28.

<sup>61</sup> Norberg-Schulz, C. (1974, “1988”). *Système logique de l’architecture*. Liège: Pierre Mardaga Éditeur.







## 4. A cidade de domínio público

### 4.1. A rua, sala de estar comunitária

A colina de Santana, situada entre os vales ocupados pela Avenida da Liberdade e pela Avenida Almirante Reis, é marcada por vastas descontinuidades na estrutura de atravessamento público da cidade. Resistentes às transformações no tecido urbano, os territórios murados de cinco unidades conventuais, actualmente ocupados por serviços hospitalares, constituem enclaves fortemente enraizados na cidade consolidada (Figura 13).

Os conventos de Santo António dos Capuchos (Hospital de Santo António dos Capuchos), Santa Marta (Hospital de Santa Marta), Rilhafoles (Hospital Miguel Bombarda), Santo Antão-o-Novo (Hospital de São José) e Desterro (Hospital de Nossa Senhora do Desterro, já desactivado), inserem-se no plano de reconversão da colina de Santana, que prevê, por força da construção do novo Hospital Oriental de Lisboa, a desactivação dos cinco hospitais e a devolução dos seus territórios à cidade. A esta preocupação acrescenta-se o cuidado na preservação do património histórico-arquitectónico e a intenção de transformar a “Colina da Saúde” na “Colina do Conhecimento”, como forma de criar novos polos de atracção da vida urbana.<sup>62</sup>

*É nos espaços públicos que a vida urbana, e tudo o que a diferencia de outros tipos de existência colectiva, alcança a sua expressão máxima.*<sup>63</sup>

Bauman sugere uma “transformação das mentalidades que permita passar da criação de espaços privados a um domínio público mais amplo” que “deveria servir múltiplos fins e não obstaculizar a comunicação humana, mas facilitá-la”.<sup>64</sup> É a este domínio público, lugar da interacção social, que Alison e Peter Smithson chamam de *rua*:

*A rua não é apenas um meio de acesso, mas também uma arena para a expressão social.*<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> **Salgado**, M. (2011). Entrevista: Colina de Santana será a Colina do Conhecimento. Entrevista por Eduardo Melo, [periódico] *Económico*, [online] 21 de Dezembro. Disponível em: <[http://economico.sapo.pt/noticias/colina-de-santana-sera-a-colina-do-conhecimento\\_134200.html](http://economico.sapo.pt/noticias/colina-de-santana-sera-a-colina-do-conhecimento_134200.html)>. [Consultado em 13 de Agosto de 2013].

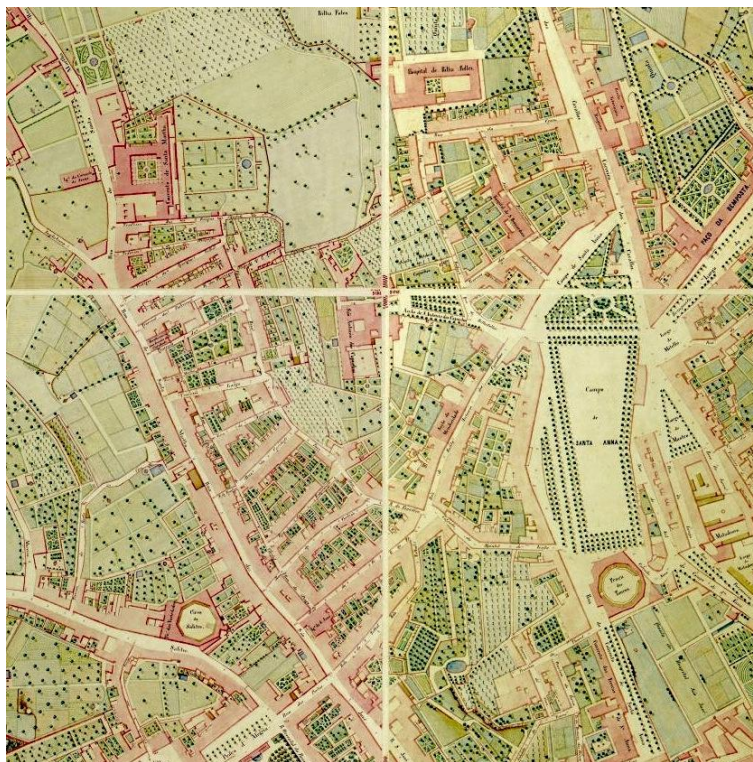
<sup>63</sup> **Bauman**, Z., op. cit., p. 67.

<sup>64</sup> Idem, p. 69.

<sup>65</sup> *Uppercase*, Alison e Peter Smithson, in **Smithson**, A., op. cit., p. 98. Tradução livre.



**Figura 13** - Os enclaves na colina de Santana – Desenho do autor.



**Figura 14** - A colina de Santana no século XIX, plantas de Filipe Folque - **Viegas, I. M., Tojal, A. A. (2000).** *Atlas da Carta Topográfica de Lisboa sob a direcção de Filipe Folque: 1856 - 1858.* Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, plantas nº. 19, 20, 27, 28.



**Figura 15** - Vista aérea (imagem de satélite) da colina de Santana na condição presente - <maps.google.com>

A *rua* deve, portanto, ser reconhecida como “espaço de integração de funções e de cruzamento de vários tipos de sociabilidades, de múltiplas e diversificadas interacções sociais” <sup>66</sup>. Esta concepção encontra correspondência na análise de Poète, apontada por Rossi, que conclui que “a cidade nasce num dado lugar mas é a rua (...) que a mantém viva. Associar o destino da cidade às vias de comunicação é pois uma regra de método fundamental”. E “é necessário caracterizá-las também segundo a natureza das trocas que lá se efectuam, as trocas culturais em paridade com as comerciais.” <sup>67</sup>

É com base nos posicionamentos destes autores - que espelham um amplo consenso sobre a importância da *rua* na dinâmica urbana - e cingindo a intervenção à área actualmente ocupada pelo Hospital de Santo António dos Capuchos, que se procura romper o enclave e enquadrá-lo na cidade consolidada como espaço público de atravessamento e permanência. Pretende-se, assim, a transformação deste território, no sentido de criar uma sucessão de lugares reconhecíveis pela sua singularidade e como elementos constituintes de uma estrutura unitária, o domínio público a escala urbana alargada.

As soluções de projecto seguem uma estratégia de configuração do espaço público que evoca a memória do lugar, elementos da morfologia urbana que remontam à instalação do convento no século XVI e às sucessivas alterações e ampliações realizadas depois do terramoto de 1755.

A partir da análise comparativa da planta de Lisboa no século XIX, de Filipe Folque (Figura 14), e da vista aérea do mesmo local na condição presente (Figura 15), é reconhecível, a Norte, que o jardim de forma triangular, entre a Rua Dr. Almeida Amaral e a Alameda de Santo António dos Capuchos, fez outrora parte da área limitada pela cerca do convento. A solução proposta (Figura 16) procura recrear esta ligação através da extensão deste espaço de permanência para o interior da área de intervenção. Esta unidade confere também maior importância à Rua Dr. Almeida Amaral como percurso de ligação ao território ocupado actualmente pelo Hospital Miguel Bombarda, tornando-o assim parte integrada de um sistema que liga as áreas das cinco estruturas hospitalares a reabilitar.

---

<sup>66</sup> Cordeiro, G., Vidal, F. (2008). *A Rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 11.

<sup>67</sup> Rossi, A., op. cit., p. 64-65.





**Figura 16** - Planta da proposta urbana – Desenho do autor.

O adro da igreja e a alameda que lhe dá acesso, são também entendidos como estruturas a preservar: a primeira porque constitui um lugar de “ocupação estática” do espaço exterior e a segunda porque, “com princípio e fim bem definidos e um carácter próprio”, constrói um lugar de “apropriação pelo movimento”.<sup>68</sup> Pelo ritual que representam e por assinalarem a porta de entrada no convento, que se manteve com a ocupação do hospital, constituem elementos-chave no reconhecimento da condição pública do lugar.

Através da análise deste território é também reconhecível a presença do limite da cerca que envolve o convento a Sul. Propõe-se a devolução deste elemento como percurso de ronda público, despojando-o dos edifícios que a ele se sobrepuseram com a ocupação do hospital. Desta forma é possível recriar um lugar de excepção na paisagem urbana, numa posição proeminente na cidade, que encontra paralelo nos seus diversos miradouros, como o miradouro de S. Pedro de Alcântara, o Jardim do Torel, ou os miradouros da Graça e da Nossa Senhora do Monte, também associados a ocupações de equipamentos religiosos (Figura 17).

Também o Palácio Mello, datado do século XVII e associado ao conjunto aquando da fundação do Asilo da Mendicidade de Lisboa por D. Maria II no século XIX, assume elevada importância na configuração do espaço público. O largo que lhe é adjacente e o pórtico que pontua a transição entre o recinto e a Rua de Santo António dos Capuchos, assinalam um ponto de entrada a Nascente, que desvenda a permeabilidade deste território.

Por outro lado, ao subir a encosta poente da colina de Santana, o transeunte chega à Rua do Passadiço deparando com um muro intransponível. A possibilidade de rompimento desta barreira e a consequente criação de permeabilidades entre a Avenida da Liberdade e a zona a montante, podem constituir factores importantes para a revitalização do bairro consolidado nesta encosta. A busca de soluções para a criação de condições de atravessamento, gerando oportunidades de encontro e permanência no espaço público, justifica um aprofundamento da investigação pelo projecto (Figura 18).

A eliminação do muro, preservando parcialmente o seu plano marginal, mas flectindo-o para criar um alargamento da estreita Rua do Passadiço, configura uma “sala de estar comunitária”<sup>69</sup>, um largo que anuncia a transição de escala dos espaços públicos: das “domésticas” ruas do bairro consolidado, ao novo tecido urbano de carácter progressivamente “mais público”.

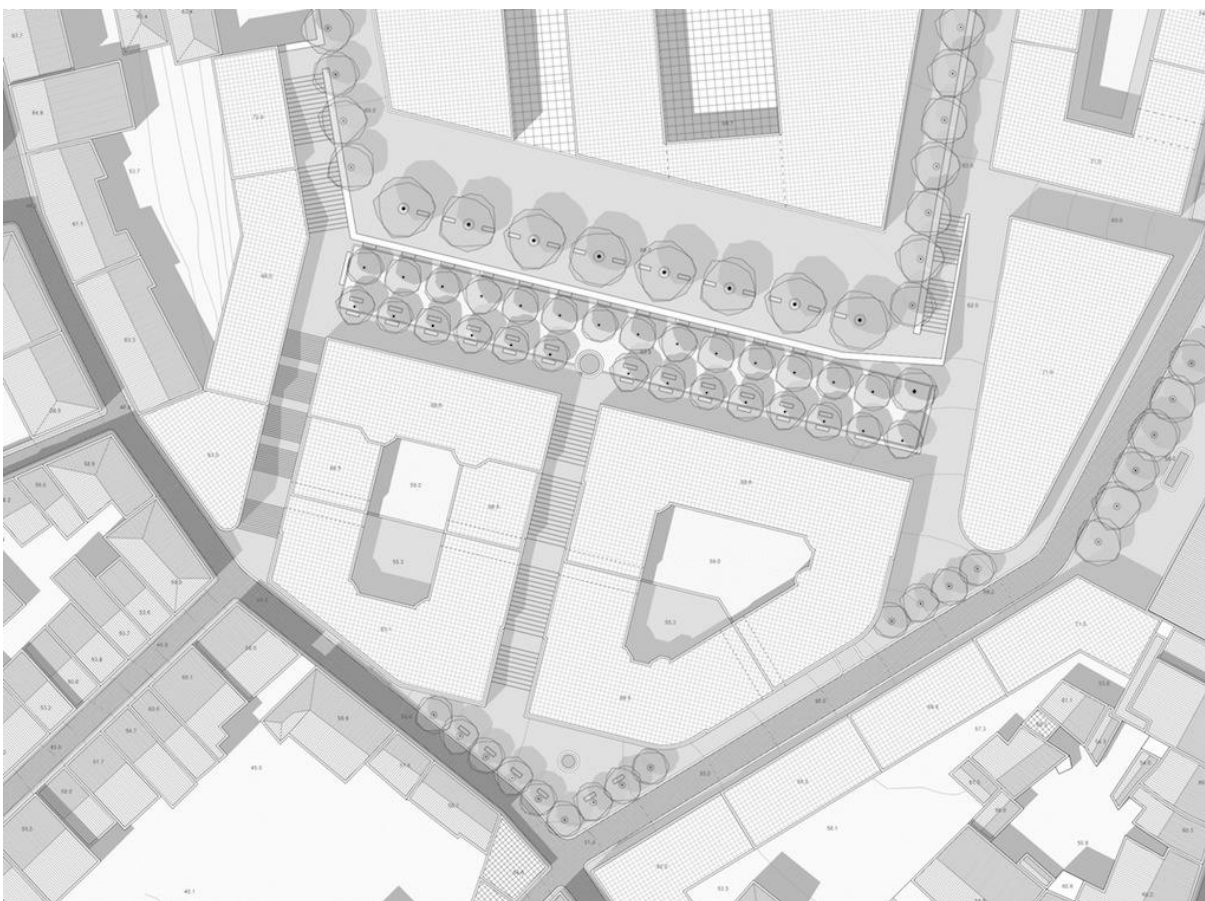
---

<sup>68</sup> Cullen, G., op. cit., p. 25.

<sup>69</sup> Hertzberger, H., op. cit., p. 48.



**Figura 17** - Vista panorâmica do miradouro de S. Pedro de Alcântara com miradouros assinalados - Fotografia do autor.



**Figura 18** - Planta da área de aprofundamento do projecto - Desenho do autor.

A montante, a memória da cerca contribui para dar forma a um grande espaço público repartido em dois patamares que assume a centralidade do projecto urbano (Figura 19). O patamar superior é simultaneamente um miradouro e uma praça definida por um conjunto de equipamentos públicos. No patamar inferior, constrói-se um elemento de singular morfologia que partilha características de uma rua larga e de uma praça comprida, definido pelo muro da antiga cerca, a Norte, e pela fachada de um edifício multifuncional, a Sul. Por outras palavras, apesar da forma longilínea e da inexistência de edifícios de excepção sugerirem o conceito de *rua*, a procura da criação de um “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, das práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária”<sup>70</sup> e o facto de existir “a vontade e o desenho de uma forma e de um programa”<sup>71</sup>, aproximam-no da definição de *praça*.

O “programa” manifesta-se à imagem da concepção medieval de praça, i.e., “o espaço público por excelência”, lugar do mercado que prolonga a função comercial pelas ruas.<sup>72</sup>

*Embora o padrão de uso tenha variado ao longo da História, apesar das diferenças, subtis ou não, o espaço público sempre funcionou como lugar de encontro, mercado e espaço de circulação.*<sup>73</sup>

A solução proposta serve-se da memória espacial da “alameda” do Edifício C6 da Faculdade de Ciências da U. L. (Figura 20), projectado por José Nesves, e do conceito posto em prática por Herman Hertzberger no projecto para a Praça Vredenburg (Figura 21), em Utrecht. No segundo, a aparente indefinição do espaço e a presença de vegetação e mobiliário urbano possibilitam diversas “situações de uso”<sup>74</sup> e tornam a praça equipada e povoada mesmo nos dias em que não há feira, mercado ou outras actividades ocasionais. Este projecto põe em prática a concepção de Christopher Alexander de “um espaço que contenha um equilíbrio subtil entre ser definido e não completamente definido, de modo a que qualquer actividade que seja natural para a vizinhança se possa desenvolver livremente, em qualquer momento, e que, ainda assim, tenha um ponto de partida.”<sup>75</sup>

---

<sup>70</sup> Idem, p. 102.

<sup>71</sup> Lamas, J., op. cit., p. 100.

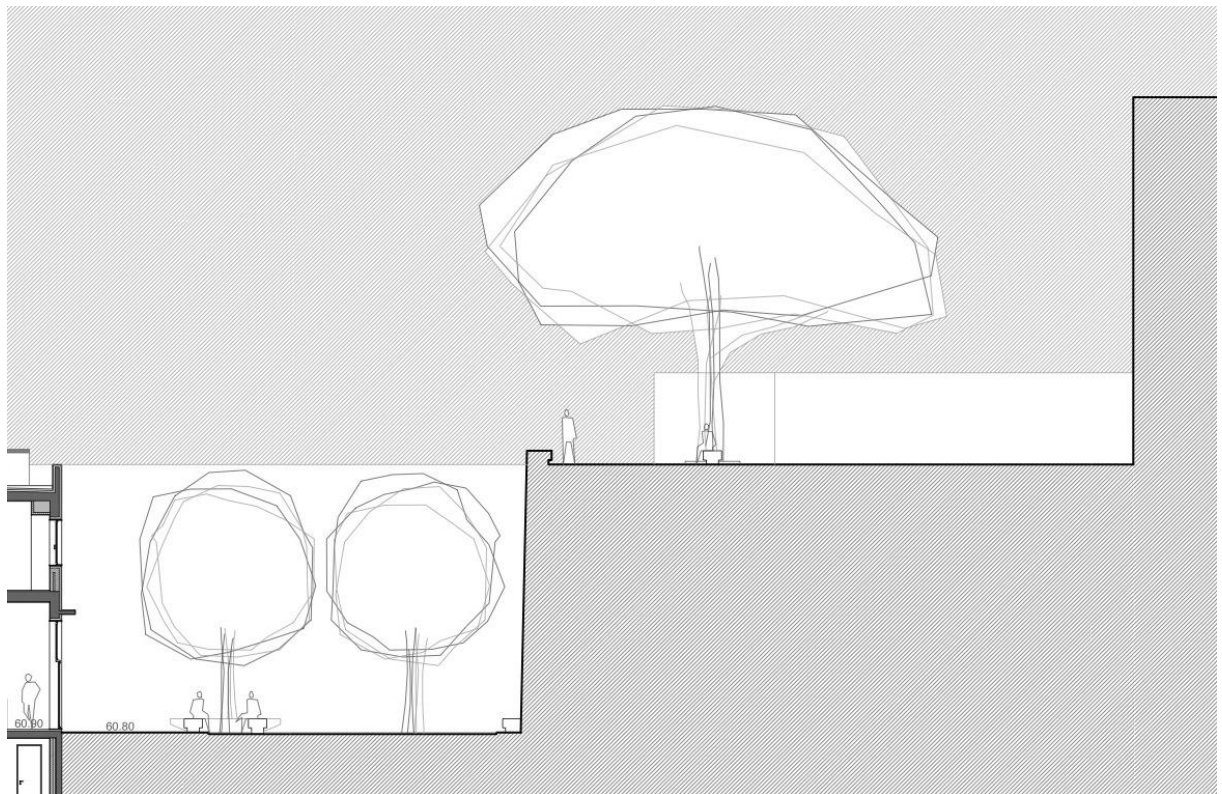
<sup>72</sup> Idem, p. 154.

<sup>73</sup> Gehl, J., Gemzoe, L. (2003). *New City Spaces*. Copenhagen: The Danish Architectural Press, p. 10.

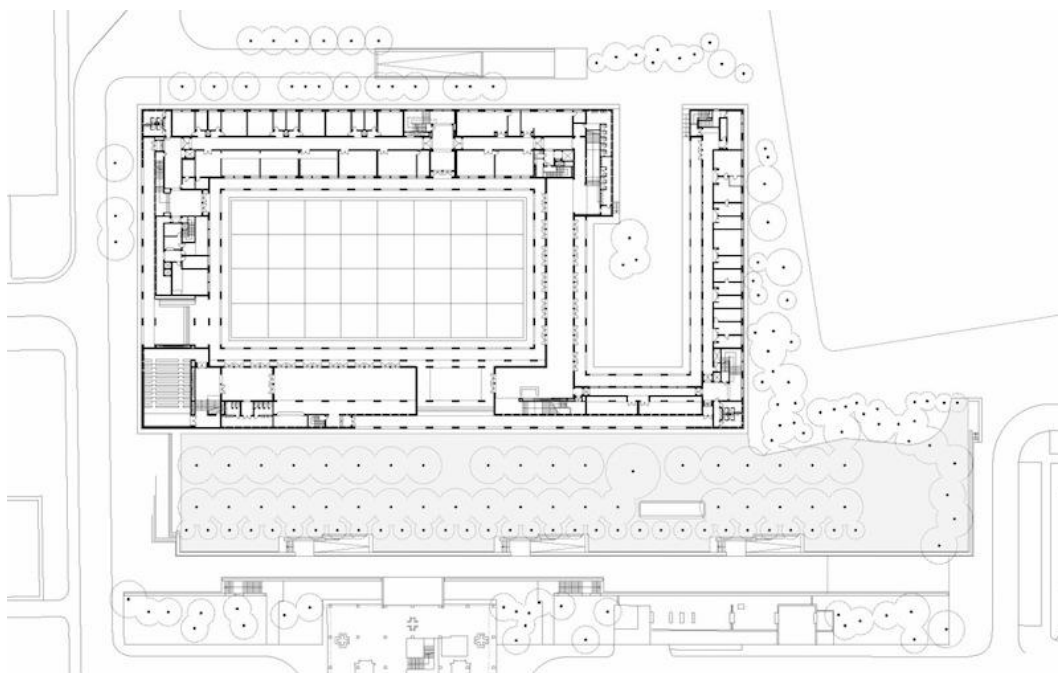
<sup>74</sup> Hertzberger, H., op. cit., pp. 156-157.

<sup>75</sup> Alexander, C., Ishikawa, S., Silverstein, M., op. cit., p.349. Tradução livre.

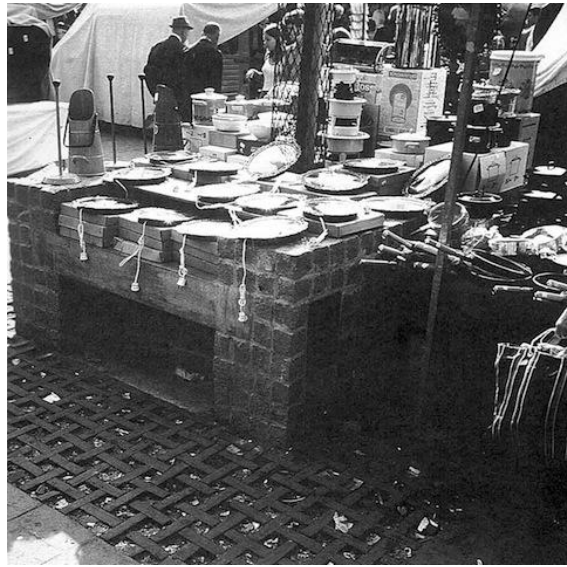




**Figura 19** - Corte transversal à cerca - Desenho do autor.



**Figura 20** - Planta e vista exterior da “Alameda” do Edifício C6 da Faculdade de Ciências da U. L., José Neves, Lisboa, 1993-2003. - <joseneves.net>



**Figura 21** - Praça Vredenburg, Herman Hertzberger, Utrecht. - **Hertzberger**, H. (1991, "2006"). *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, p.156.

(...) *vacant land is not enclosed enough. (...) it provides too little shelter, and too little "reason to be there". (...) What is needed is a framework which is just enough defined so that people naturally tend to stop there; and so that curiosity naturally takes people there, and invites them to stay. Then, once community groups begin to gravitate toward this framework, there is a good chance that they will themselves, if they are permitted, create an environment which is appropriate to their activities.*<sup>76</sup>

Os percursos que ligam a Rua do Passadiço à praça, em torno e através do edifício multifuncional são também, para além de vias de circulação, espaços que, por antecederem os acessos ao interior semi-público do edifício, propiciam encontros entre moradores e catalisam a percepção de vizinhança. Estes lugares “neutros”<sup>77</sup> constituem a primeira etapa do percurso progressivamente mais íntimo, entre a rua e a casa.

Deste conjunto de unidades morfológicas, com qualidades espaciais específicas, que se relacionam entre si para construir o território público da cidade, fazem ainda parte os pátios interiores do edifício (Figura 22), que se enquadram na concepção de *recinto*, de Cullen. O ambiente “estático e equipado”<sup>78</sup> e a “escala humana” que encerram contrastam com o “ruído e o ritmo apressado” das ruas.<sup>79</sup> Por outro lado, o contacto entre a realidade interior e a exterior cria uma ambiguidade ilustrada por Cullen para retratar a ideia de *recinto* (Figura 10). Esta proximidade é, segundo Alexander, essencial para a construção de “pátios com vida”<sup>80</sup>. É também importante criar mais do que um destes pontos de contacto para que se tome consciência do contraponto interior-exterior e para que o pátio, reconhecido como um percurso de atravessamento, se torne um espaço de convivialidade de um colectivo mais alargado, um lugar de grau intermédio, entre a casa e a rua, que explore a sua potencialidade específica. Torna-se, neste sentido, reconhecível a referencia à Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa, projectada por Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas (1962), que cria “um adro que liga um percurso entre duas ruas, a ideia de igreja aberta à sociedade e aos valores da cidadania”, “um espaço aberto central, articulador dos acessos em socolcos, ligando as cotas das diferentes ruas através de um percurso urbano resolvido com escala e intimidade”<sup>81</sup> (Figura 23).

---

<sup>76</sup> Idem, p. 350.

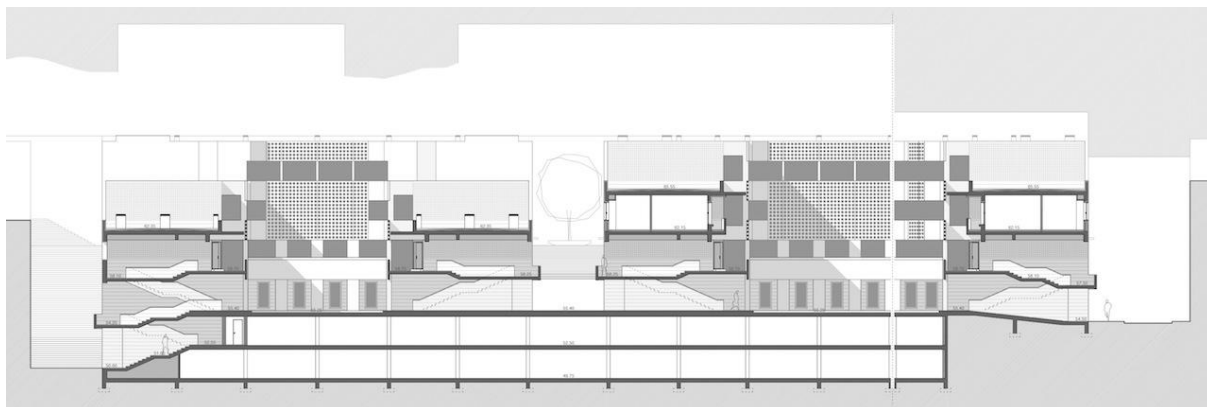
<sup>77</sup> *La gente se interrelaciona en una calle neutra y retorna a su privacidad.* in **Rapoport**, A., op. cit., p. 241.

<sup>78</sup> **Cullen**, G., op. cit., p. 25

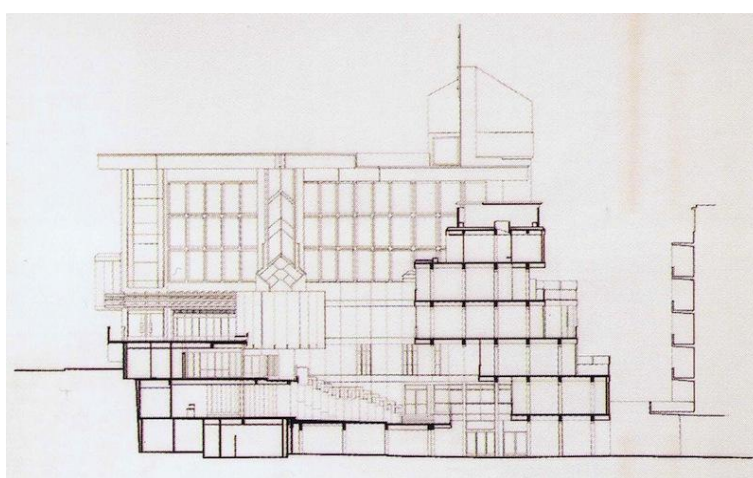
<sup>79</sup> Idem, p. 27.

<sup>80</sup> “Courtyards which live”, **Alexander**, C., **Ishikawa**, S., **Silverstein**, M., op. cit., pp. 561-564. Tradução livre.

<sup>81</sup> **Tostões**, A. (et alt.) (2004). *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera Editores, pp. 196-197.



**Figura 22** - Corte longitudinal pelos acessos aos pátios do edifício - Desenho do autor.



**Figura 23** - Alçado corte, Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, Lisboa, 1962-1976. - Tostões, A. (et alt.) (2004). *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera Editores, p. 200.



**Figura 24** - Playground de Aldo van Eyck, Zaanhof, Amsterdão, 1948 - Ligtelijn, V. (1999). *Aldo van Eyck, Works*. Basileia: Birkhäuser - Publishers for Architecture, p. 74.

O cuidado na definição destes espaços proporciona a coexistência de múltiplos tipos de interacção social, de maior ou menor profundidade, e oferece “condições para uma experiência de uso intensa, capaz de contribuir para tornar menos hierarquizados os padrões das relações entre sujeitos.”<sup>82</sup>

Na concepção do pátio está patente uma analogia com o princípio aplicado por Aldo van Eyck no projecto para o orfanato de Amsterdão (Figura 8) que, como vimos, compara a cidade a uma grande casa e, em sentido inverso, a casa a uma pequena cidade. O pátio partilha esta dimensão ambivalente: pode ser entendido como uma “praça” desenhada pelas casas de uma pequena cidade ou como uma “sala” para a qual convergem os quartos de uma grande casa. É, neste sentido, um espaço que se pode tornar o “prolongamento das habitações” habilitado a receber “actividades dificilmente realizadas no interior dos fogos”, como jardinagem, brincadeiras de crianças ou encontros de grandes grupos.<sup>83</sup>

*(...) a zona de jogos tem uma função importante como lugar de encontro, como ponto de partida para outras actividades infantis. (...) os jardins e a jardinagem, por exemplo, podem cumprir bastante bem a mesma tarefa para grupos de outras idades.*<sup>84</sup>

A importância atribuída por Jan Gehl aos lugares de encontro para crianças e adultos corrobora o ideia patente no princípio formulado por Aldo van Eyck de que as cidades devem (também) ser construídas a pensar na utilização que é feita pelas crianças:

*If they [cities] are not meant for children, they are not meant for citizens either. If they are not meant for citizens - ourselves - they are not cities.*<sup>85</sup>

Os *playgrounds* de Aldo van Eyck (Figura 24) demonstram a capacidade de conferir maior urbanidade ao domínio público. Não só o equipam para que seja usado por crianças, como também, promovem a interacção social dos adultos que as acompanham.

No pátio, como na praça, a zonas de terreiro pavimentada com saibro, assinala uma área diferenciável, uma arena que confere maior domesticidade ao espaço público e que propicia utilizações de maior informalidade.

## 4.2. Elementos primários, pólos atractivos da vida urbana

---

<sup>82</sup> Martins, J. P. (2006). *Os espaços e as práticas - arquitectura e ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade Técnica de Lisboa, p. 267.

<sup>83</sup> Coelho, A., op. cit., p. 235.

<sup>84</sup> Gehl, J., op. cit., pp. 129-131. Tradução livre.

<sup>85</sup> Aldo van Eyck, *The Child, the City and the Artist - An Essay on Architecture - The Inbetween Realm* (1962), in Strauven, F. (1994, “1998”). *Aldo Van Eyck: the Shape of Relativity*. Amsterdão: Architectura & Natura Press, p. 409.



O projecto para os espaços públicos referidos no capítulo anterior apoia-se na dimensão cultural do lugar e na importância dos elementos urbanos que lhes conferem singularidade, consolidados pela história, tanto na estrutura morfológica da cidade, como na construção da sua identidade. Segundo Rossi, a qualidade destes espaços depende da presença de “elementos primários”, factos urbanos de natureza singular e carácter público que “participam da evolução da cidade no tempo, de modo permanente, identificando-se frequentemente com os factos constituintes da cidade.”<sup>86</sup> Por outras palavras, “os elementos primários configuram-se como aqueles que, com a sua presença aceleram o processo da dinâmica urbana”, “distingem-se tendo por base a sua forma e, em certo sentido, a sua excepionalidade no tecido urbano”<sup>87</sup> e “possuem um valor em si, mas também um valor disposicional.”<sup>88</sup> Assim, “um edifício histórico pode ser entendido como um facto urbano primário; resulta desligado da sua função originária, ou apresenta no tempo várias funções, no sentido do uso a que é destinado sem, no entanto, modificar a sua qualidade de facto urbano gerador de uma forma de cidade.”<sup>89</sup>

As unidades conventuais, exemplos paradigmáticos de construções que suportam diversas utilizações ao longo do tempo, constituem, portanto, elementos primários. Neste sentido, a preservação dos elementos urbanos que remetem à génese do Convento de Santo António dos Capuchos e do Asilo da Mendicidade de Lisboa, são de relevância maior para a valorização do espaço público. Não apenas a igreja, o edifício que envolve o claustro e o Palácio Mello se enquadram nesta condição, mas também os “vazios” que têm sobrevivido, com maior ou menor descaracterização: o adro da igreja, a alameda que lhe dá acesso desde o Campo de Santana, o pátio do palácio e o percurso da cerca.

Como vimos, na memória da cerca reconhece-se a qualidade singular de um limite atravessável, capaz de simultaneamente separar e unir dois lugares com qualidades distintas, constituindo, por isso, para além de um elemento primário, um elemento de transição. Se por um lado une o *plateau*, que reúne vários equipamentos públicos, à zona envolvente, maioritariamente residencial, dinamizando as áreas e funções circundantes, por outro, separa espaços com diferente grau de intimidade.

Esta ideia de *plateau* estabelece pontos de contacto com o sentido da acrópole grega recordado por Rossi (Figura 25):

---

<sup>86</sup> Rossi, A., op. cit., p.124.

<sup>87</sup> Idem, p.124.

<sup>88</sup> Idem, p. 127.

<sup>89</sup> Idem, pp. 127-128.

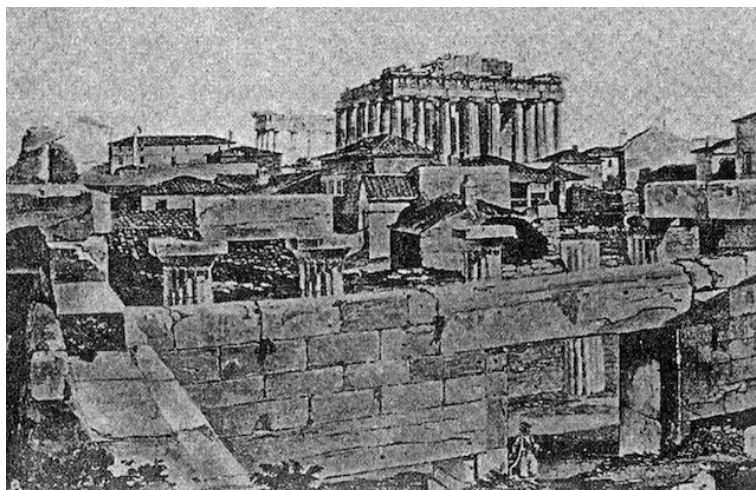
*Eis que na estrutura de Atenas aqueles que chamámos como sendo factos urbanos primários estão aqui, efectivamente definidos, como os elementos geradores da cidade; o templo e os órgãos da vida política e social; em torno, variadamente dispostas e em contínua evolução, estão as áreas de residência. A residência participa de facto, activamente, na formação da cidade grega, constituindo o seu desenho de fundo através do qual nos damos conta dos factos principais.*<sup>90</sup>

É neste sentido que o projecto procura explorar a geografia do lugar, acentuando o seu carácter público para criar um polo atractivo da vida urbana numa escala alargada (Figura 26).

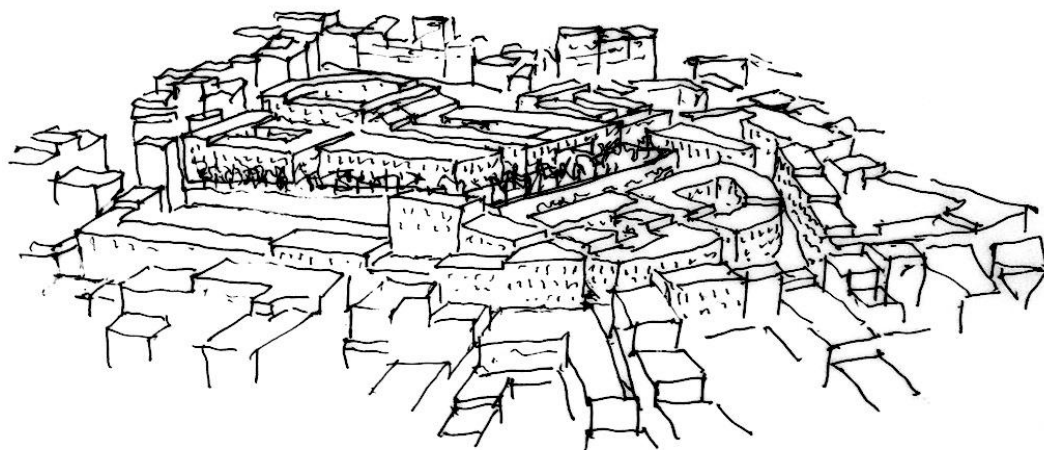
---

<sup>90</sup> Idem, p. 198.





**Figura 25** - Vista da Acrópole a partir dos Propileus, em 1830. - **Rossi, A.** (1966, "2001"). *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, p. 196.



**Figura 26** - Vista da colina de Santana com a implantação do projecto - Desenho do autor.

#### 4.3. A dimensão colectiva da cidade tradicional

Interessa agora explorar, do ponto de vista do projecto, o arquétipo de cidade tradicional, já mencionado a propósito da prática de vários autores.

Por cidade tradicional entenda-se mais do que um modelo urbano díspar daquele posto em prática pelo movimento moderno: o modelo tradicional de “cidade objecto” e de “cidade compacta” que contrasta com o modelo moderno de “cidade dos objectos” e de “cidade dispersa”. Importa também reconhecê-la através da análise dos agentes que influenciam a sua dinâmica social: se na cidade moderna, a distância entre edifícios e funções e o abundante tráfego automóvel tornam o espaço público impessoal; na cidade tradicional, a proximidade entre casa, serviços e trabalho e a relação equilibrada entre vias para o tráfego automóvel e espaços pedonais, tornam o espaço público numa extensão natural do domínio privado.

A análise comparativa feita por Rowe e Koetter entre o plano de Saint-Dié, já referido, e a cidade de Parma reflecte claramente esta dualidade (Figura 27). À semelhança da célebre planta de Roma de Giambattista Nolli (Figura 28), estas representações gráficas distinguem os “vazios” urbanos - que incluem os pátios de acesso e o interior das igrejas da cidade - dos “sólidos” edificados para construir uma leitura do espaço colectivo da cidade que acrescenta às praças e ruas o interior do construído.<sup>91</sup>

*(...) to notice very briefly the apparent virtues of the traditional city: the solid and continuous matrix or texture giving energy to its reciprocal condition, the specific space; the ensuing square and street acting as some kind of public relief valve and providing some condition of legible structure; and, just as important, the very great versatility of the supporting texture or ground.*<sup>92</sup>

A partir de uma representação semelhante da área de projecto (Figura 29) é reconhecível a referência a estas “virtudes da cidade tradicional”. É portanto neste sentido que se propõe que o construído preserve algumas das características morfológicas dos tecidos urbanos envolventes, como a dimensão das ruas e a tipologia de quarteirão e, através do desenho de novos “vazios”, contribua para a leitura unitária da cidade.<sup>93</sup>

---

<sup>91</sup> Rowe, C., Koetter, F. (1984). *Collage City*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, pp. 60-64.

<sup>92</sup> Rowe, C., Koetter, F., op. cit., pp. 62-63.

<sup>93</sup> Os vazios urbanos a que se faz referência são aqueles expostos quando nos referimos à rua como sala de estar comunitária e que, no seu conjunto, constroem o domínio público.



**Figura 27** - Plantas de “sólidos” e “vazios” de Saint-Dié e Parma - **Rowe, C., Koetter, F.** (1984). *Collage City*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, pp. 62-63.



**Figura 28** - Detalhe da planta de Roma segundo Giambattista Nolli, 1748 - <nolli.uoregon.edu/map>



**Figura 29** - Planta de “sólidos” e “vazios” da proposta – Desenho do autor.

Apontámos, a propósito do contraponto com a cidade moderna, a importância da proximidade na cidade tradicional. A sua pertinência ultrapassa a dimensão funcional, referente à distância entre as diferentes funções; é também de cariz social, i.e., como impulso para a construção de uma comunidade.

Na cidade tradicional a proximidade é consequência da densidade, não só no que se refere ao tecido urbano, mas também à concentração populacional e constitui um factor determinante para a vitalidade urbana.

*Não pode haver bem algum para as cidades ou para o seu desenho, planeamento, economia ou população na suposição emocional de que uma grande densidade populacional é, em si, indesejável. Do meu ponto de vista, é um trunfo. O objectivo é promover a vida urbana da população urbana, abrigada, esperamos, sob concentrações bastante densas e bastante diversificadas para possibilitar-lhe uma oportunidade viável de desenvolver a vida urbana.*<sup>94</sup>

Esta convicção de Jane Jacobs pode ser sustentada por factos apreensíveis através de um levantamento da população idosa residente em Lisboa, realizado pela Santa Casa da Misericórdia, publicado em 2012 no jornal Expresso. O objectivo era conhecer as condições de vida e referenciar eventuais casos necessitados de intervenção urgente. O maior número de casos de risco, que apresentavam fome, más condições de higiene, privação de cuidados de saúde e total falta de apoio, foi identificado na freguesia de Santa Maria dos Olivais, uma zona caracterizada por uma morfologia moderna de cidade. De entre as freguesias em que foram encontrados apenas pontuais casos de risco estão São José, da qual faz parte a área de projecto, Santa Justa, Mártires, Sacramento, Sé, São Miguel, São Vicente de Fora e Encarnação, curiosamente “bairros típicos da capital, conhecidos pela população envelhecida, mas onde os laços de vizinhança e a entreaajuda combatem a solidão e atenuam o risco”.<sup>95</sup>

As relações de proximidade estabelecem-se na cidade densa em grande parte devido à falta de necessidade, recorrente na cidade moderna, de uso do automóvel.

*We live arround our house-group, we transit; we live arround our work-group, we transit; we shop, and we transit again (...) so we don't experience the city as a continuous thing anymore, rather as a series of events.*<sup>96</sup>

O encurtamento das distâncias entre a casa e os locais de trabalho, comércio, serviços e lazer torna supérflua a utilização regular de transporte individual; e é precisamente a

---

<sup>94</sup> J Jacobs, J., op. cit., p. 244.

<sup>95</sup> Moleiro, R. (2012). Artigo: Bastou bater à porta para salvar 542 vidas. [periódico] *Expresso*, 27 de Outubro.

<sup>96</sup> Peter Smithson in Smithson, A., op. cit., p. 8.

condição de “individual” que torna o automóvel num entrave às relações de convivialidade na cidade dispersa.

*In pre-industrial societies, (...) the paths and streets which gave access to buildings were safe, social spaces, and therefore functioned automatically as common land. But in a society with cars and trucks, the common land which can play an effective social role in knitting people together no longer happens automatically. (...) and many buildings find themselves entirely isolated from social fabric because they are not joined to one another by land they hold in common. (...) The common land has two specific social functions. First, the land makes it possible for people to feel comfortable outside their buildings and their private territory, and therefore allows them to feel connected to the larger social system (...). And second, common land acts as a meeting place for people.* <sup>97</sup>

O posicionamento de Alexander, reafirmado por variados autores já citados, como Hall, Cullen, Gehl, van Eyck e Hertzberger, espelha uma ampla aceitação da importância da reflexão sobre o papel do automóvel no quotidiano urbano.

O projecto proposto procura, portanto, cingir o atravessamento automóvel regular <sup>98</sup> a um único acesso, a Poente do Palácio Mello, que cria um percurso circular em torno e através da área intervencionada e se aproxima de todos os edifícios que não têm contacto directo com as ruas existentes. Desta forma é possível construir um território urbano que se afirma como uma grande área permeável de atravessamento pedonal e de encontros espontâneos.

---

<sup>97</sup> Alexander, C., Ishikawa, S., Silverstein, M., op. cit., p. 337.

<sup>98</sup> Diz-se regular porque não se exclui a possibilidade de atravessamento dos outros espaços públicos em situações pontuais, como as cargas e descargas das actividades comerciais, ou em casos de emergência.

#### 4.4. Multifuncionalidade: da cidade dispersa ao modelo de proximidade

Como vimos, o modelo de cidade moderna exposto na Carta de Atenas propõe uma separação clara das funções: “recomenda a distinção entre as zonas de trabalho, habitação, lazer e circulação para organizar claramente a cidade”<sup>99</sup>. Ainda assim, os exemplos já citados de “blocos de habitação”, como o edifício Narkomfin e a *Unité d’Habitation*, demonstram a procura de alguma autonomia funcional que aproxima o edifício da concepção da cidade.

O Bloco das Águas Livres (Figura 30), projectado por Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral (1956), exemplifica a repercussão dos princípios funcionalistas do movimento moderno em Portugal, mas acrescenta uma dimensão pública que contribui para a uma mais sólida inserção na cidade: o toque no solo deixa de ser feito da forma introvertida dos blocos sobre *pilotis* e passa a fazer-se com espaços comerciais e serviços virados para o exterior público.<sup>100</sup> É esta “integração” que nos interessa transportar para o projecto.

*A integração de várias actividades e funções nos espaços públicos e na sua envolvente permite que as pessoas envolvidas actuem juntas e que se estimulem e inspirem umas às outras.*<sup>101</sup>

Neste sentido, a existência isolada de “usos principais” - “aqueles que por si só atraem pessoas a um lugar específico porque funcionam como âncoras” - gera “diversidade urbana relativamente ineficiente.” No entanto, quando estes se associam a outros equipamentos ou serviços com funções diversificadas podem estimular e prolongar a utilização do espaços públicos.<sup>102</sup> Por outras palavras, “a cada actividade oferece-se a oportunidade de colaborar com outra.”<sup>103</sup>

Propõe-se portanto que o edifício projectado constitua um complemento funcional dos equipamentos situados no *plateau*, os “usos principais”. Por outro lado, a subsistência destas funções (ou o aparecimento de outras) está directamente associada ao facto de os equipamentos funcionarem também, como vimos, como “elementos primários”, ou seja, sintetizando, pólos atractivos da vida urbana. É esta relação recíproca que possibilita, não só a sustentabilidade dos espaços públicos propostos, como também a revitalização da cidade próxima.

<sup>99</sup> Chermayeff, S., Alexander, C., op. cit., p. 125. Tradução livre.

<sup>100</sup> Tostões, A. (et alt.), op. cit., p. 148.

<sup>101</sup> Gehl, J., op. cit., p. 113. Tradução livre.

<sup>102</sup> Os “usos principais” a que se refere Jane Jacobs podem enquadrar-se na definição de “elementos primários” de Aldo Rossi. in Jacobs, J., op. cit., pp. 176-178.

<sup>103</sup> Gehl, J., op. cit., p. 119. Tradução livre.

Se no contexto actual existem factores que dificultam a implementação de soluções do tipo *Unité d'Habitation* e “alguns são objectivamente o reflexo de mudanças operadas na sociedade que tornam praticamente impossível o regresso à situação do pós-guerra europeu”, a solução passa por “repensar o bloco habitacional”.<sup>104</sup>

*Para propor outra forma de pensar o bloco habitacional deve-se partir da premissa de que a casa já não é uma unidade compacta dentro do edifício: trata-se de conceber blocos que permitam a dispersão da casa. A ideia motriz poderia ser a formulação do conceito de “condensador social” de uma forma distinta, reunindo pessoas ou grupos com novos vínculos familiares, em vez de unidades compactas. Casa, estúdio ou escritório, apartamento dos filhos maiores ou dos pais, armazém, oficina e até estacionamento (...) podem estar dispersos pelo edifício sem ter que dar forma a uma casa compacta.*<sup>105</sup>

Por “novos vínculos familiares” entenda-se, não só a relação entre os vários agregados familiares do bloco, mas também a possibilidade de a mesma família se fragmentar constituindo, por exemplo, uma casa dos pais e outra dos filhos já adultos, que assim adquirem um grau independência relativo. É neste sentido que se procura uma grande diversidade de tipologias de habitação, que inclui desde pequenos fogos para uma pessoa ou um casal, a outros de dimensões maiores para grandes agregados familiares.

A “dispersão da casa”, ideia compatível com a definição de *casa diffusa* de Gerardo Ragone, diz respeito à possibilidade de separar funções mantendo-as em proximidade: o edifício deve conter espaços para a instalação de pequenos equipamentos comuns e espaços de trabalho dedicados, por exemplo, a um ofício que, por sua vez, pode estender-se para um espaço comercial. Assim, a solução proposta oferece, para além de um conjunto de espaços de trabalho, reunidos em torno do patamar inferior dos pátios (Figura 31), equipamentos configurados para receber funções mistas: espaços que se viram, no piso superior, para a praça comprida, equipando-a, por exemplo, com espaços comerciais, e no piso inferior, para o interior do quarteirão, de carácter mais doméstico, contendo espaços de oficina ou pequenos equipamentos, como uma lavandaria (Figura 32).

---

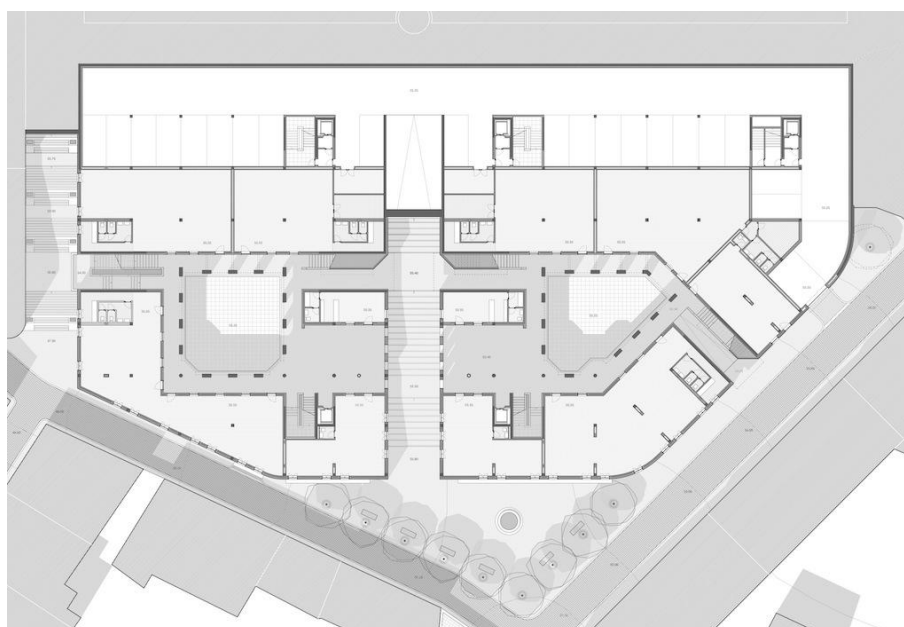
<sup>104</sup> Montey, X., Fuertes, P. (2011) *Casa collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 148.

<sup>105</sup> Montey, X., Fuertes, P., op. cit., p. 146.





**Figura 30** - Vista exterior, Bloco das Águas Livres, Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu da Costa Cabral, Lisboa, 1953-1956 - **Tostões**, A. (et alt.) (2004). *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera Editores, p. 157.



**Figura 31** - Planta à cota do patamar inferior dos pátios - Desenho do autor.

Aplica-se portanto o princípio de conjugação funcional entre casa e trabalho presente também no edifício de Siza Vieira, conhecido como *Bonjour Tristesse*, em Berlim, em que espaços comerciais remanescentes da ocupação prévia do lugar são incorporados na casa ou na sua proximidade (Figura 33). Esta opção enquadra-se no processo para “rehabitar os pisos térreos” através das *viviendas-taller* <sup>106</sup> proposto pelo *Grupo de Investigación HABITAR*, i.e., “uma estratégia para revitalizar as ruas extendendo até elas a riqueza das actividades interiores” <sup>107</sup>, diluindo assim os limites entre os domínios público e privado. No entanto, para acrescentar flexibilidade, propõe-se a desagregação das divisões da casa que se abrem ao exterior público, abrindo espaço à oportunidade de manter ou quebrar a ligação casa-trabalho.

*Com os pisos térreos fechados, as relações sociais tendem a desaparecer e portanto a rua decai como espaço público de convivência. (...) quando a família, o trabalho e a rua estão estreitamente ligados, estabelece-se um vínculo muito mais apertado com a envolvente próxima e a rua converte-se em mais uma divisão.* <sup>108</sup>

Esta relação entre a articulação das funções e a vivência do espaço público está associada à importância dos ciclos dia-noite do quotidiano. Hall, tomando como caso de estudo as cidades americanas, adverte para abandono dos centros urbanos no fim do dia de trabalho, consequência do zonamento funcional <sup>109</sup>, característica também do centro de Lisboa. Se durante o dia as actividades comerciais e os edifícios de escritórios são responsáveis pela vitalidade do espaço público, à noite, o facto de a população se deslocar para as periferias urbanas transforma as ruas em territórios praticamente desertos, em que se mantêm isolados grupos que põem a descoberto assimetrias socioculturais.

A inclusão destas funções em zonas de habitação, associada ao cuidado de conceber a casa como um bem acessível a um amplo espectro social, pode contribuir para que a população se estabeleça neste território.

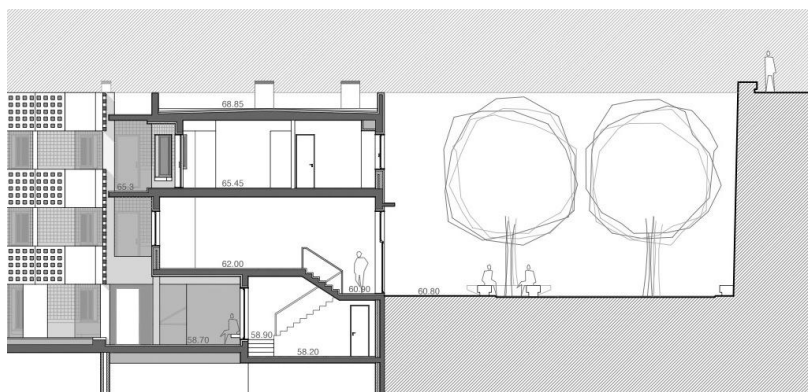
---

<sup>106</sup> **Monteys**, X. (et alt.), op. cit., p. 160.

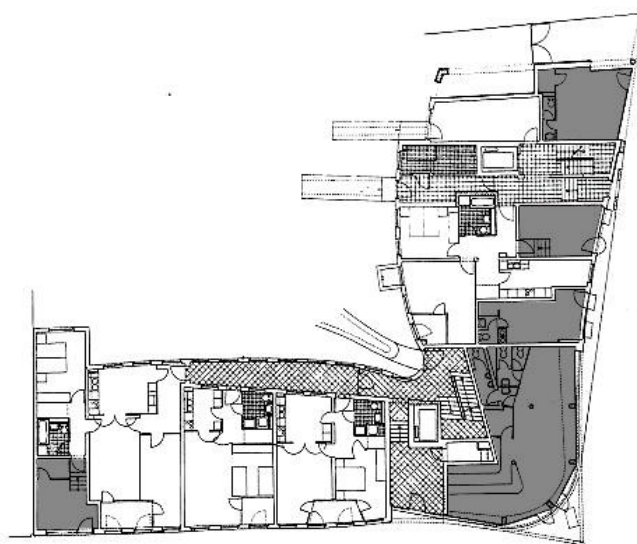
<sup>107</sup> **Monteys**, X. (et alt.), op. cit., p. 119. Tradução livre.

<sup>108</sup> Idem, p. 160.

<sup>109</sup> **Hall**, E., op. cit., p. 202.



**Figura 32** - Corte entre o pátio e a praça: espaços comerciais a dois níveis - Desenho do autor.



**Figura 33** - Planta do piso térreo do edifício Bonjour Tristesse, Álvaro Siza Vieira, Berlim, 1980-1984 e vista da pré-existência - Desenho do autor. <[strollology.com/2012/04/10/bonjours-tristesse/](http://strollology.com/2012/04/10/bonjours-tristesse/)>



## 5. Escalas da domesticidade

### 5.1. Território: intimidade, pertença e segurança

Na primeira parte do trabalho procurou-se clarificar a associação recíproca entre *convivialidade* e *privacidade*. Se a segunda parte se presta ao estudo dos espaços de convivialidade, reconhecidos pela sua qualidade pública a uma escala alargada, como factos constituintes da morfologia da cidade, dos quais é indissociável a presença de elementos responsáveis pela sua vitalidade, a terceira parte constitui uma aproximação de escala para compreender os dispositivos que lhes conferem diferentes níveis de privacidade e progressiva interioridade.

À privacidade associa-se a ideia de territorialidade, relacionada com as percepções de intimidade, pertença e segurança, qualidade que os lugares dentro do lugar e os elementos de transição podem sustentar nos espaços públicos e privados, individuais ou colectivos. Assim, falar de percepção implica reconhecer certas condicionantes do comportamento humano relacionadas com a arquitectura, inseridas no âmbito disciplinar das ciências sociais.

A delimitação de um território, identificado pelo indivíduo ou por um grupo, é consequência da demarcação ou do mero reconhecimento de fronteiras e parte do “desejo, consciente ou inconsciente de procurarmos um canto suficientemente confortável, acolhedor e seguro”.<sup>110</sup>

*Quanto mais reduzidos são o espaço e a distância, maior importância as pessoas lhe atribuem, quanto mais se desvaloriza o espaço, menos protectora é a distância e mais obsessivamente se traçam e alteram fronteiras. (...) Não se traçam fronteiras para separar diferenças (...) pelo contrário, é quando se traçam fronteiras que as diferenças bruscamente surgem e se toma consciência ou se passa a levar em conta da sua existência.*<sup>111</sup>

Bauman associa assim a definição de territórios e o aparecimento de contrastes sociais a questões espaciais, ou seja, do campo disciplinar da arquitectura. Também Cullen relaciona as “reações emotivas” com a configuração do espaço e com a posição relativa que nele se ocupa.

*De um modo geral, abaixo do nível médio do terreno, temos sensações de intimidade, inferioridade, encerramento ou claustrofobia enquanto que acima desse nível podemos ser tomados de grande euforia, ou por sensações de domínio ou superioridade ou ainda, sentirmo-nos expostos ou com vertigens.(...) Entre níveis*

---

<sup>110</sup> Bauman, Z., op. cit., p. 73.

<sup>111</sup> Idem, pp. 71-72.

*semelhantes, mas separados (...) estabelece-se uma singular correspondência; a sua proximidade tem um carácter remoto.*<sup>112</sup>

É neste contexto que se diferencia a relação entre pátio e galeria tendo em conta as funções que os envolvem. Se no patamar inferior do pátio, delimitado por espaços de trabalho, a cota do chão varia de forma ascendente do seu centro para a galeria; no patamar superior, configurado principalmente por áreas de habitação, a relação entre o espaço recolhido pela galeria e o espaço descoberto é a inversa (Figura 34). Assim, ao passo que os utilizadores dos espaços de trabalho reconhecem o pátio como um espaço de confluência e as galerias, mais elevadas, como zonas de maior exposição, os moradores apreendem-no como espaço de extroversão que contrasta com a intimidade e o recolhimento das galerias que precedem o interior doméstico.

A condição única de cada um destes lugares pode ser responsável pela supressão das fronteiras e pela consequente extensão dos domínios. O facto de a galeria e o pátio reunirem condições para o prolongamento de diferentes instâncias do interior doméstico, lugares de relativa interioridade ou de recreio e reunião, incentivam o aparecimento de demarcações individuais ou apropriações privadas no espaço de um colectivo alargado.

*Quanto mais influência podemos exercer pessoalmente sobre as coisas à nossa volta, mais nos sentimos emocionalmente envolvidos com elas (...)*<sup>113</sup>

De forma diversa, e à imagem do que acontece nas “ruas-escada” do Bairro da CHASA em Alverca (Figura 35), projectado por Duarte Cabral de Mello, Maria Manuel Godinho de Almeida, Miguel Chalbert e Vicente Bravo (1976), a escala e o ambiente equipado das ruas entre a Rua do Passadiço e a praça (Figura 36) propiciam também a permanência e as demarcações individuais.

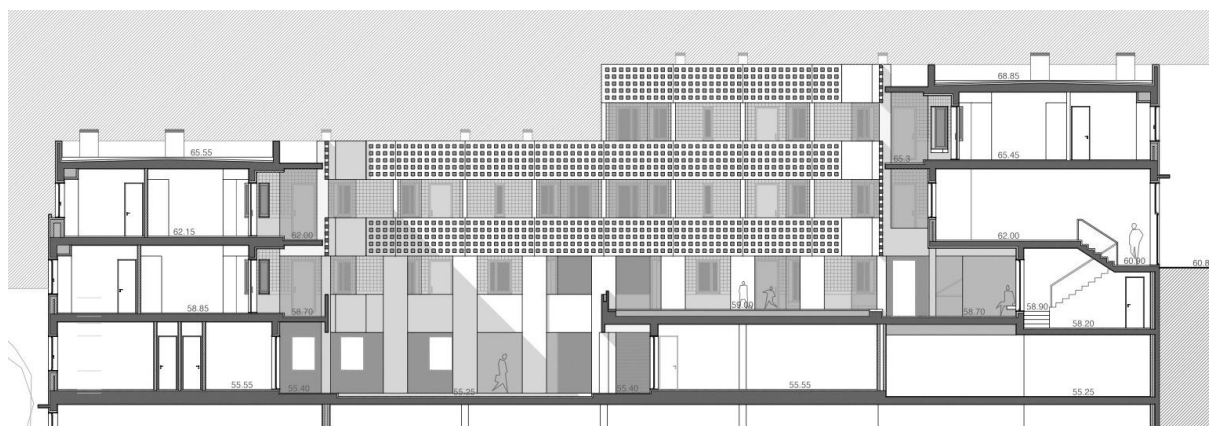
*Uma área de rua com a qual os moradores estão envolvidos, onde marcas individuais são criadas por eles próprios, é apropriada conjuntamente e transformada num espaço comunitário.*<sup>114</sup>

---

<sup>112</sup> Cullen, G., op. cit., p. 40.

<sup>113</sup> Hertzberger, H., op. cit., p. 170.

<sup>114</sup> Idem, p. 43.



**Figura 34** - Corte transversal do edifício pelo pátio - Desenho do autor.

A configuração do espaço deve também considerar o efeito que a materialidade pode provocar neste tipo de apropriações. Se o prolongamento do material do pavimento do interior doméstico para uma área que antecipa a entrada em casa alonga a percepção do domínio privado, a extensão do chão da rua para o pátio acentua a condição de recinto público. É este carácter ambivalente do vazio contido pelo edifício, entre público e privado, que contribui para que as demarcações individuais e colectivas se sobreponham a conflitos entre moradores.<sup>115</sup>

Proposta uma solução de densidade que procura relações humanas de proximidade, crescem as necessidades de proteção e isolamento perante os “estranhos”. Se, por um lado, é importante “reforçar a necessidade que o homem sente sempre de pertencer a um grupo social no qual, como foi outrora o caso, seja conhecido, tenha o seu lugar entre pessoas que se sintam responsáveis umas pelas outras”, como modo de desenvolver a percepção de segurança, por outro, é fundamental criar “espaços mais particulares, susceptíveis de tornar autónomos os enclaves culturais”, que estimulem uma evolução natural dos modos de vida comunitários.<sup>116</sup>

*O estabelecimento de uma estrutura social e da correspondente estrutura física, com espaços comunitários a vários níveis, permite o deslocamento de grupos e espaços pequenos para outros maiores, e de espaços mais privados para outros gradualmente mais públicos, oferecendo uma maior sensação de segurança e um mais intenso sentido de pertença às zonas situadas fora dos limites da casa privada.*<sup>117</sup>

Neste enquadramento, reconhece-se a capacidade de catalisar as percepções associadas ao reconhecimento de um território a dispositivos arquitectónicos que esmiuçaremos nos capítulos seguintes: os elementos de transição responsáveis pela preservação da segurança e pela articulação entre as polaridades interior-exterior, privado-público, individual-colectivo; os lugares de recolhimento ou de maior introversão dentro dos lugares colectivos; e os elementos que conferem progressivas interioridade e privacidade no percurso até à casa e na sucessão espacial no interior doméstico.

---

<sup>115</sup> Idem, p. 41.

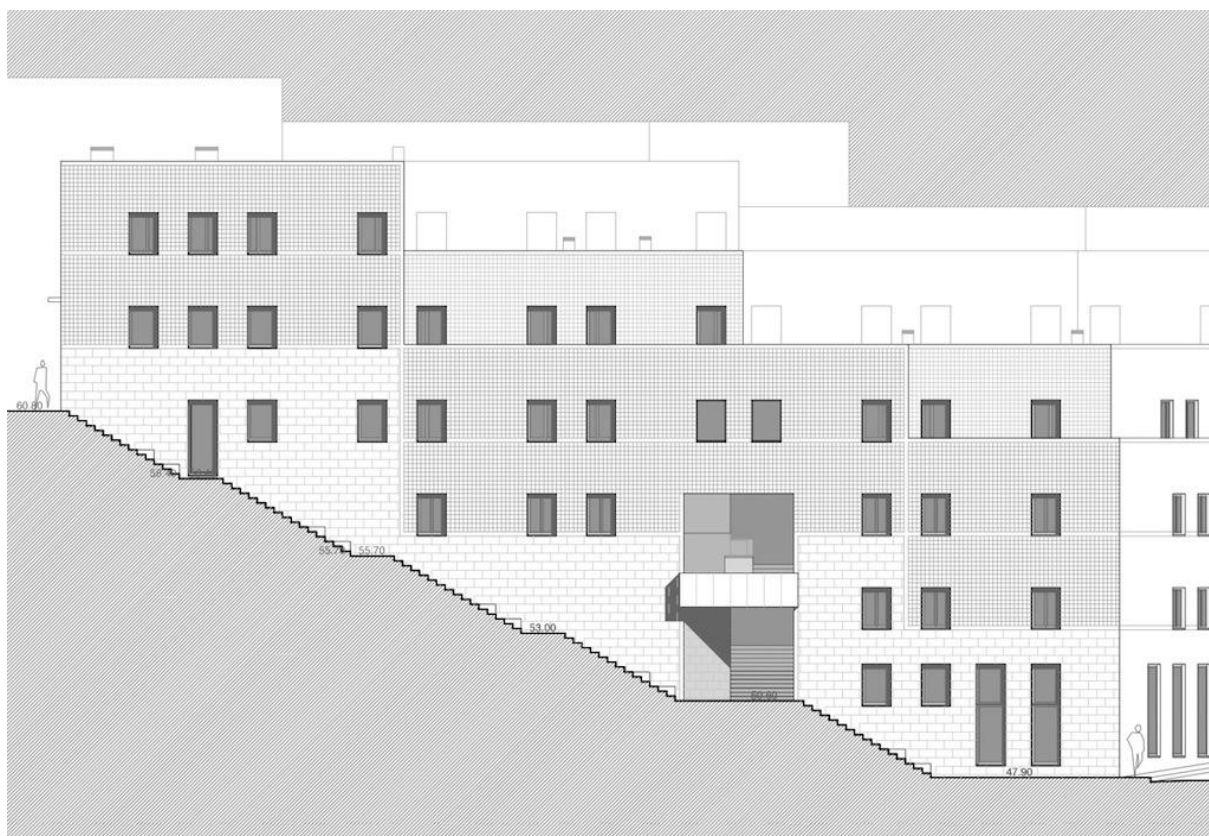
<sup>116</sup> Hall, E., op. cit., p. 197.

<sup>117</sup> Gehl, J., op. cit., p. 69. Tradução livre.





**Figura 35** - Rua-escada do Bairro da CHASA, Duarte Cabral de Mello, Maria Manuel Godinho de Almeida, Miguel Chalbert e Vicente Bravo, Alverca, 1979-1983 - Land, C., Hucking, K., Trigueiros, L. (2005). *Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974*. Lisboa: Blau, p. 517.



**Figura 36** - Rua-escada do projecto - Desenho do autor.

## 5.2. Espaços liminares e dispositivos de transição

*(...) relations between things are as important as the things themselves.* <sup>118</sup>

A ideia contida em epígrafe resume a importância dos elementos de transição que se procura agora explicitar. Por “relações entre as coisas” entenda-se o vínculo criado entre duas realidades, não na acepção de composição de objectos arquitectónicos, mas sim de articulação espacial, de interação entre domínios com características distintas. Assim, como esclarece Aldo van Eyck criticando a prática modernista:

*Architecture should be conceived of as a configuration of intermediary places clearly defined. This does not imply continual transition or endless postponement with respect to place and occasion. On the contrary, it implies a break away from the contemporary concept (call it sickness) of spacial continuity and the tendency to erase every articulation between spaces, i.e. between outside and inside, between one space and another (between one reality and another). Instead the transition must be articulated by means of defined in-between places which induce simultaneous awareness of what is significant on either side. An in-between place in this sense provides the common ground where conflicting polarities can again become twin phenomena.* <sup>119</sup>

A esta reconciliação de duas polaridades em conflito, ao lugar de *encontro* entre duas realidades distintas, deve também ser reconhecida a capacidade de sustentar aquilo que Martin Buber considera ser a essência da condição humana:

*The fundamental condition of being human is man with his fellow man. It is rooted in the fact that a being considers another as an other, as a clearly distinct being, so as to be able to communicate with him in a sphere, which is common to both and which transcends the individual spheres of both. This sphere, which arises with the existence of man as man, but which is not yet defined as a concept, I call the “sphere of the in-between”. It is a primary category of human reality. It will be the starting point for the real third.* <sup>120</sup>

Neste sentido, de dimensão colectiva e de *encontro*, o “domínio intermédio” ultrapassa a capacidade de polarizar duas realidades para construir uma terceira. Desta forma, a sua importância para a reflexão em torno da *convivialidade* é de carácter ambivalente: se, por um lado, “a integridade de cada espaço, a preservação das suas características ambientais e espaciais cuidadosamente especificadas dependem dos elementos físicos que proporcionam separação, isolamento, acesso e passagem controlados de um domínio a

---

<sup>118</sup> Aldo van Eyck, in **Ligtelijn**, V. (1999). *Aldo van Eyck, Works*. Basileia: Birkhäuser - Publishers for Architecture, p. 30.

<sup>119</sup> Aldo Van Eyck, in **Smithson**, A., op. cit., pp. 102-104.

<sup>120</sup> Martin Buber, *Das Problem des Menschen* (1943) in **Strauven**, F. op. cit., p. 355.

outro”<sup>121</sup>; por outro lado, o facto de darem forma a espaços intersticiais, de interacção entre estes domínios, eleva-os à condição de lugar, único e diferenciável.

Recentrando a investigação no projecto, e partindo de uma escala urbana, as estreitas ruas entre o construído, já referidas pela qualidade de espaço público de atravessamento e permanência, podem ser interpretadas na condição de espaços de transição, em diferentes sentidos: como espaços válvula entre bolsas públicas da cidade que, como vimos, a propósito das características da *cidade tradicional*, funcionam como zonas de alívio da densidade do tecido urbano; e como espaço de antecâmara entre o exterior público e o interior semi-público do quarteirão. Neste contexto, a rua que, pela escala, contrasta com os espaços públicos ou semi-públicos a que dá acesso, funciona como elemento aglutinador do construído, participando no desenvolvimento da percepção de um território comum na cidade, o *bairro*.

*(...) o bairro antigo ou a aldeia apresentam-se em si mesmos como espaços de transição. Para aquele que o habita, o bairro define-se subjectivamente pelo conjunto de itinerários percorridos a partir de casa. (...) O espaço concreto do bairro ou da aldeia é um espaço aberto a todos, regido por regras colectivas, mas que, em sentido óptico, tem por “sede” um lugar fechado, uma casa nossa.*<sup>122</sup>

A rua assume-se assim, como a primeira instância pública que supera a dimensão colectiva restrita do pátio, o “lugar de um conhecimento mútuo” onde, pela proximidade, se desenvolve um “intercâmbio social”.<sup>123</sup> Como resume Louis Kahn:

*The street is a room of agreement. The street is dedicated by each house owners to the city in exchange for common services.*<sup>124</sup>

As trocas a que se referem Prost e Kahn guiam-se por um conjunto de regras que Pierre Mayol designa de *conveniência*.

*A conveniência define bem um espaço de transição entre o privado e o público. O seu fundamento é o carácter simultaneamente inevitável e imprevisível do encontro com “o outro”. (...) Por conseguinte, no bairro sair é expor-se. A conveniência rege antes de mais a apresentação de si próprio. Este espaço de transição está marcado por*

---

<sup>121</sup> Chermayeff, S., Alexander, C., op. cit., p. 229. Tradução livre.

<sup>122</sup> Antoine Prost, in Ariès, P., Duby, G., op. cit., p. 116

<sup>123</sup> Idem, p. 116.

<sup>124</sup> Louis Kahn, *The Room, the Street and Human Agreement* (1971), in Twombly, R. (2003). *Louis Kahn: Essential Texts*. Nova Iorque: W. W. Norton, p. 255.

*uma certa “teatralidade”, e nele as pessoas estão sempre, muito ou pouco, em representação. (...) o bairro é esse palco público onde se espera que as pessoas representem a sua vida privada.*<sup>125</sup>

Os espaços que se sucedem nesta hierarquia espacial de aproximação à casa, e que tornam progressivamente prescindível esta *representação*, são os acessos ao interior do quarteirão, ao pátio semi-público.

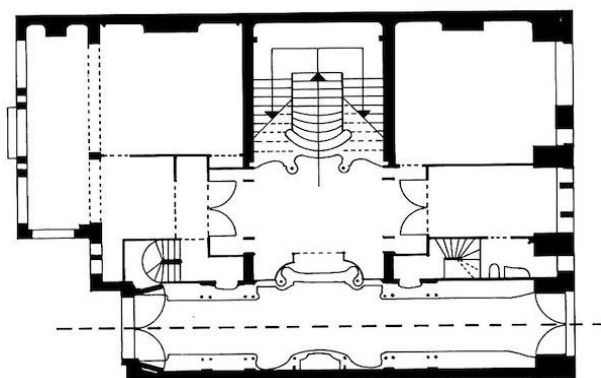
Reflectindo o princípio de transição entre domínios que Hertzberger extrai da análise átrio de entrada do Hotel Solvay em Bruxelas (Figura 37), projectado por Victor Horta (1896), os dois tipos de entradas no pátio procuram replicar a articulação dos diferentes graus de privacidade dentro do edifício, ainda que, no caso do projecto, a solução se diferencie pelo facto de a totalidade do espaço ser publicamente acessível. Assim, mais do que as questões da materialidade apontadas no capítulo anterior, importa analisar as suas características espaciais. O contacto com o interior do edifício é então feito por um “corredor” que passa directamente através do mesmo até chegar ao pátio semi-público, dissimulando a presença dos acessos verticais aos pisos superiores “mais privados”.

A um dos tipos de acesso, o de maior dimensão e de carácter “mais público” (Figura 38), acrescenta-se a capacidade de articular os dois patamares do pátio preservando, através da sua configuração espacial, as características distintas de cada um: o “corredor”, mais amplo, canaliza o fluxo da rua para o patamar envolvido por espaços de trabalho, enquanto que o acesso ao patamar superior, de maior domesticidade, é mais estreito e colocado à ilharga do pátio, voltado de costas para a rua. Desta forma a presença do pátio, que se oferece ao atravessamento público da cidade, afasta a atenção do acesso à habitação.

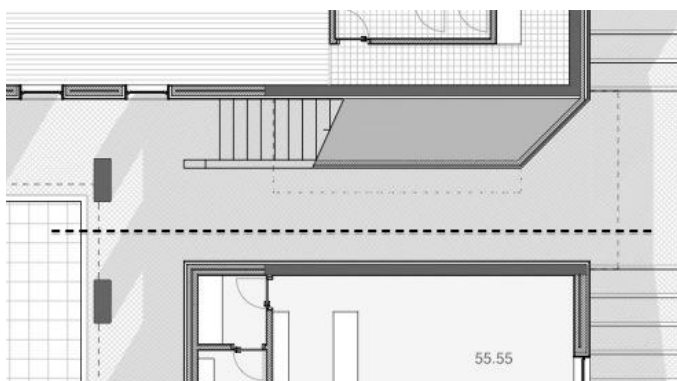
O outro tipo de acesso, “mais privado”, situado nos cantos do edifício, através do qual se acede directamente ao patamar “doméstico” (Figura 39), segue um princípio semelhante, mas adaptado ao seu carácter específico: a eixo com a porta, uma entrada de dimensão marcadamente mais reduzida, mantém-se o corredor-átrio que termina no pátio e, transversalmente a este, surge a possibilidade de acesso aos pisos superiores e ao estacionamento.

---

<sup>125</sup> Antoine Prost, in **Ariès**, P., **Duby**, G., op. cit., p. 118.



**Figura 37** - Planta do átrio do Hotel Solvay, Victor Horta, Bruxelas, 1896 - **Hertzberger**, H. (1991, "2006"). *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 84.



**Figura 38** - Planta do acesso público ao pátio, entre níveis - Desenho do autor.



**Figura 39** - Planta do acesso público ao pátio, no canto - Desenho do autor.

O facto de estes acessos verticais se posicionarem nos cantos não parte de uma decisão aleatória, pelo contrário, procura agregar as características que influenciam a interacção social resultantes da distribuição por galeria e do acesso esquerdo/direito expostas por António Baptista Coelho:

*(...) os corredores e as galerias comuns proporcionam muitos contactos humanos, mas superficiais, enquanto os patamares “clássicos” de acesso a fogos motivam relações menos frequentes, mas mais familiares e amigáveis.*<sup>126</sup>

A solução proposta procura este equilíbrio através da construção de um acesso por escadas associado a galerias curtas, pequenos “braços” que se estendem a um maior número de fogos e que permitem transformar o patim de chegada num lugar de encontro, qualidade que aprofundaremos no capítulo seguinte.

Ao espaço do pátio acrescenta-se outro elemento de transição entre a casa e a rua, um deambulatório que se constrói através do aumento da “espessura” da fachada, dispositivo de controlo da privacidade do interior doméstico que se serve, como referência de projecto, da configuração da fachada do Complexo de Agronomia do Pólo da Herdade da Mitra em Valverde, de Vítor Figueiredo (Figura 40). Com proporções próximas, mas como uma adaptação de escala ao edifício proposto, este afastamento dos limites que compõem a fachada permite, à cota do pátio, criar um lugar que antecede o domínio privado e que contrasta com a extroversão do pátio e, nos pisos elevados, interpor um dispositivo que filtra a proximidade entre os domínios privado e semi-público (Figura 41). Como na Mitra, este dispositivo serve-se de grelhas de betão pré-fabricadas com buracos quadrados de quinze centímetros que demonstram o desejo de “uma situação ambígua - não ser nem uma grelha nem uma parede com buracos”<sup>127</sup>.

Estes elementos arquitectónicos reflectem a procura de domínio sobre a luz e a ventilação do interior que encontra correspondência nas características da arquitectura de regiões em que o clima quente os torna indispensáveis. Como na arquitectura tradicional egípcia, objecto de estudo e experimentação de Hassan Fathy, a configuração das fachadas é adaptada ao ambiente interior que se procura. A ambiguidade que Vítor Figueiredo persegue pode, neste sentido, enquadrar-se entre um *muxarabiê* (Figura 42) - “um tipo de

---

<sup>126</sup> Coelho, A. B., Pedro, J. B. (1998). *Do Bairro e da Vizinhança à Habitação: tipologias e caracterização dos níveis físicos residenciais*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, p. 239.

<sup>127</sup> Vítor Figueiredo, in Arenga, N., Editor (2012). *Vítor Figueiredo: fragmentos de um discurso*. Porto: Circo de Ideias, p. 88.

janela em consola, aberta na parede onde se fixa uma protecção de madeira rendilhada que peneira e adoça a luz crua do Egipto” <sup>128</sup>- e uma parede com aberturas que possibilitem o atravessamento do ar para ventilar o interior (Figura 43).

No projecto, as características formais destes elementos da fachada variam segundo a orientação solar, mas também - e principalmente - tendo em conta a função do espaço que antecedem: nas fachadas da habitação seguem a função de controlo da luz e da privacidade - dando forma a um obstáculo à visibilidade entre o pátio e a casa - servindo também de guarda permeável à luz nos espaços de distribuição dos pisos elevados; nas fachadas dos espaços comerciais, voltadas a Sul, funcionam como filtros da luz e da ventilação, mas também, no sentido inverso às anteriores, como forma de resguardar a maior domesticidade do pátio em relação à praça e ao prolongamento da sua condição pública para o interior do comércio (Figura 32).

Na “fachada espessa” são ainda particularizáveis as características espaciais e perceptivas do lugar que antecede a porta de casa, associadas à ideia de *doorstep*.

A importância atribuída ao *doorstep*, ou à soleira (Figura 9), exaltada por membros do Team 10, como Aldo van Eyck, Alison e Peter Smithson ou Hertzberger, reflecte uma forma de aplicação prática dos conceitos formulados pela investigação em torno dos temas do *limiar* e do espaço *in-between*. A soleira, extensão do interior doméstico sobre o espaço público imediato, “a tradução em termos arquitectónicos da hospitalidade” <sup>129</sup>, constitui assim um elemento-chave para o reconhecimento da rua e da casa como metades inseparáveis de uma única entidade, a cidade.

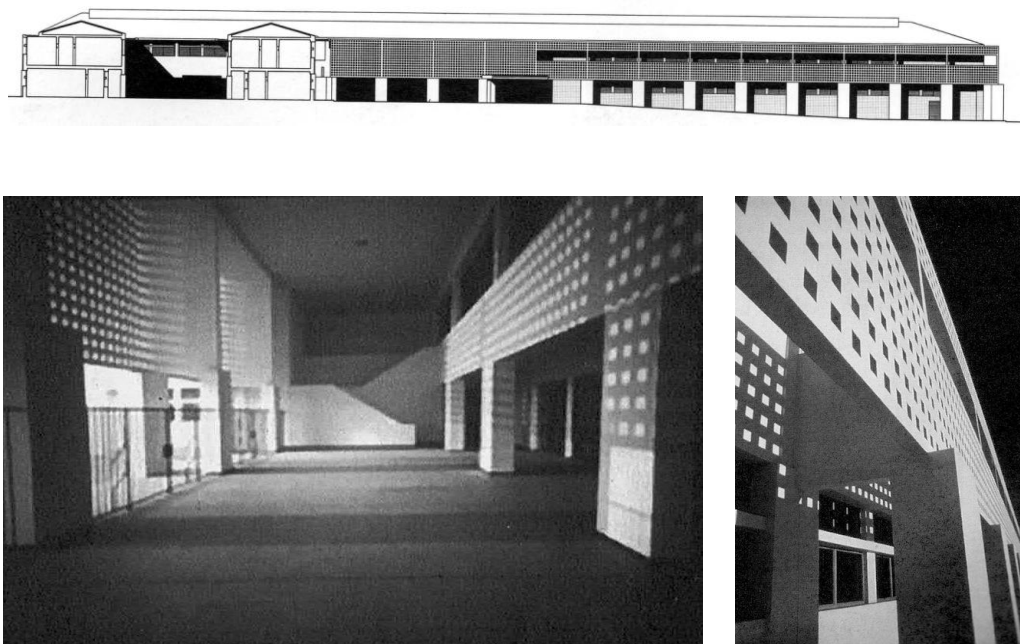
*A soleira fornece a chave para a transição e a conexão entre as áreas com demarcações territoriais divergentes e, na qualidade de lugar por direito próprio, constitui, essencialmente, a condição espacial para o encontro e o diálogo áreas de ordens diferentes. (...) o encontro e a reconciliação entre a rua (...) e o domínio privado (...) este pequeno espaço público, como local de encontro para pessoas com interesses comuns, cumpre uma importante função social.* <sup>130</sup>

---

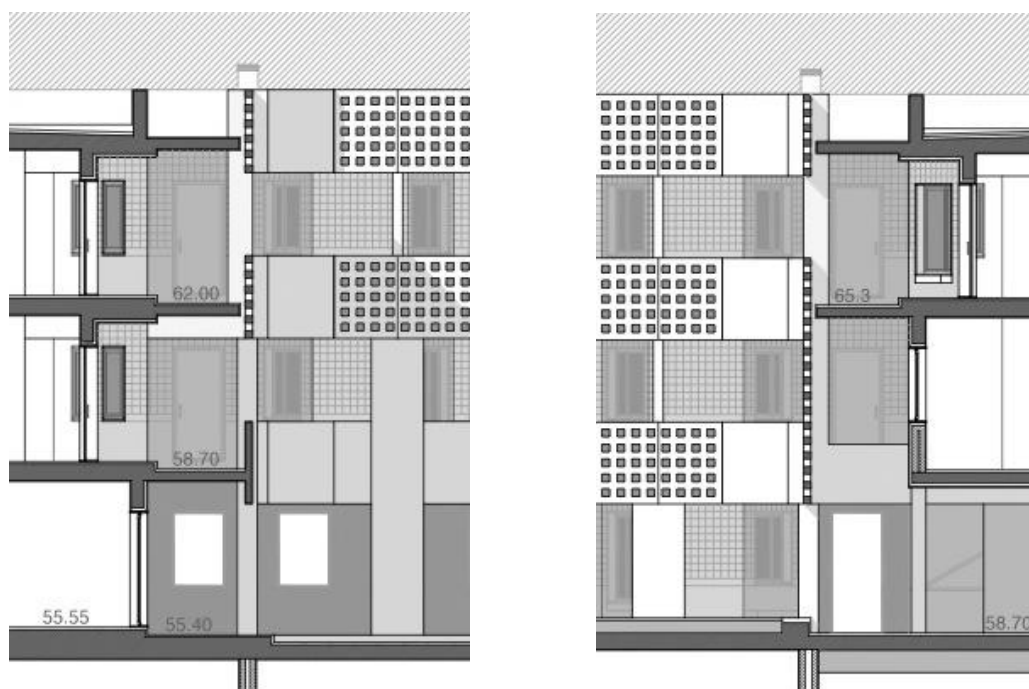
<sup>128</sup> **Fathy**, H. (1973, “2009”). *Arquitectura para os pobres: uma experiência no Egipto rural*. Lisboa: Argumentum, Dinalivro, p. 58.

<sup>129</sup> **Hertzberger**, H., op. cit., p. 35.

<sup>130</sup> *Idem*, p. 32.

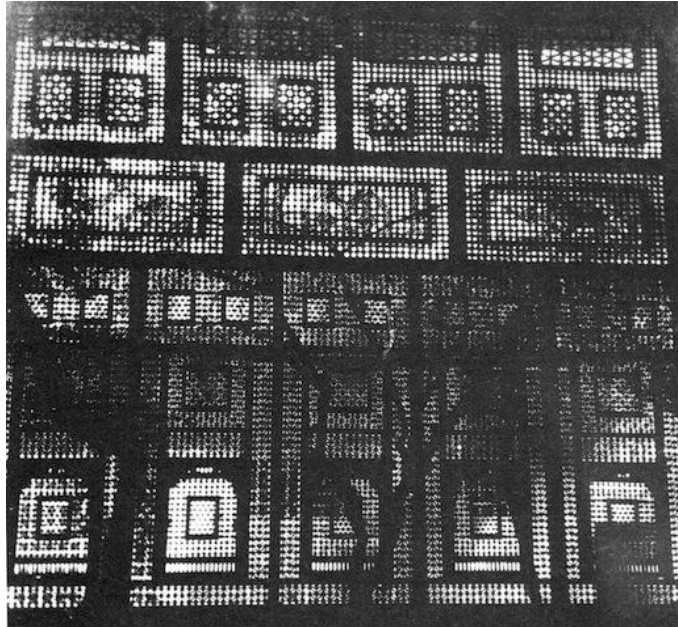


**Figura 40** - Alçado e vistas interior e exterior da fachada espessa do Complexo de Agronomia do Pólo da Mitra, Universidade de Évora, Vítor Figueiredo, Valverde, 1992-1995 - **Toussaint**, M. (ed.). *Arquitectos. Publicação mensal da Associação dos Arquitectos Portugueses*. Ano XIV, n.º 165, Dezembro de 1996, p.33.



**Figura 41** - Cortes da fachada interior do edifício: as grelas na fachada da habitação e do comércio - Desenho do autor.





**Figura 42** - Muxarabiê da casa Sehemy - **Fathy**, H. (1973, "2009"). *Arquitetura para os pobres: uma experiência no Egito rural*. Lisboa: Argumentum, Dinalivro, p. 58.

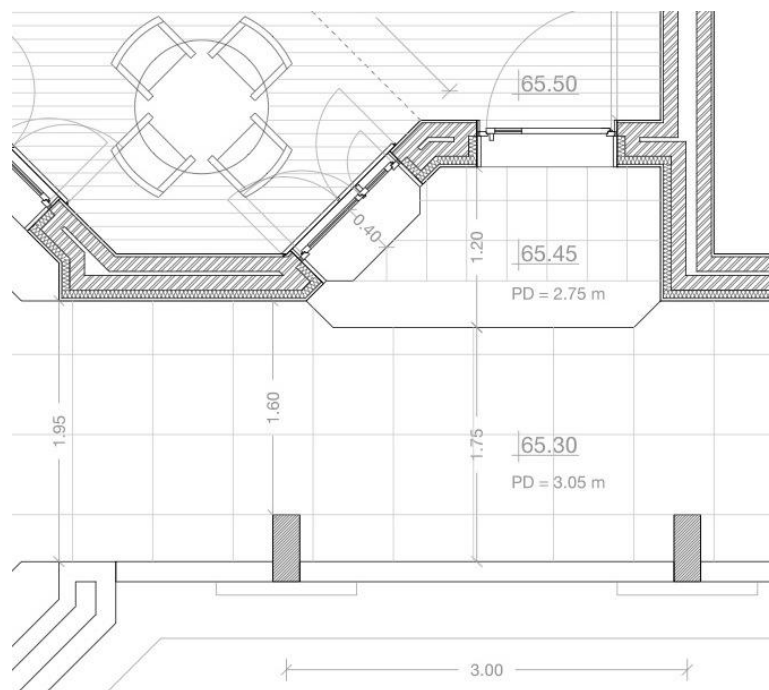


**Figura 43** - Parede com aberturas para ventilação - **Fathy**, H. (1973, "2009"). *Arquitetura para os pobres: uma experiência no Egito rural*. Lisboa: Argumentum, Dinalivro, p. 55.

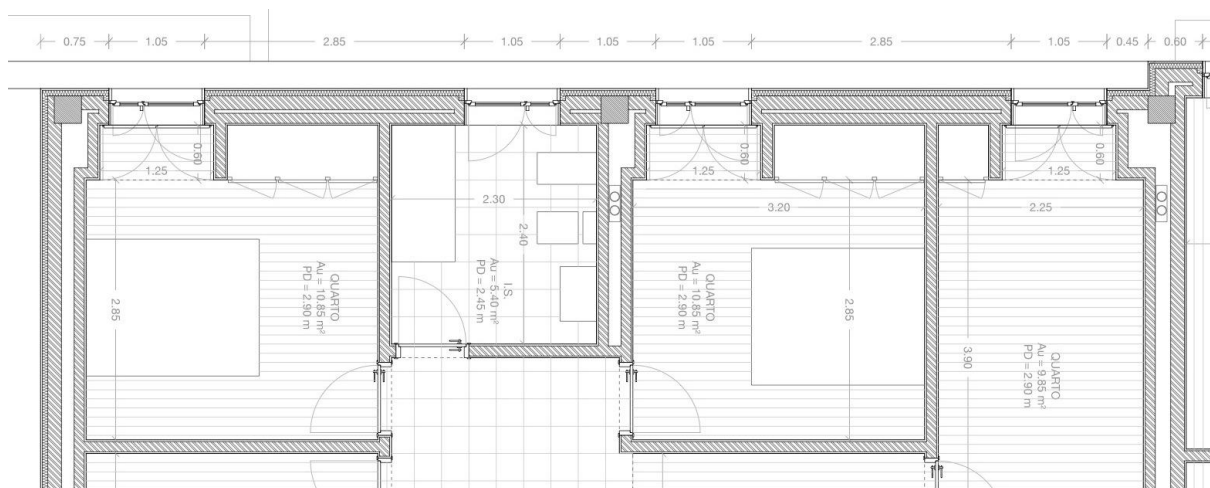
Na “soleira” projectada (Figura 44) é reconhecível a procura de contaminações recíprocas que sustentem o seu carácter ambíguo: se, por um lado, o facto de ser um lugar situado para além da porta de casa, sem a demarcação clara de fronteiras e que “rouba” simultaneamente espaço à casa e à rua, a torna num espaço publicamente acessível por “estranhos”, vulnerável também às condições do ambiente exterior; por outro lado, o facto de estar assinalada com uma variação de cota em relação à galeria e de prolongar a materialidade do chão da casa, torna-a um lugar propício a demarcações individuais e a estabelecer-se como parte de um território identificável como domínio privado.

Este encontro e reconciliação entre domínios, que podem ser expressos através da extensão das actividades do interior doméstico para a soleira, no exterior público, dependem também, como aprofundaremos mais à frente, da distribuição funcional da casa e da relação que esta estabelece com a envolvente próxima.

Na fachada oposta (Figura 45), que confronta o exterior público e que dá forma ao limite dos espaços mais íntimos da casa, procura-se, de novo, a preservação da privacidade e da interioridade através do aumento da sua “espessura”. Tratando-se de uma solução em que, ao contrário do que acontece na arquitectura tradicional, o sistema construtivo não é responsável por este aumento da dimensão, o armário funciona como um dispositivo para conferir profundidade à parede. Desta forma, a subtracção feita à parede espessa para criar uma oportunidade de aproximação e contacto da casa com a rua constitui um espaço de transição que, como sustentaremos no próximo capítulo, se eleva à condição de lugar.



**Figura 44** - Planta da “soleira” no projecto – Desenho do autor.



**Figura 45** - Planta da parede espessa dos quartos - Desenho do autor.

### 5.3. Lugares dentro do lugar

*There is a kind of spatial appreciation which makes us envy birds in flight; there is also a kind which makes us recall the sheltered enclosure of our origin. Architecture will fail if it neglects either the one or the other.* <sup>131</sup>

É esta dimensão ambivalente da arquitectura exposta por Aldo van Eyck que importa agora percorrer através do projecto, a partir do reconhecimento das qualidades específicas inerentes à ideia de “fazer de cada lugar um conjunto de lugares” <sup>132</sup> com diferentes características.

A procura de lugares de maior interioridade corresponde, segundo Alexander, a um “aspecto fundamental da psicologia humana” e é, neste sentido, característica comum de qualquer comunidade. <sup>133</sup>

No mesmo sentido, através de uma análise dos aspectos que aproximam as cidades de influência portuguesa, José Manuel Fernandes associa a identificação de um “espaço próprio” à “preferência pela espacialidade colectiva mais introvertida, dos pequenos espaços semi-fechados, contidos” <sup>134</sup>, apreensível também através da leitura do tecido histórico de Lisboa.

*Outdoors, people always try to find a spot where they can have their backs protected, looking out toward some larger opening, beyond the space immediately in front of them.* <sup>135</sup>

Alexander aponta os “*activity pockets*” como dispositivos para criar estas oportunidades de maior interioridade no espaço colectivo, espaços que, pelas suas características físicas, ascendem à condição de lugar e que preservam a interacção com o espaço em que se inserem. Estes podem configurar-se simplesmente pela existência de pequenas áreas, parcialmente fechadas, à ilharga de um espaço nuclear, pequenas bolsas de actividade que podem surgir em espaços existentes entre edifícios, ou pela mera colocação de um assento junto a um limite de um espaço amplo. <sup>136</sup>

---

<sup>131</sup> Aldo van Eyck, in **Ligtelijn**, V., op. cit., p. 47.

<sup>132</sup> *Make of each place, a bunch of places, of each house and each city, for a house is a tiny city, a city a huge house.* Aldo Van Eyck, in **Smithson**, A., op. cit., p. 101.

<sup>133</sup> **Alexander**, C., **Ishikawa**, S., **Silverstein**, M., op. cit., pp. 333-334.

<sup>134</sup> **Fernandes**, J. M. (1999). *Cidades e arquitecturas*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 17.

<sup>135</sup> **Alexander**, C., **Ishikawa**, S., **Silverstein**, M., op. cit., p. 558.

<sup>136</sup> Idem, pp. 599-602

Gehl associa esta ideia a uma estratégia que define “a sala de estar como modelo”. Considera portanto que o espaço da sala, lugar de reunião privado, “pode servir como modelo de integração de actividades a qualquer outra escala”: como na sala, em que vários membros da família podem desenvolver diversas actividades em simultâneo ou actuar conjuntamente, no espaço colectivo público devem ser criadas as mesmas oportunidades.<sup>137</sup>

Estes princípios podem ser enquadrados na ideia de *articulação* estruturada por Hertzberger. A articulação constitui um mecanismo de definição de unidades espaciais, com dimensões e níveis de demarcação apropriados aos padrões de relações dos utilizadores. Nesta medida, o mesmo espaço articulado pode acomodar um único uso colectivo de maior escala ou criar condições para que se desenvolvam vários usos de menor escala em simultâneo.<sup>138</sup>

*O grau de isolamento, como o grau de abertura, deve ser cuidadosamente dosado, para que sejam criadas as condições para uma grande variedade de contactos, indo desde a decisão de ignorar os que estão à sua volta até o desejo de juntar-se a eles (...) Também a individualidade de todos deve naturalmente ser respeitada (...) e devemos zelar para que o ambiente construído não imponha o contacto social (...)*<sup>139</sup>

Assim, à articulação deve também reconhecer-se a capacidade de possibilitar a coexistência de diferentes componentes sociais, factos singulares que conferem unidade e solidez à estrutura social do lugar.

É neste enquadramento que se procura, nas diferentes escalas do projecto, transformar os espaços colectivos em conjuntos de lugares reconhecíveis e articulados.

Na praça são identificáveis diversos lugares que se diferenciam pela sua singularidade e pela forma distinta como se relacionam com o todo. Os bancos encostados à cerca e o banco corrido em L que delimita um dos topos da praça (Figura 46) constroem a ideia de lugares de permanência à margem de um grande espaço colectivo, onde os utilizadores enfrentam as actividades que nele se desenvolvem com as costas protegidas, e reflectem a consciência de que “os bancos que oferecem uma boa visão das actividades circundantes se usam mais do que os bancos com pouca ou nenhuma visão sobre as outras pessoas”<sup>140</sup> e que, por isso, criam oportunidade para contactos sociais mais frequentes.

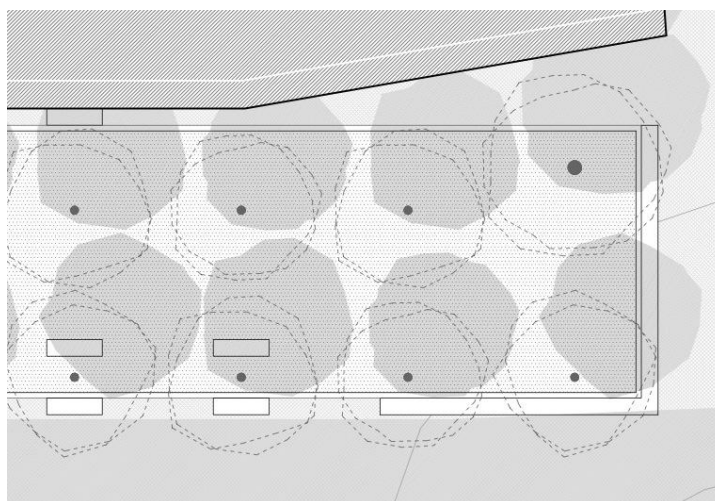
---

<sup>137</sup> Gehl, J., op. cit., p. 119. Tradução livre.

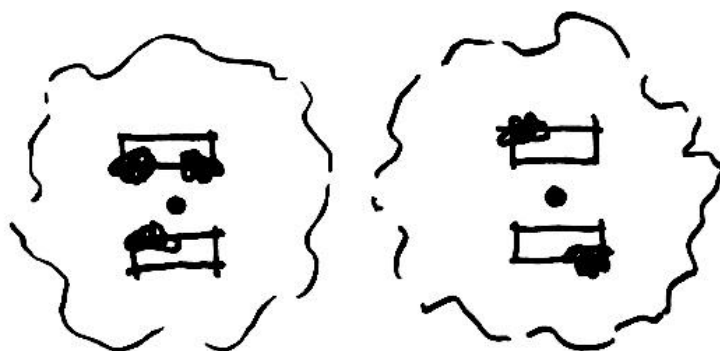
<sup>138</sup> Hertzberger, H., op. cit., pp. 193-194.

<sup>139</sup> Idem, p. 206

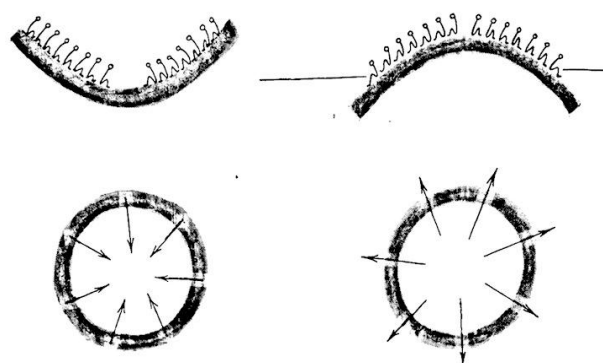
<sup>140</sup> Gehl, J., op. cit., p. 35. Tradução Livre.



**Figura 46** - Detalhe da planta da praça: os espaços para sentar “à margem” - Desenho do autor.



**Figura 47** - A ambivalência dos bancos em torno da árvore - Desenho do autor.



**Figura 48** - Diagrama de Aldo van Eyck - **Smithson, A.** (1974). *Team 10 Primer*. Massachusetts: The MIT Press, p. 104.

Por outro lado, a centralidade que advém da presença de uma árvore e a colocação dos bancos em seu redor dá forma a um lugar que ultrapassa esta a possibilidade de introversão para adquirir uma dimensão ambivalente entre interior e exterior, aberto e fechado, individual e colectivo (Figura 47). A capacidade de acolher diferentes formas de apropriação e de relação com a envolvente, inerente à configuração destes lugares, transcende a simplicidade do seu desenho, reconhecível na representação diagramática de Aldo van Eyck (Figura 48) que ilustra a seguinte ideia:

*Thinking about such twin phenomena as inside-outside; open-closed; individual-collective, the following images come to my mind: people seated concentrically in a hollow gazing inwards towards the center; and people seated concentrically on a hill gazing outwards towards the horizon. Two kinds of centrality, two ways of being together - or alone? The hill may reveal what the hollow may conceal: that man is both center-bound and horizon-bound. Both hill and hollow, horizon and center are shared by all seated concentrically either way (...)*<sup>141</sup>

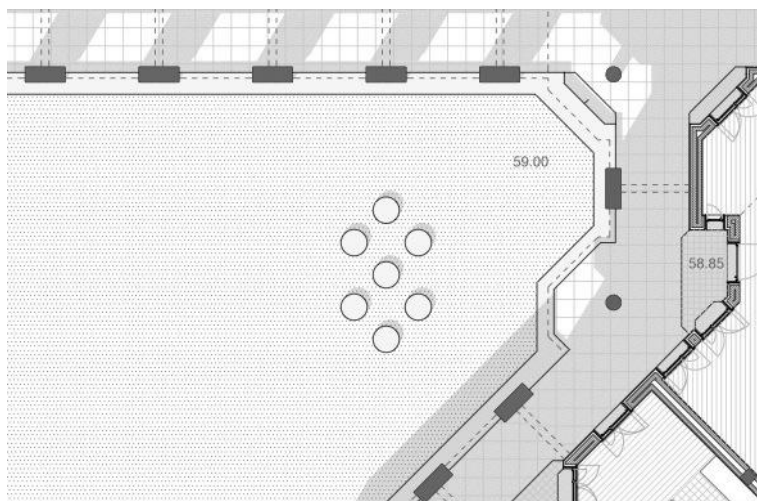
Este espaço pode assim ser apropriado como um lugar de extroversão ou de reunião que converge para um centro e se afasta perceptivamente da actividade circundante, ou como um espaço de introversão recolhido sob a árvore e em que o tronco assinala um limite que, de novo, protege as costas e define uma margem de um espaço mais amplo.

No recinto de carácter semi-público que denominámos de pátio pode também ser reconhecido um conjunto de lugares.

O playground (Figura 49) demarcado por equipamentos desenhados à imagem de um dos exemplos de zonas de recreio desenvolvidas por Aldo van Eyck que reproduziu em vários espaços públicos (Figura 50), constitui um espaço pensado não só para o estímulo do contacto social entre crianças, mas também para a influência que exerce sobre a interacção entre quem as vigia ou acompanha. O termo *playground*, entendido como terreno ou espaço de recreio, sugere a circunscrição de um território, lugar com o qual a criança se identifica e onde se propicia o contacto social com outras crianças. Também aqui é reconhecível a qualidade ambivalente do lugar: a sua configuração cria uma centralidade que confere algum grau de intimidade e sentido de pertença e a sua posição no pátio faz com que fique exposta e torna viável que seja vigiada à distância. Esta característica permite que a criança se sinta responsável por um espaço pelo qual exerce domínio e, simultaneamente, se sinta sob protecção dos pais que, por sua vez, podem desenvolver, possivelmente em conjunto, outras actividades a uma distância que transmita segurança a ambos.

---

<sup>141</sup> Aldo van Eyck, in **Smithson**, A., op. cit., p. 104.



**Figura 49** - Detalhe da planta do pátio: o *playground* - Desenho do autor.



**Figura 50** - *Stepping stones* no *Playground* de Aldo van Eyck, Zaanhof, Amsterdão, 1948 - **Ligtelijn**, V. (1999).  
 Aldo van Eyck, *Works*. Basileia: Birkhäuser - Publishers for Architecture, p. 75.

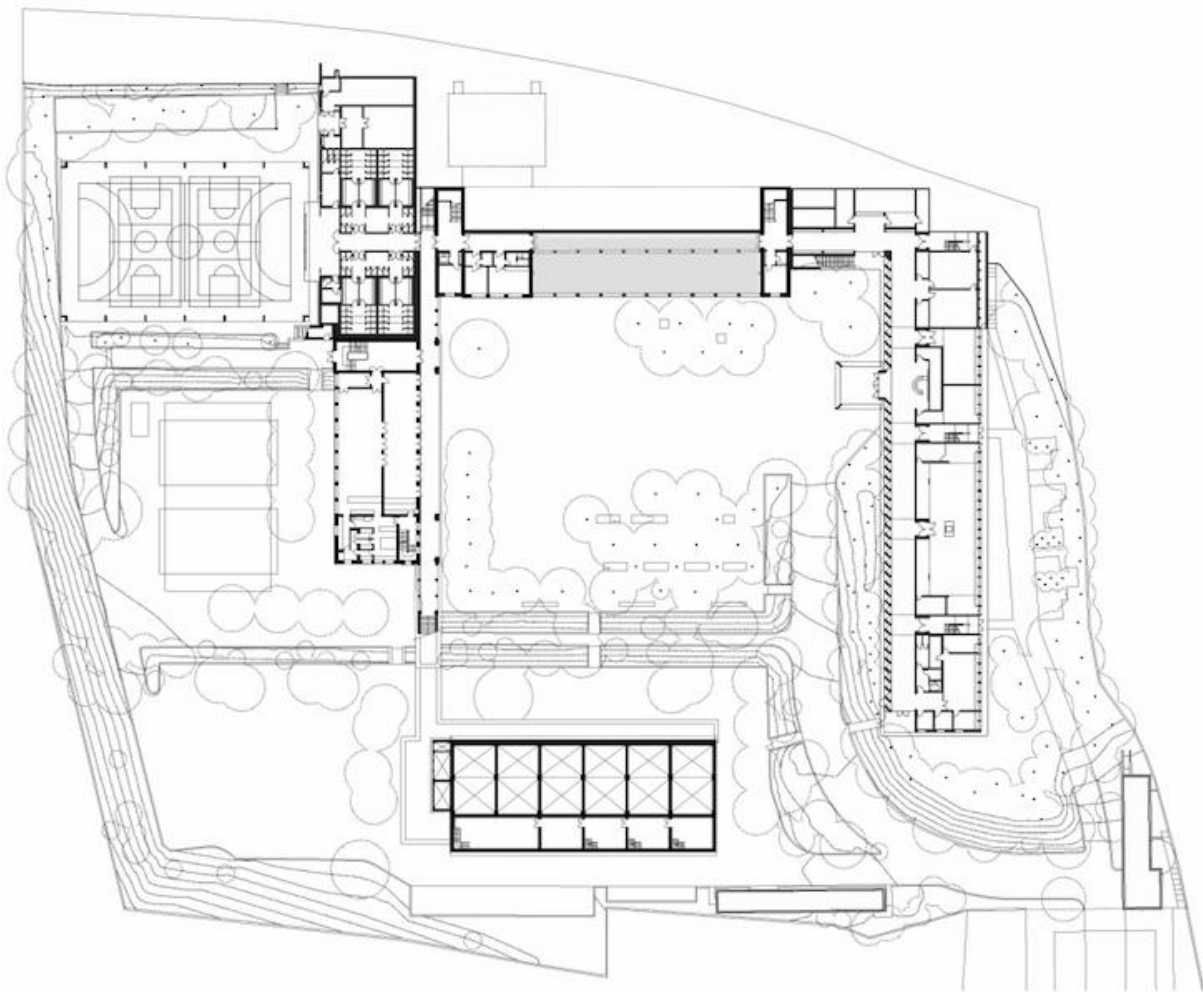


Nas margens do pátio, as galerias que analisámos como elementos de transição que, pelas suas características físicas e pelo facto de existirem entre duas realidades distintas, se elevam à condição de lugar, contêm zonas de alargamento que criam lugares dentro deste lugar. Estes alargamentos constroem-se com base em duas concepções.

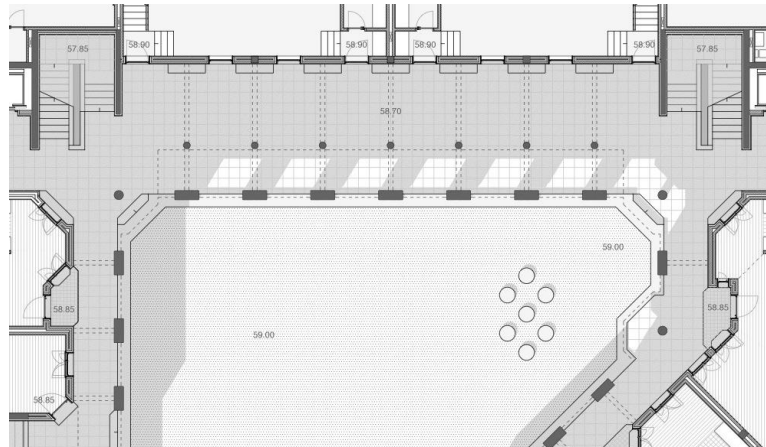
A primeira serve-se da ideia de “recreio coberto” presente na Escola Básica Francisco Arruda na Ajuda (Figura 51) - projecto originalmente datado dos anos cinquenta e objecto de intervenção em 2008 por José Neves - um lugar de reunião recolhido que se acrescenta ao pátio ou até que se oferece como alternativa a este nos dias em que não é confortável a permanência no exterior descoberto. Este princípio aplica-se nos dois patamares do pátio: no patamar superior posiciona-se entre o pátio e os espaços que podem receber pequenos equipamentos ou actividades comerciais, também responsáveis pela sua activação e pela preservação de vigilância e movimento ao longo do dia (Figura 52); no patamar inferior, envolvido por espaços de trabalho, constrói-se à ilharga da estreita rua de atravessamento do edifício, dando forma a um lugar de carácter semelhante que contribui também para uma leitura unitária do conjunto dos dois recintos, consequência da continuidade visual e espacial que se acrescenta - condição que contrasta com a continuidade entre os patamares de cima, afunilada na aproximação à rua, para preservar a domesticidade que resulta, como vimos, do contraponto com a agitação da rua (Figura 53).

A segunda concepção faz referência ao lugar de reunião que se acrescenta às circulações verticais das Residências Documenta Urbana de Hertzberger (Figura 54). No caso do projecto proposto (Figura 55) este espaço pode também ser interpretado como um sobredimensionamento do patim de chegada das escadas ou, de outro ponto de vista, como uma bolsa que surge no espaço de distribuição horizontal como um lugar de convergência, equipado para estimular a permanência e o contacto social.

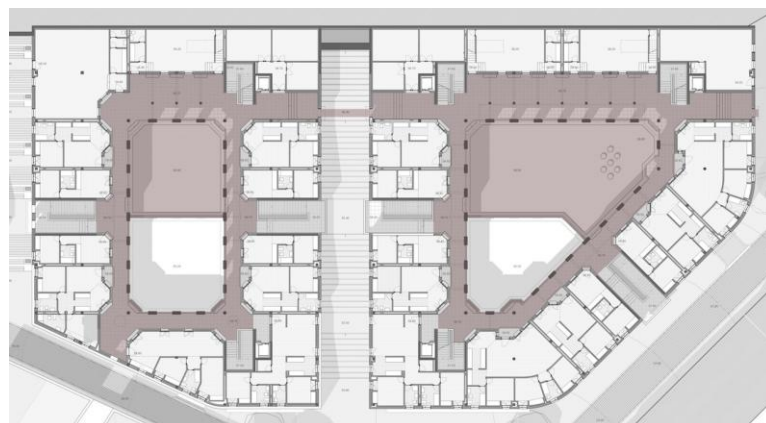
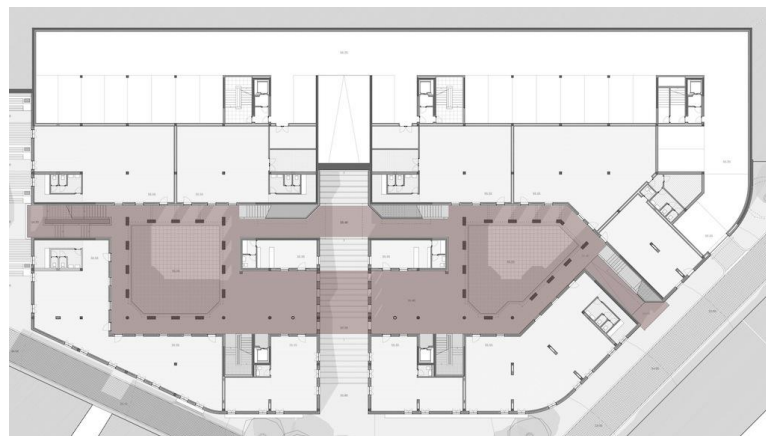
Nesta concepção enquadra-se também o espaço de distribuição de canto do edifício de habitação na Azeda, em Setúbal, projectado por Vítor Figueiredo e Duarte Cabral de Mello, que adapta a ideia de “quarteirão gerador de cidade”, presente no projecto do Alto do Zambujal, à escala do contexto específico, preservando os princípios de agregação e de distribuição que, pela generosidade no dimensionamento, num contexto de construção de custos controlados, geram lugares de encontro espontâneo e de permanência (Figura 56).



**Figura 51** - Recreio coberto da escola Francisco Arruda, Ajuda, Lisboa - <josenesves.net>



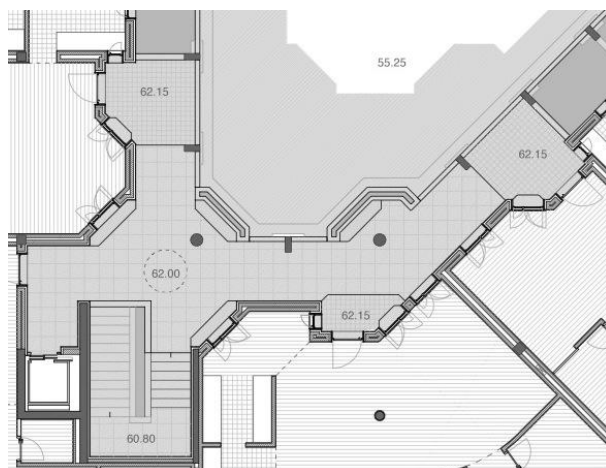
**Figura 52** - Planta do “recreio coberto” no patamar de cima do pátio - Desenho do autor.



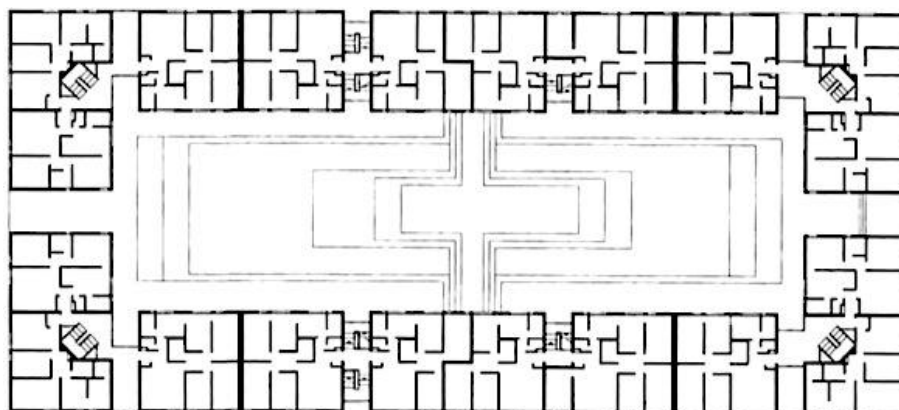
**Figura 53** - Planta / diagrama da continuidade espacial nos dois patamares do pátio - Desenho do autor.



**Figura 54** - Patim-sala nas Residências Documenta Urbana, Herman Hertzberger, Kassel-Dönche, 1979-1982. - Hertzberger, H. (1991, "2006"). *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, p.38.



**Figura 55** - Detalhe, em planta, do alargamento da galeria no canto - Desenho do autor.



**Figura 56** - Planta do piso tipo, Vítor Figueiredo e Duarte Cabral de Mello, Azeda, Setúbal, 1976-1977 - **Land**, C., **Hucking**, K., **Trigueiros**, L. (2005). *Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974*. Lisboa: Blau, p. 503.



**Figura 57** - *Enclave*, Gordon Cullen - **Cullen**, G. (1962, "2008"). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, p. 27.

Dentro desta bolsa, onde pode ser ainda identificado um conjunto de lugares demarcados por reentrâncias com bancos, destaca-se o espaço que contorna o pilar circular e se aproxima do exterior. Aqui, à semelhança do que acontece na praça pela presença das árvores, a forma diferenciada do pilar denuncia a capacidade para acolher um uso particular, também reconhecível no “recreio coberto”. Como argumenta Alexander:

*Between the natural paths which cross (...) a piece of common land choose something to stand roughly in the middle (...). Leave it exactly where it falls between the paths; resist the impulse to put it exactly in the middle.* <sup>142</sup>

Com base na mesma fundamentação teórica usada para sustentar o princípio conceptual dos *activity cockets*, é também aqui reconhecível a ambivalência deste lugar: se, por um lado a posição do pilar e a localização destacada do espaço conferem maior interioridade, por outro lado, a proximidade do espaço exterior e a posição sobranceira sobre o pátio tornam-no um lugar que se expõe para o colectivo.

O ensaio destas formas espaciais corresponde à procura de uma resposta à necessidade “espaço exterior abrigado”<sup>143</sup> exposta por Alison e Peter Smithson que encontra correspondência no conceito de *enclave* de Cullen (Figura 57):

*O enclave, ou espaço interior aberto para o exterior, e que permite acesso livre e directo entre ambos, apresenta-se (...) como um recinto ou compartimento que pode ser alcançado com facilidade (...) Local tranquilo, onde os passos ressoam e a luminosidade é atenuada, onde se fica apartado do burburinho da rua e se desfruta, simultaneamente, o exterior, de um ponto de observação bem situado e seguro.* <sup>144</sup>

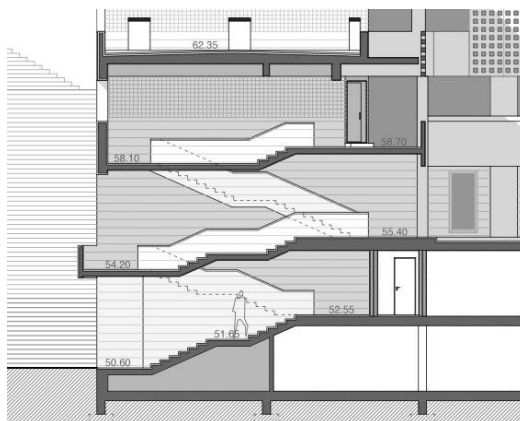
À galeria ou fachada espessa acrescenta-se também o espaço dos acessos aos dois patamares do interior do quarteirão que já analisámos como dispositivos de transição entre o exterior público e o interior semi-público. Nestes espaços de transição (Figura 58) - à semelhança do que procura Vítor Figueiredo nas escadas do corpo curvo da Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha (Figura 59) - é reconhecível a intenção de transformar a escada num “caminho que se percorre, mais do que algo que resolve habilidosamente o acesso de um piso para outro.” <sup>145</sup>

<sup>142</sup> Alexander, C., Ishikawa, S., Silverstein, M., op. cit., pp. 607-608.

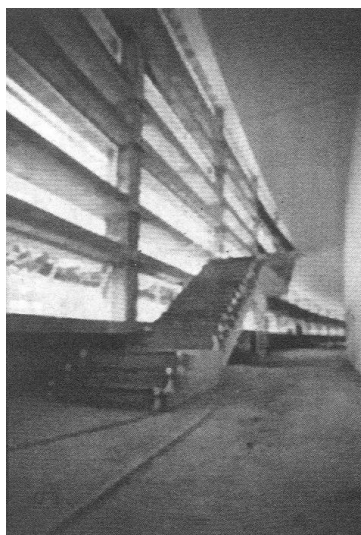
<sup>143</sup> (...) there is the problem of the real space needs of family life, specially for children. Everyone needs a bit of sheltered outdoor space as an extension of his house. Alison e Peter Smithson, in Smithson, A., op. cit., p. 87.

<sup>144</sup> Cullen, G., op. cit., p. 27.

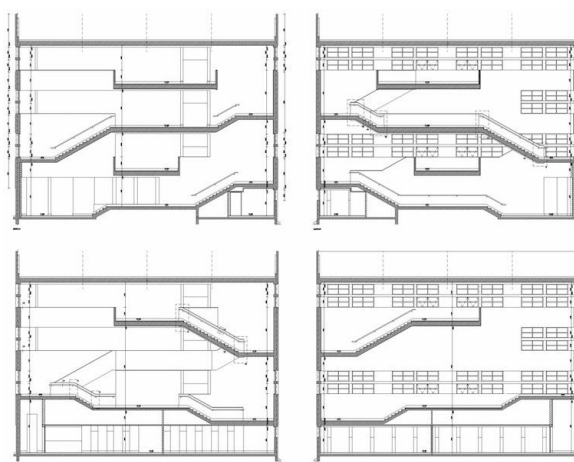
<sup>145</sup> Vítor Figueiredo, in Arenga, N. (Editor), op. cit., p. 51.



**Figura 58** - Corte longitudinal por um dos acessos ao interior do quarteirão - Desenho do autor.



**Figura 59** - Escadas na galeria do edifício curvo da ESAD, Vítor Figueiredo, Caldas da Rainha, 1992-1997 - Arenga, N. (Editor) (2012). *Vítor Figueiredo: fragmentos de um discurso*. Porto: Circo de Ideias, p. 52-53



**Figura 60** - Cortes longitudinais pela escada principal do Edifício C6 da Faculdade de Ciências da U. L., Lisboa, 1993-2003, José Neves. - <joseneves.net>

Esta ideia também se manifesta na “escada principal” do Edifício C6 já citado (Figura 60) que, ainda que dentro de um edifício de acesso condicionado, assume, através da escala, um grau de urbanidade que a aproxima de um percurso público, da ideia de uma *calçada*, uma rua íngreme, ou de uma *travessa*, uma rua estreita que liga dois percursos principais, um espaço de atravessamento, mas também de encontro e permanência. Nos três casos a largura das escadas, a maviosidade dos degraus, “o patim que quer ser um quarto” <sup>146</sup> e a consequente definição de lugares de permanência e contacto social, transformam a transição entre níveis num ritual que Vítor Figueiredo associa à memória cinematográfica:

*Aquelas escadas (...) lembram-me o “Sunset Boulevard”, o “Crepúsculo dos Deuses”, <sup>147</sup>quando a Gloria Swanson vem a descer a escada, cá em baixo está o Erich von Stroheim e lhe faz o gesto como se estivesse a filmar. (...) há ali uma liturgia, no sentido de ritual, de movimento... disse que não acredito que a arquitectura redima o mundo, mas, contraditoriamente, (...) há certo tipo de coisas que acontecem em certos sítios onde há uma arquitectura, e noutros sítios não acontecem.*<sup>148</sup>

Por último, aproximando-nos da reflexão sobre as gradações de intimidade no interior doméstico - importa o reconhecimento da condição de lugar do nicho que contem a janela para o exterior público, também já referido pela qualidade de dispositivo de transição. Este espaço (Figura 45), que surge da vontade de aumentar a “espessura” das fachadas exteriores para alongar a distância entre a rua e os espaços mais íntimos da casa, constitui um lugar dentro do quarto que se diferencia pelo distinto padrão de utilização que acolhe. Procurando transportar as características do lugar que constrói uma *conversadeira*, elemento arquitectónico comum na arquitectura popular portuguesa (Figura 61), inverte-se a *articulação* existente nos espaços públicos: no quarto, este não é lugar de introversão e recolhimento, mas lugar de extroversão, de contacto com o exterior público, e coloca-se à margem da intimidade e da privacidade do quarto. Como sintetiza Louis Kahn:

*A bay window can be the private room within a room. A closet with a window becomes a room ready to be rearranged.*<sup>149</sup>

Em suma, se aos dispositivos de transição se reconheceu a aptidão para reconciliar as polaridades introversão-extroversão ou público-privado, aos lugares dentro de lugares associa-se a capacidade de sustentar a sua coexistência e interacção no mesmo espaço.

<sup>146</sup> (*The landing wants to be a room.*), in **Twombly**, R., op. cit., p. 254. Tradução livre.

<sup>147</sup> Filme realizado por Billy Wilder em 1950.

<sup>148</sup> Vítor Figueiredo, in **Arenga**, N. (Editor), op. cit., p. 68.

<sup>149</sup> **Twombly**, R., op. cit., p. 254.





**Figura 61** - A conversadeira na arquitectura tradicional portuguesa - **Amaral, F. K.** (et alt.) (1961, "1988").  
*Arquitectura Popular em Portugal*. Volume 1. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, p. 132.

#### 5.4. Os lugares do colectivo na casa

*(...) some form of pattern seems to exist in almost all cultures. (...) It is almost an archetypal ordering principle for all man's buildings. All buildings, and all parts of buildings which house well-defined human groups, need a definite gradient from "front" to "back", from the most formal spaces at the front to the most intimate spaces at the back.*<sup>150</sup>

Alexander aponta as "gradações de intimidade"<sup>151</sup> como condição fundamental para o adequado funcionamento de qualquer edifício. Deve conceber-se uma articulação espacial que crie uma sequência desde espaços de carácter mais público até ao domínio mais privado (Figura 62). Se esta sucessão espacial com diferentes graus de intimidade não for claramente definida, não se criam tantas oportunidades de encontro e "é, portanto, impossível dar ao encontro a dimensão de significado acrescido pela escolha do espaço"<sup>152</sup>. Por outras palavras, esta homogeneidade espacial exclui a espontaneidade da interacção social no edifício.

Neste sentido, a casa, enquanto domínio privado e lugar primordial da expressão individual e da intimidade, desempenha um papel de destaque nesta sucessão.

*A bedroom or boudoir is most intimate; a back sitting room, or study less so; a common area or kitchen more public still; a front porch or entrance room most public of all. When there is a gradient of this kind, people can give each encounter different shades of meaning, by choosing its position on the gradient very carefully.*<sup>153</sup>

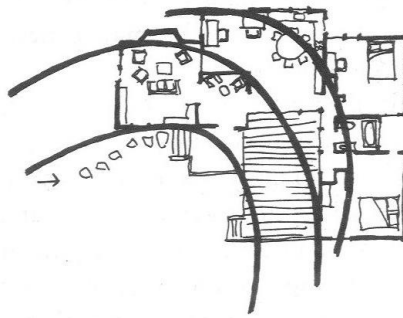
Este princípio de heterogeneidade espacial formulado por Alexander encontra correspondência na análise de Rapoport. A escala que vai desde o exibicionismo até à privacidade relaciona-se com a forma como é usada a rua: a casa organiza-se de "trás" para a "frente", do mais íntimo para o sucessivamente mais colectivo e público, sendo que a parte da frente corresponde à rua e a parte de trás é definida pelo pátio (Figura 63). Esta variação dos domínios, patente nas oposições entre privado e público, ou individual e colectivo, pode entender-se como o equilíbrio entre interacção e introversão e corresponde a uma ideia de cidade composta por um conjunto de lugares unidos por um sistema de vínculos.

<sup>150</sup> Alexander, C., Ishikawa, S., Silverstein, M., op. cit., p. 611.

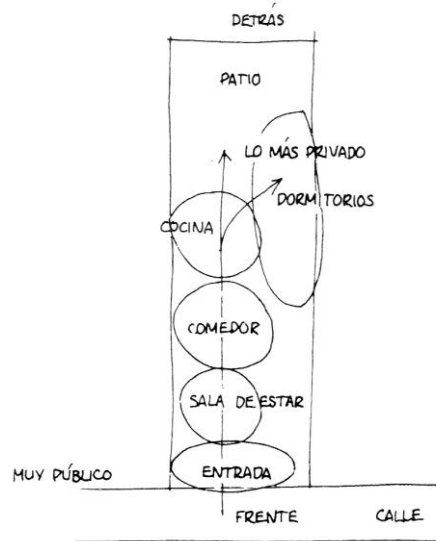
<sup>151</sup> Idem, pp. 610-613. Tradução livre.

<sup>152</sup> Idem, p. 610. Tradução livre.

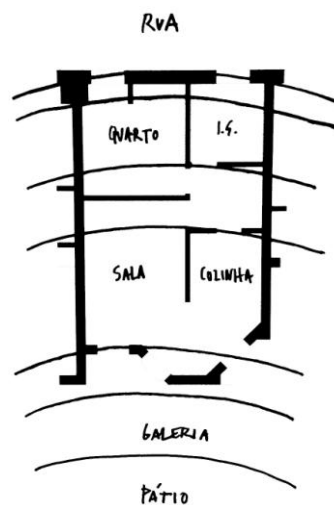
<sup>153</sup> Idem, p. 610.



**Figura 62** - “Gradações de intimidade” na casa, Christopher Alexander - **Alexander, C., Ishikawa, S., Silverstein, M.** (1977). *A Pattern Language*. Nova Iorque: Oxford University Press, p. 612.



**Figura 63** - “Gradações de intimidade” da rua ao patio, Christopher Alexander - **Rapoport, A.** (1977, “1978”). *Aspectos Humanos de la Forma Urbana, Hacia una Confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 262.



**Figura 64** - Diagrama das “gradações de intimidade” no projecto - Desenho do autor.

*A casa e a sua envolvente são a região privada por excelência (com variações culturais e variações internas) contrastando com a natureza pública da cidadania como um todo. O bairro, se existe, proporciona um elemento mediatizador: semi-público, semi-privado, etc. (...) Qualquer cidade pode ser considerada como um conjunto de subsistemas com vários graus de publicidade e privacidade, (...) vinculados e separados por diferentes barreiras e mecanismos, e com gradações mais ou menos suaves.*<sup>154</sup>

A interacção social no bairro - ou no conjunto dos seus espaços colectivos - está directamente relacionada com a sua composição social: se existir unidade racial, étnica ou de parentesco este pode funcionar como uma grande “zona de trás”, com uma “parte da frente” preparada para os “estranhos”.<sup>155</sup>

O projecto propõe uma inversão do posicionamento relativo das partes “da frente” e “de trás” deste diagrama conceptual: a rua passa a ser a instância que se segue ao espaço do quarto, enquanto que o pátio se transforma na “rua”, i.e., o lugar colectivo da ambivalência entre público e privado (Figura 64).

Esta transposição não põe em causa nem preservação da intimidade e da privacidade da casa, nem a condição de lugar de reunião da rua, pelo contrário, fortalece-as. Se, por um lado, o facto de as janelas das divisões mais íntimas da casa nunca se posicionarem de nível com a cota da rua contribui para que se resguarde o interior doméstico, por outro, a relação com pátio permite que este funcione como extensão da casa e como parte da “rua”, do território público da cidade, regulado pelas ruas estreitas que, como vimos, funcionam como espaços de antecâmara para o interior do edifício.

Apesar desta inversão, mantêm-se a sucessão espacial de progressiva interioridade e privacidade presente no interior doméstico que se enquadra nas representações esquemáticas de Alexander.

Este princípio é aplicado no projecto da casa (Figura 65) tendo também como referência a distribuição espacial e a relação com a rua presentes no conjunto de casas de renda económica em Barcelos, projectado em 1958 por Nuno Teotónio Pereira (Figura 66).

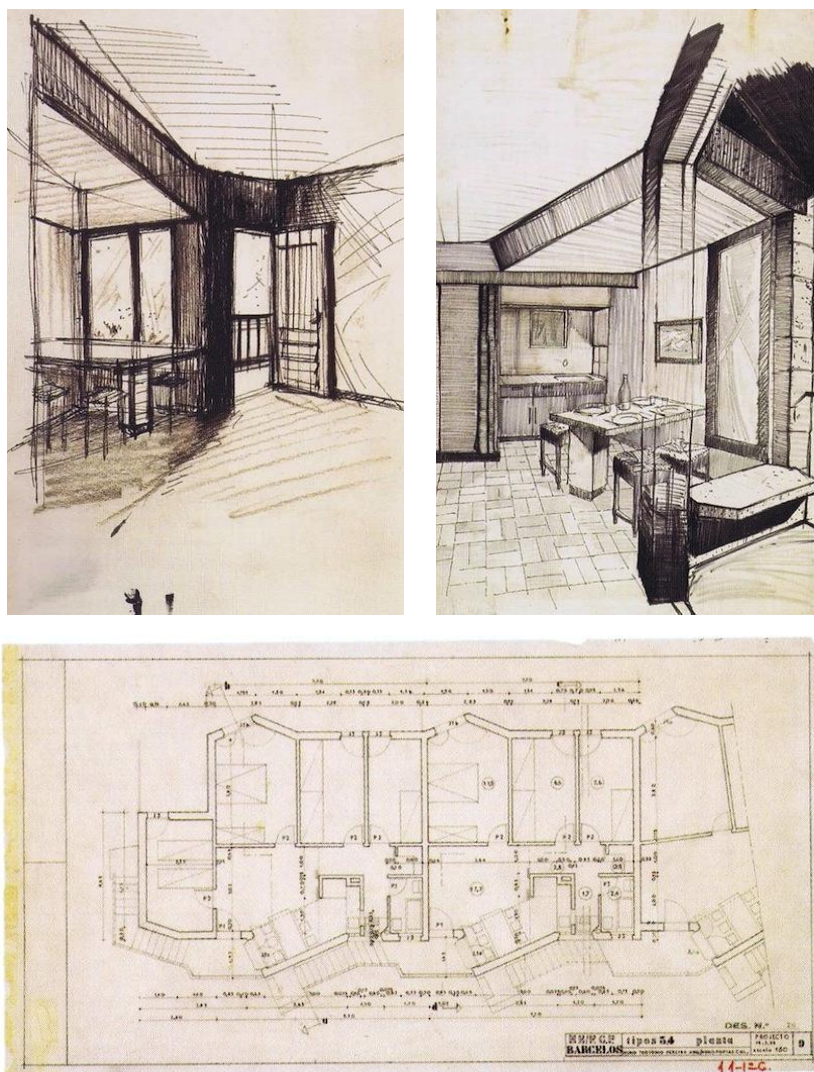
---

<sup>154</sup> **Rapoport**, A., op. cit., p. 265. Tradução livre

<sup>155</sup> *Idem*, p. 263.



**Figura 65** - Planta de dois fogos do projecto, com 1 e 3+1 quartos - Desenho do autor.



**Figura 66** - Perspectivas de interior e planta, Casas de Renda Económica, Nuno Teotónio Pereira, Barcelos, 1958-1962 - Tostões, A. (et al.) (2004). *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera Editores, pp. 164, 165.

Em ambos os casos, o percurso entre a porta de casa e os espaços de maior intimidade é pontuado por lugares de sucessiva interioridade. Perto da entrada e, portanto, à ilharga do pátio, da “rua”, situam-se os lugares de reunião da casa, um espaço contínuo com demarcações que assinalam uma zona de estar, a cozinha e um espaço de refeições; entre este e os quartos e as instalações sanitárias existe um espaço de transição que filtra a passagem para o domínio mais íntimo. Assim, os lugares colectivos da casa dão forma a um espaço de convergência, ideia que encontra paralelo no princípio de “*common areas at the heart*”<sup>156</sup> de Alexander: as áreas comuns devem ser posicionadas de modo a que sejam atravessadas quando se sai ou entra em casa para que sejam lugar de encontros espontâneos entre elementos da mesma comunidade.

A relação entre os lugares colectivos da casa e entre estes e a rua enquadra-se também na “ideia de um foco que aglutina a vida doméstica”<sup>157</sup> e na importância que Monteys atribui ao papel que a cozinha desempenha como “motor de trocas”<sup>158</sup>. Através do relato da evolução da sua forma e dos diferentes modos de integração com as restantes instâncias da casa, associados às alterações dos modos de vida ao longo da história, conclui que a cozinha tende para se afastar da configuração de origem medieval, que a colocava no centro da casa, lugar do fogo e de encontro, para transformar num “utensílio” que serve a vida da casa. Esta concepção enquadra-se na tipologia de “economia de gestos” da *Frankfurter Küche* [cozinha de Frankfurt] (Figura 67) que exclui, pelo dimensionamento, a possibilidade de a utilizar como espaço de estar reduzindo-a à dimensão de “motor”.

O projecto procura enquadrar-se nesta tendência dos modos de vida contemporâneos, mas apostando na eliminação desta “segregação forçada”<sup>159</sup> para devolver a cozinha como lugar da convivialidade na casa, à imagem do que concebeu Le Corbusier na *Unité d’Habitation* de Marselha (Figura 68):

*Le Corbusier reúne aqui, de novo, a cozinha e a sala de jantar - a reunião da família à mesa - depois de um longo divórcio: uma cozinha a meio caminho entre a pequena cozinha racional e a permanência da tradição rural que poderíamos chamar “grande sala da vida familiar” (...)*<sup>160</sup>

<sup>156</sup> Alexander, C., Ishikawa, S., Silverstein, M., op. cit., pp. 618-621.

<sup>157</sup> Monteys, X., Fuertes, P., op. cit., p. 104. Tradução livre.

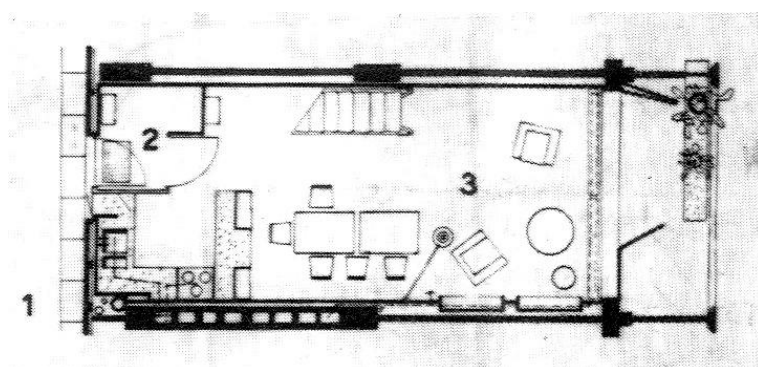
<sup>158</sup> Idem, pp. 104-112. Tradução livre.

<sup>159</sup> Idem, p. 106. Tradução livre.

<sup>160</sup> Idem, pp. 106-108. Tradução livre.



**Figura 67** - *Frankfurter Küche* [cozinha de Frankfurt] - **Monteys, X., Fuertes, P.** (2011) *Casa collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 107.



**Figura 68** - Detalhe da planta de um dos módulos da *Unité d'Habitation* de Marselha - **Ragot, G., Dion, M.** (1987). *Le Corbusier en France: Réalisations et projects*. Paris: Electa Moniteur, p. 155.

A inflexão da parede que cria, como vimos, o *doorstep*, uma bolsa no espaço exterior que articula a transição entre domínios público e privado, funciona também como um elemento aglutinador dos espaços da galeria, da sala, da cozinha e do espaço de refeições. À semelhança do que acontece nas casas em Barcelos, a forma da janela contida nesta parede enviesada é pensada para servir várias funções: para além da dimensão generosa permitir iluminar os espaços da cozinha e da sala, a altura do parapeito habilita-a a funcionar como banco ou como passa-pratos da cozinha para o espaço contido entre a porta de casa e o pátio.

Os princípios de distribuição espacial e de relação entre os lugares da casa e entre estes e a rua são tidos como premissas para a concepção de todos os fogos projectados, independentemente da sua dimensão. No caso em estes se encontram à cota dos pátios ou adjacentes a zonas comuns de distribuição apenas os espaços colectivos da casa se viram para o interior do quarteirão; nos pisos superiores, onde a relação da casa com o pátio é filtrada pela densidade da fachada, os quartos, lugares de maior intimidade, voltam-se também para o interior. Neste sentido, apesar da dimensão e do número de quartos variar, não se altera a tipologia de casa, entendida como conjunto de regras ou princípios conceptuais que constroem a sua articulação espacial.

Em suma, a importância da casa que se procura exaltar através do projecto, enquanto embrião da vida urbana, pode resumir-se na relação entre casa e cidade exposta por Voelcker:

*The formal significance of housing is matched by its ecological significance. The house is the center from which living extends and to which it returns; it contains in embryo all the organs of village, town and city; the kitchen, for example, becomes the workshop, factory, warehouse and multiple store of the great city, the living room becomes the cinema, library, and dance hall. If village, town and city are to be comprehensible extensions of living and not unknowable forces within which the house is nothing but a refuge, the connections between the embryo and its development need to be apparent. The design of the house must imply what lies outside.*<sup>161</sup>

---

<sup>161</sup> John Voelcker, in **Smithson**, A., op. cit., p. 91.







## 6. Considerações finais

Procurou-se compreender de que forma a arquitectura pode promover a convivialidade, entendida na relação com o conceito de comunidade e com as práticas do colectivo, como capacidade humana para favorecer trocas recíprocas entre os indivíduos ou grupos que compõem a sociedade, partindo do reconhecimento de que o seu desenvolvimento se relaciona de forma directa com a configuração do espaço.

Constatámos que a convivialidade é indissociável do contraponto criado pela preservação da privacidade e que estas se relacionam de forma recíproca e complementar. O trabalho procurou clarificar esta relação através de uma investigação pelo projecto, assente numa estratégia de progressiva aproximação de escala, que permitiu relacionar as questões inerentes à problemática desenvolvida com uma leitura parcelada do projecto.

Se, como vimos, por um lado, a interacção social alcança a sua expressão máxima no espaço público, por outro lado, é falso partir do pressuposto de que a extensão do seu domínio é, por si só, responsável pela criação de lugares para a exaltação do colectivo. Neste sentido, procurámos identificar os factos que influenciam a qualidade do espaço público e que possibilitam identificar na cidade um conjunto de unidades morfológicas singulares. Concluímos que estes factos urbanos se sustentam não só pelas suas características físicas, mas também pela presença de elementos primários, pólos atractivos da vida urbana, de natureza histórico-arquitectónica ou associados funções específicas, responsáveis pelo desenvolvimento de usos complementares. Este facto permitiu formular uma crítica aos princípios de desenvolvimento da *cidade moderna*, a *cidade dos objectos* dispersos no “vazio”, construída a partir de princípios de *tabula rasa* e de separação funcional, e definir um posicionamento assente no contraponto com a *cidade tradicional*, associada às ideias de *cidade densa* e *cidade objecto*, entendida como um todo complexo e unitário.

À densidade associámos a importância da proximidade como factor preponderante para definição de uma comunidade e de um território, relacionado com apropriações privadas do espaço público no quotidiano e com as percepções de intimidade, pertença, segurança. A delimitação de territórios é indissociável da demarcação de fronteiras, mecanismos fundamentais para assinalar uma progressão clara da domesticidade, da rua à casa, do público ao privado.

Assim, servimo-nos da definição dos limites como recurso de projecto para a articulação de polaridades, dispositivos que, pelo aumento da sua densidade, reforçam a diferenciação dos domínios sem, contudo, excluir a sua proximidade e a possibilidade de transição e de contaminações recíprocas, podendo até constituir lugares de permanência de contacto com realidades distintas. Esta ambivalência é também reconhecível na construção de lugares dentro dos lugares do colectivo, bolsas que se diferenciam pelo grau de introversão ou extroversão e que adquirem uma natureza particular em relação ao espaço em que se inserem.

A progressão da domesticidade que se procurou atingir através destes elementos arquitectónicos não termina no contacto com o domínio privado. É também fundamental o cuidado na definição das gradações de intimidade na casa e a relação das suas diferentes instâncias com a rua na procura pela possibilidade da extensão dos domínios.

O projecto considerou estas questões no contexto específico de confronto com o tecido urbano consolidado e, numa aproximação de escala, com um território caracterizado pela desertificação e o envelhecimento. A oportunidade de abertura de um vasto enclave urbano revela a possibilidade de revitalização desta área pela criação de percursos de atravessamento e de ligação entre polos atractivos da cidade, pontuados por uma sucessão de lugares que oferecem condições para a permanência e contactos sociais espontâneos.

As soluções de projecto procuram, portanto, criar oportunidade para a convivialidade, sem excluir a possibilidade de introversão, mas oferecendo os recursos necessários para que se desenvolva de forma espontânea e natural. Em síntese, recordando Vítor Figueiredo:

*(...) disse que não acredito que a arquitectura redima o mundo, mas, contraditoriamente, (...) há certo tipo de coisas que acontecem em certos sítios onde há uma arquitectura, e noutros sítios não acontecem.*<sup>162</sup>

---

<sup>162</sup> Vítor Figueiredo, in **Arenga**, N. (Editor), op. cit., p. 68.





## 7. Bibliografia

- Alexander, C., Ishikawa, S., Silverstein, M.** (1977). *A Pattern Language*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Arenga, N.**, Editor (2012). *Vítor Figueiredo: fragmentos de um discurso*. Porto: Circo de Ideias.
- Ariès, P., Duby, G.** (1985, "1991"). *História da vida privada*. Porto: Edições Afrontamento.
- Bauman, Z.** (2005, "2006"). *Confiança e medo na cidade*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Benevolo, L.** (1977, "1989"). *Projectar a Cidade Moderna*. Lisboa: Editorial Presença.
- Benevolo, L.** (1985). *O Último Capítulo da Arquitectura Moderna*. Lisboa: Edições 70.
- Botelho, S.** (2010). *Espaços de transição: preservação da privacidade e estímulo do contacto social*. Tese de mestrado não publicada. Universidade Técnica de Lisboa.
- Cardoso, J. M.** (1958). *Aspectos Sociais da Unidade de Vizinhança Como Elemento de Urbanização*. Coimbra: Centro de Estudos de Urbanismo.
- Chermayeff, S., Alexander, C.** (1969, "1970"). *Comunidad y Privacidad: Hacia una nueva arquitectura humanista*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.
- Coelho, A. B.** (2000). *Qualidade Arquitectónica Residencial: Rumos e Factores de Análise*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Coelho, A. B., Pedro, J. B.** (1998). *Do Bairro e da Vizinhança à Habitação: tipologias e caracterização dos níveis físicos residenciais*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Corbusier, L.** (1946). *Propos d'Urbanisme*. Paris: Éditions Bourrelly.
- Cordeiro, G., Vidal, F.** (2008). *A Rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cullen, G.** (1962, "2008"). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.
- Eco, U.** (1973, "1990"). *O Signo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Fathy, H.** (1973, "2009"). *Arquitectura para os pobres: uma experiência no Egipto rural*. Lisboa: Argumentum, Dinalivro.
- Fernandes, J. M.** (1999). *Cidades e arquitecturas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Freire, F.** (2010). *O bloco comunitário na cidade: os 'espaços de transição' na concepção de um modelo de habitação (Proposta para o Campo Grande, Lisboa)*. Tese de mestrado não publicada. Universidade Técnica de Lisboa.
- Freitag, M.** (1992, "2004"). *Arquitectura e Sociedade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gehl, J.** (1987, "2006"). *La Humanización del Espacio Urbano: La vida social entre los edificios*. Barcelona: Editorial Reverté.

- Gehl, J., Gemzoe, L.** (2003). *New City Spaces*. Copenhagen: The Danish Architectural Press.
- Hall, E.** (1966, “2005”). *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d’Água Editores.
- Hertzberger, H.** (1991, “2006”). *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.
- Heuvel, D., Risselada, M.** (2005). *Team 10: 1953-81; in search of a Utopia of the present*. Roterdão: NAI Publishers.
- Jacobs, J.** (1961, “2000”). *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Kopp, A.** (1970). *Town and Revolution: Soviet Architecture and City Planning 1917-1935*. Londres: Thames and Hudson.
- Lamas, J.** (1993, “2007”). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lefaivre, L., Roode, I.** (2002). *Aldo van Eyck: the playgrounds and the city*. Amsterdão: Stedelijk Museum; Roterdão: NAI Publishers.
- Ligtelijn, V.** (1999). *Aldo van Eyck, Works*. Basileia: Birkhäuser - Publishers for Architecture.
- Lynch, K.** (1960, “2009”). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Martins, J. P.** (2006). *Os espaços e as práticas - arquitetura e ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade Técnica de Lisboa.
- Moleiro, R.** (2012). Artigo: *Bastou bater à porta para salvar 542 vidas*. [periódico] *Expresso*, 27 de Outubro.
- Montaner, J. M.** (2008, “2009”). *Sistemas arquitetónicos contemporâneos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Monteys, X.** (et alt.) (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Madrid: Editorial Lampreave.
- Monteys, X., Fuertes, P.** (2011) *Casa collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Moreira, J.** (2013). *A presença da arquitetura como enclave: reflexões a partir da cerca de Santa Marta de Lisboa*. Tese de mestrado não publicada. Universidade Técnica de Lisboa.
- Mumford, E.** (2000). *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology.
- Norberg-Schulz, C.** (1974, “1988”). *Système logique de l’architecture*. Bruxelas: Editions Mardaga
- Rapoport, A.** (1977, “1978”). *Aspectos Humanos de la Forma Urbana, Hacia una Confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Rodrigues, J. M.** (et alt.) (2010). *Teoria e Crítica de Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Caleidoscópio.



- Rossi, A.** (1966, "2001"). *A Architectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Rowe, C., Koetter, F.** (1984). *Collage City*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Rudofsky, B.** (1969). *Streets for People: a primer for Americans*. Nova Iorque: Doubleday & Company, Inc.
- Salgado, M.** (2011). Entrevista: Colina de Santana será a Colina do Conhecimento. Entrevista por Eduardo Melo, [periódico] *Económico*, [online] 21 de Dezembro. Disponível em: <[http://economico.sapo.pt/noticias/colina-de-santana-sera-a-colina-do-conhecimento\\_13\\_4200.html](http://economico.sapo.pt/noticias/colina-de-santana-sera-a-colina-do-conhecimento_13_4200.html)>. [Consultado em 13 de Agosto de 2013].
- Sequeira, M.** (2012). *Para um espaço público: Le Corbusier e a tradição greco-latina da Cidade Moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Shafroff, H.** (2008). *Convivial Urban Spaces: Creating Effective Public Spaces*. Londres: Cromwell Press.
- Smithson, A.** (1974). *Team 10 Primer*. Massachusetts: The MIT Press.
- Strauven, F.** (1994, "1998"). *Aldo Van Eyck: the Shape of Relativity*. Amsterdão: Architectura & Natura Press
- Távora, F.** (1982, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações.
- Tostões, A.** (et al.) (2004). *Arquitetura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera Editores.
- Twombly, R.** (2003). *Louis Kahn: Essential Texts*. Nova Iorque: W. W. Norton.
- Unwin, R.** (1909, "1994"). *Town Planning in Practice: an Introduction to the Art of Designing Cities and Suburbs*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.
- White, W. H.** (1980, "2001"). *The Social Life of Small Urban Spaces*. Nova Iorque: Ingram.

Número de palavras: 19667



## **8. Projecto**

### **8.1. Desenhos finais**



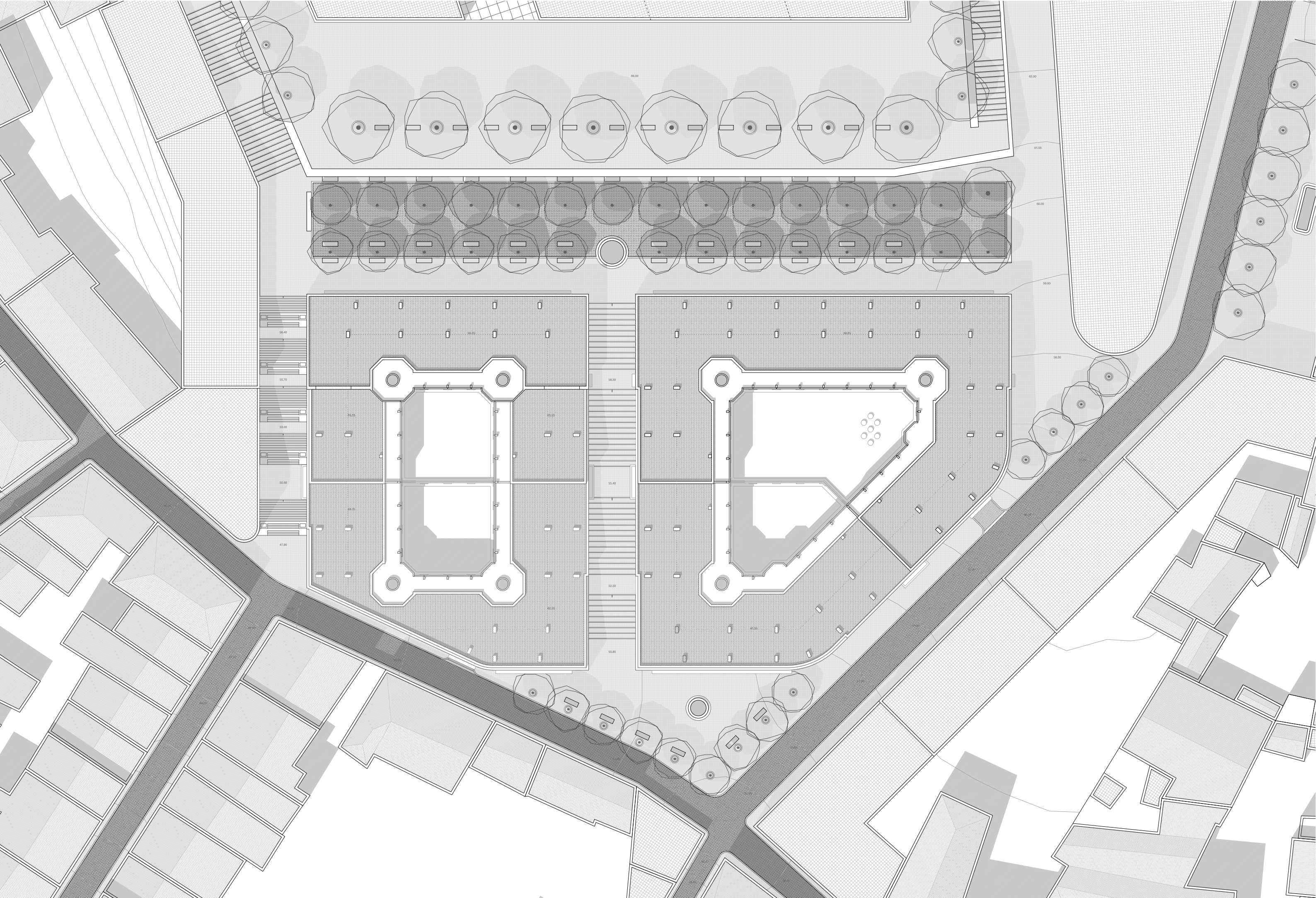




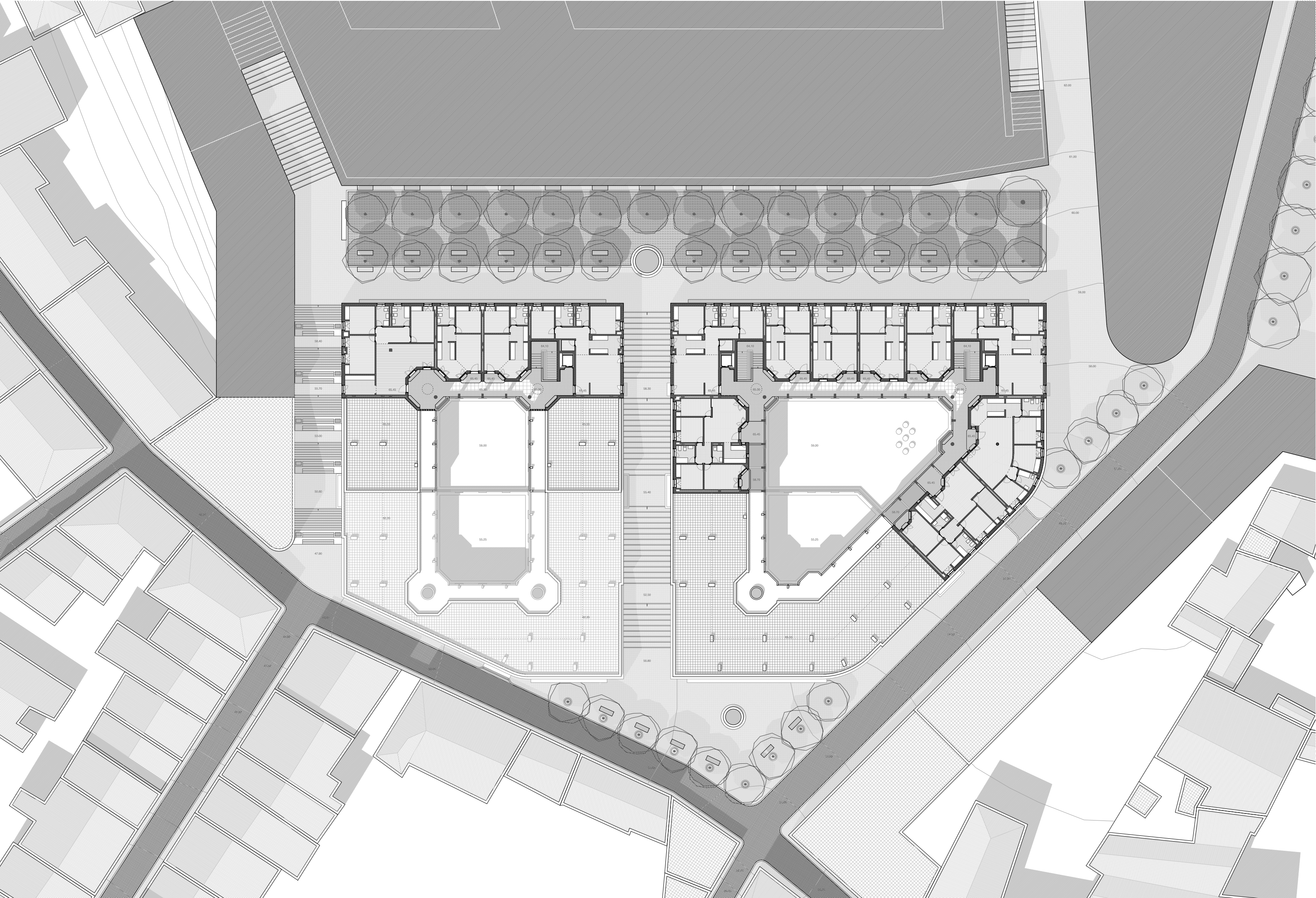




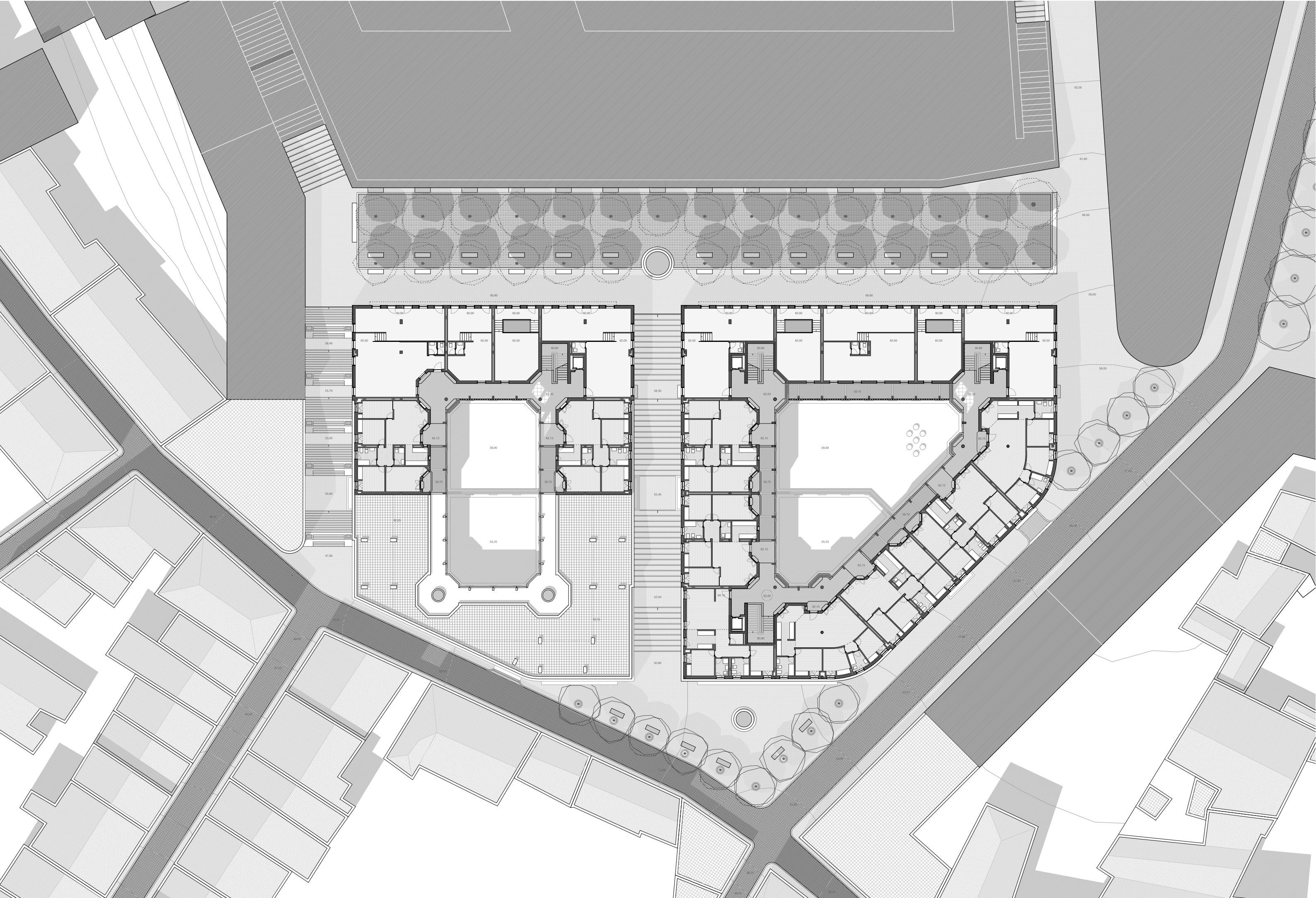




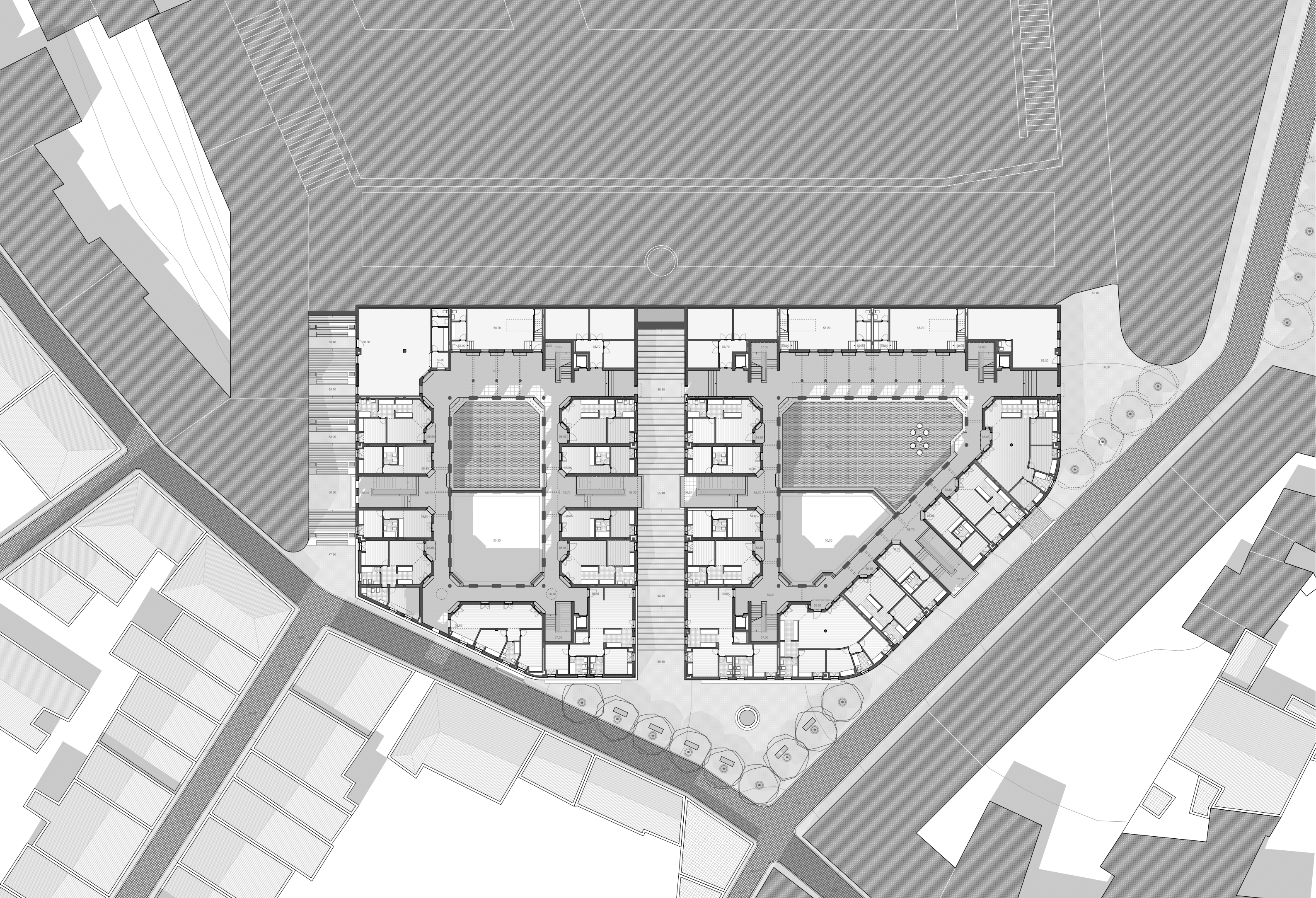




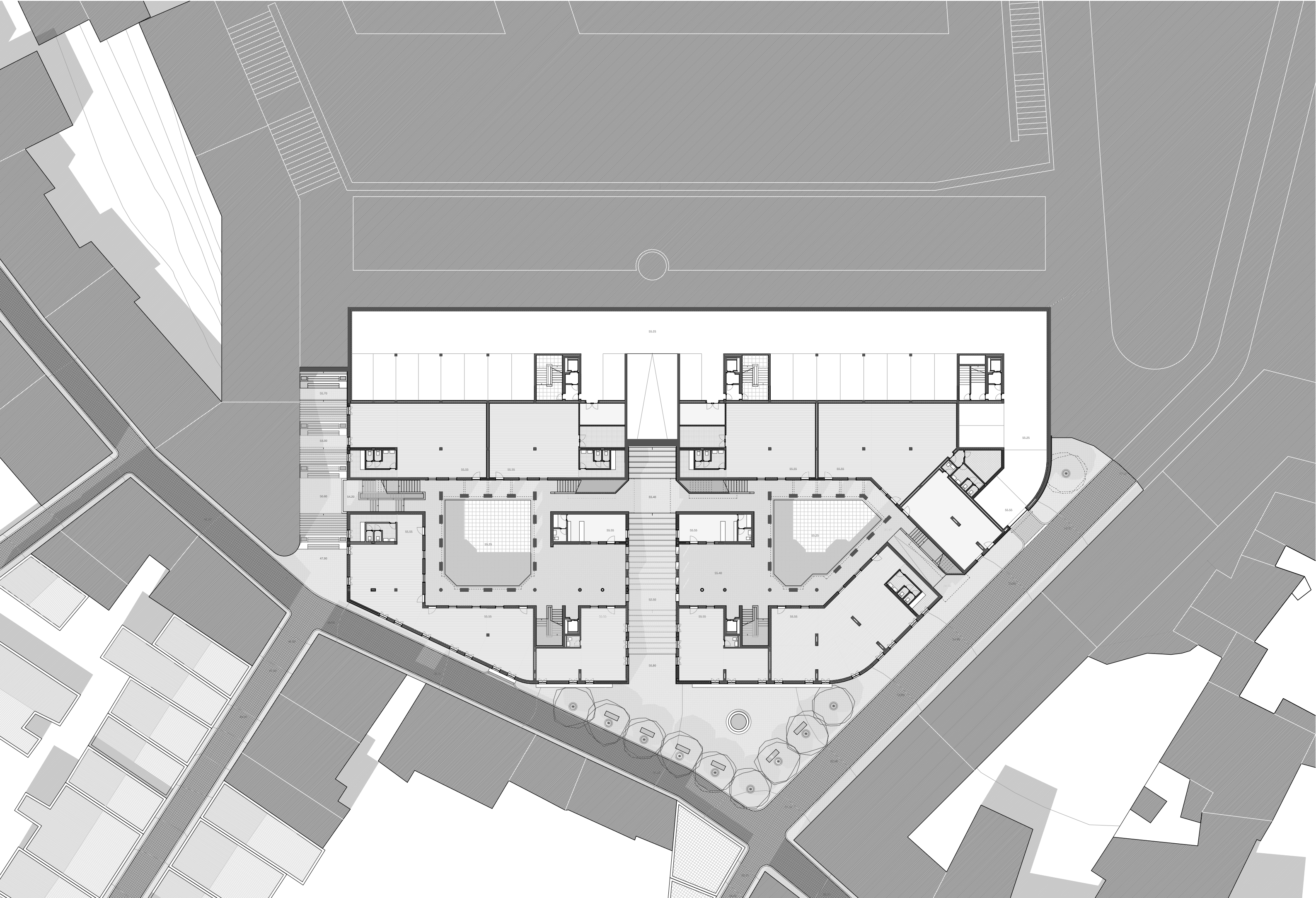




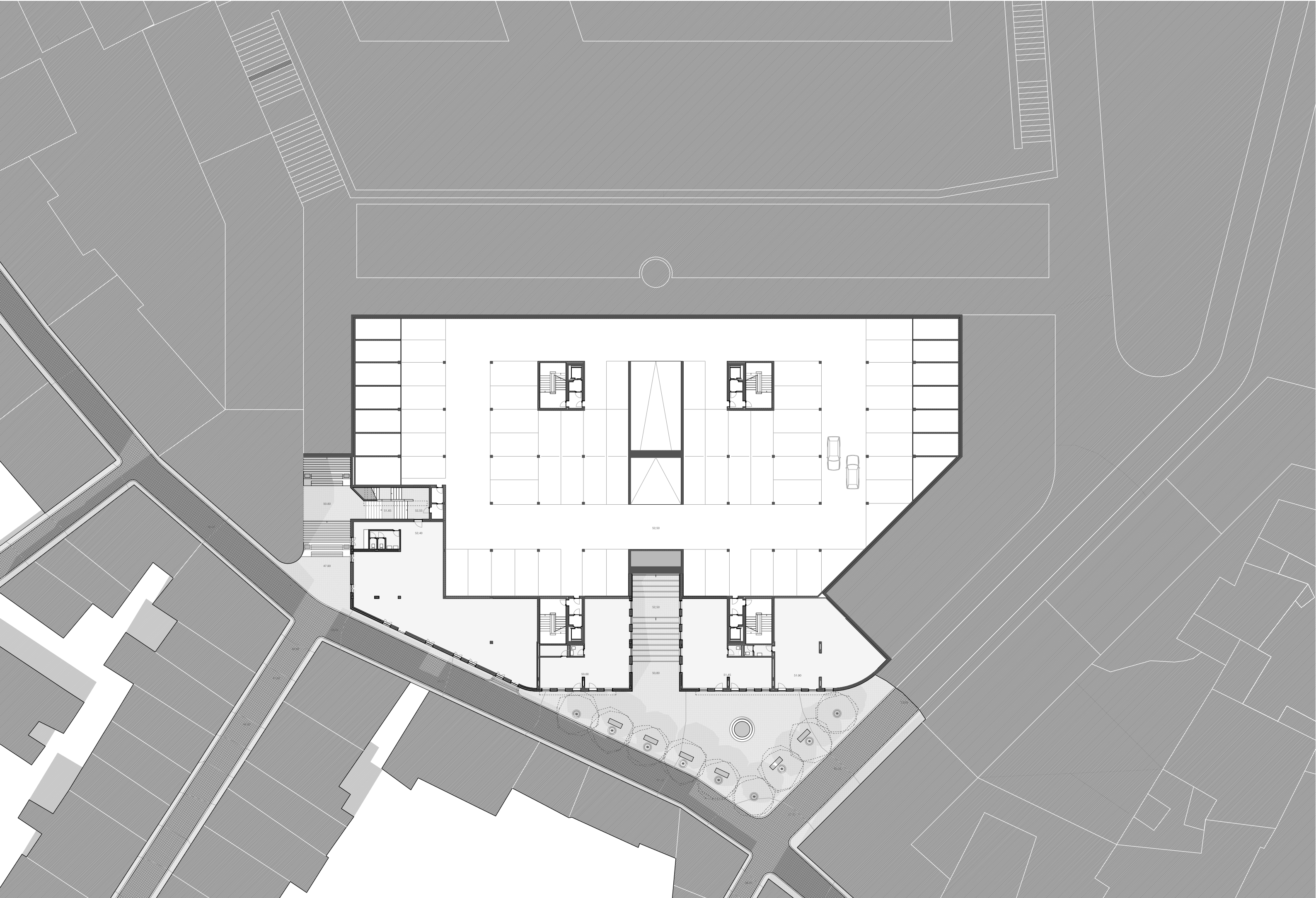


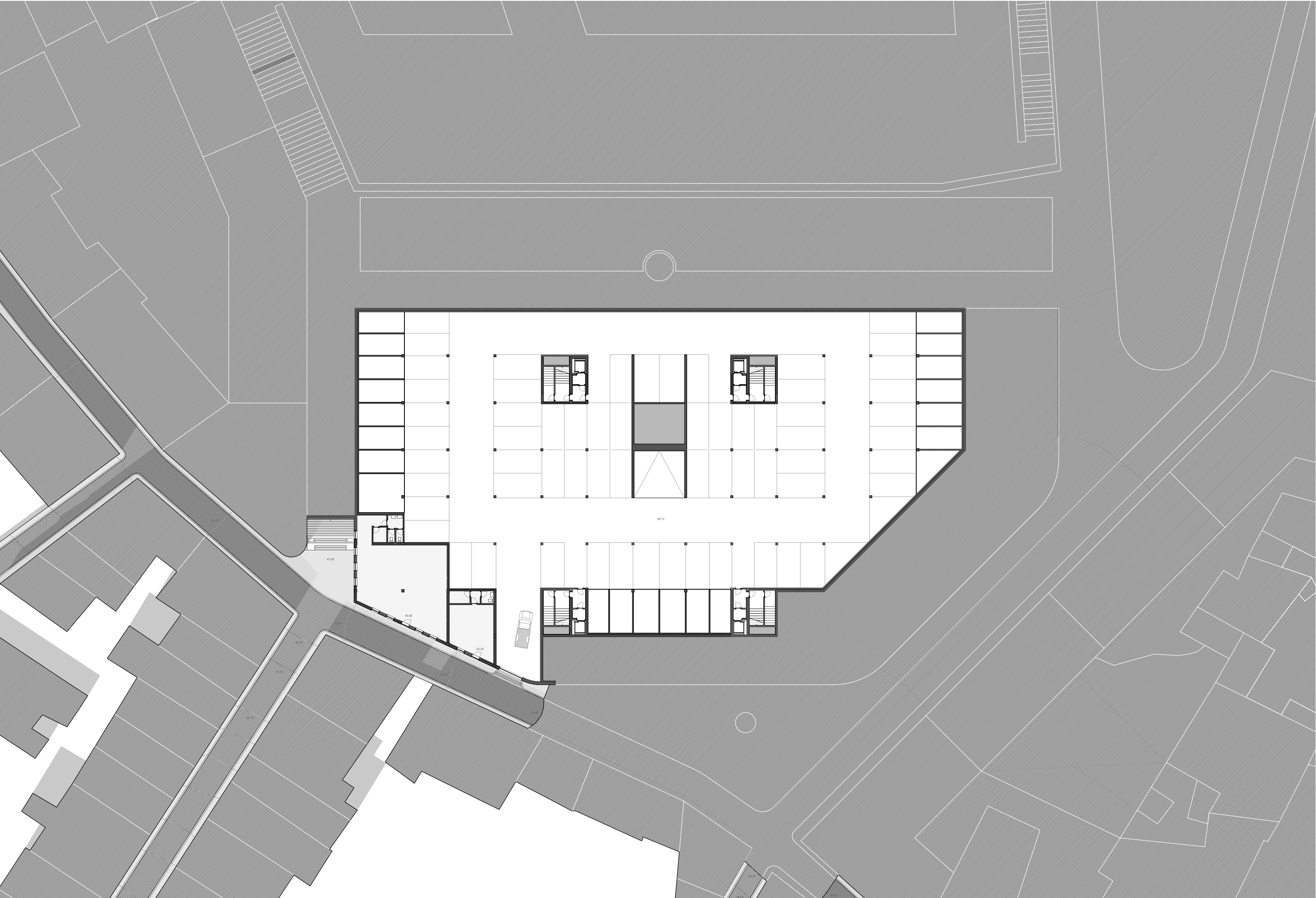




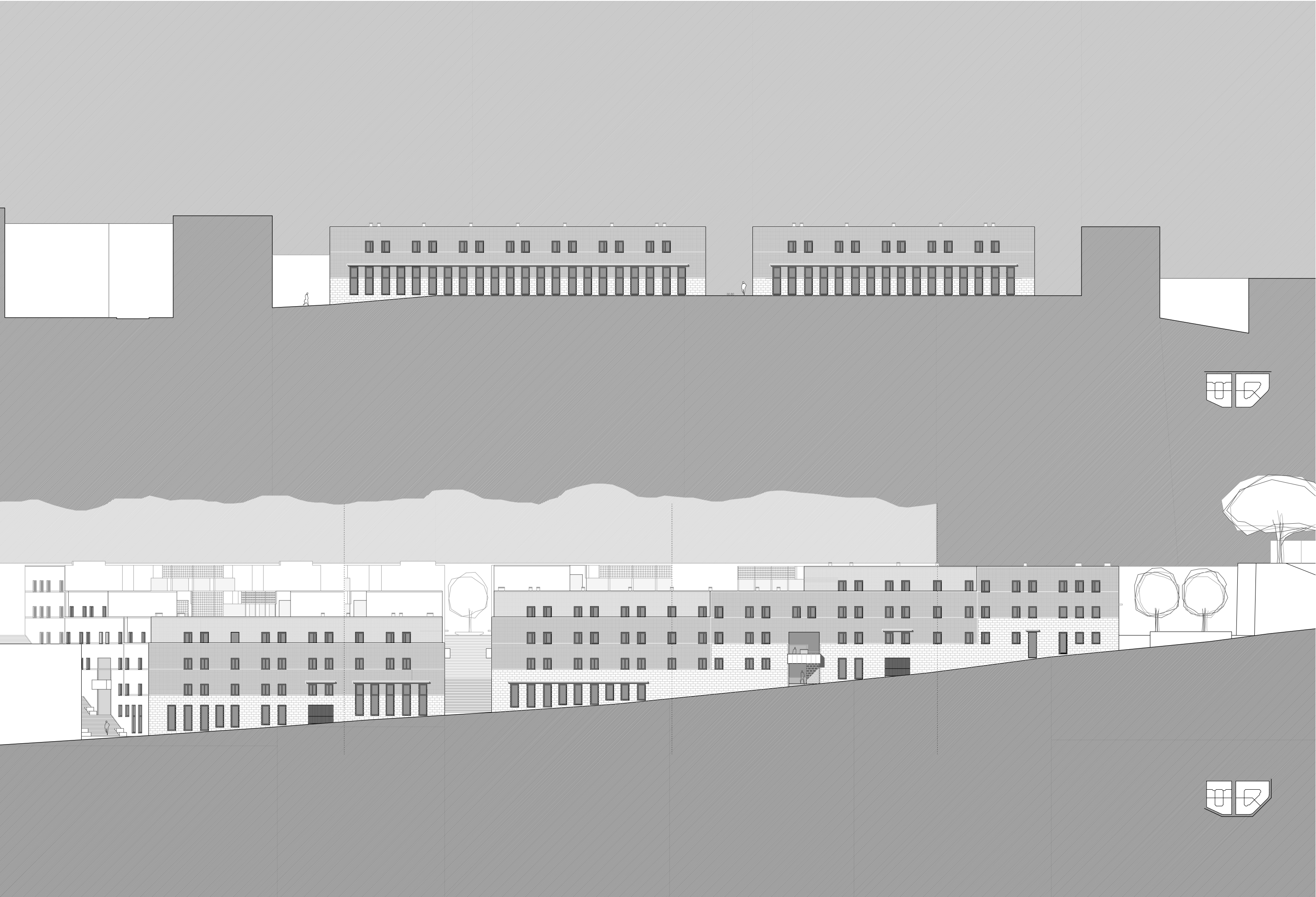


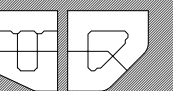
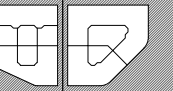
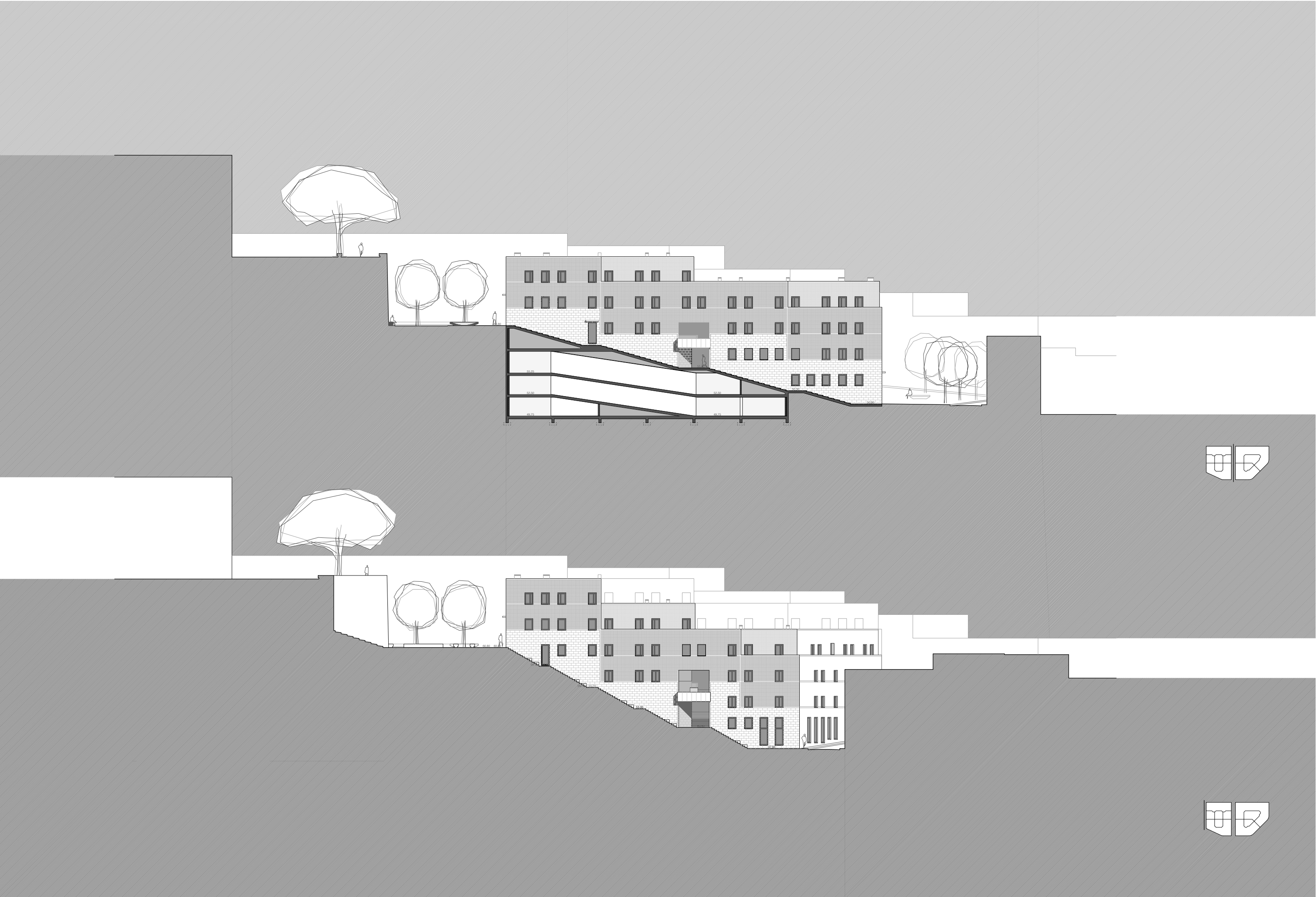


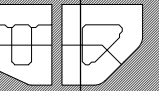
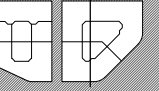
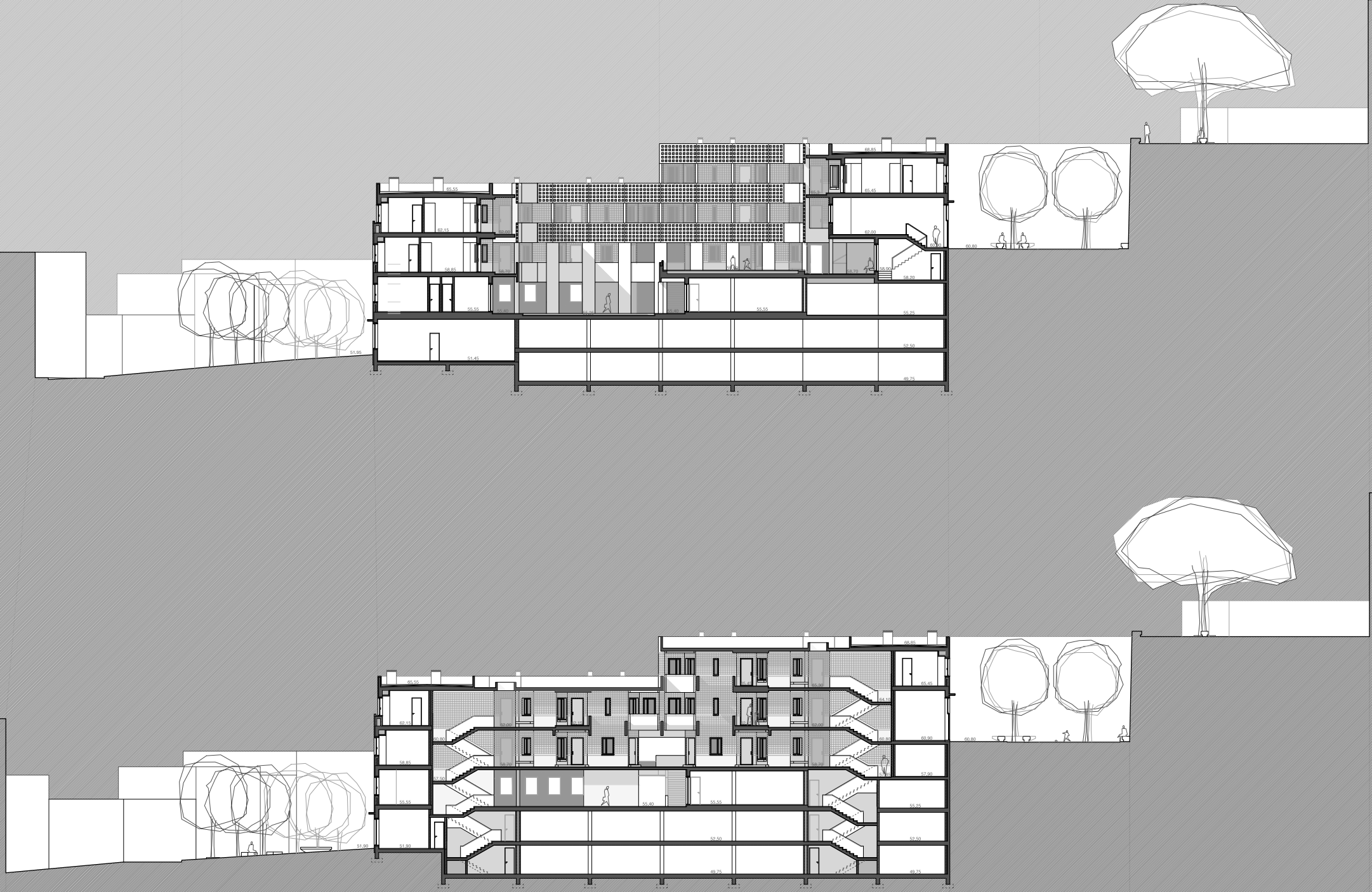




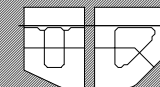
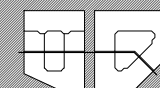
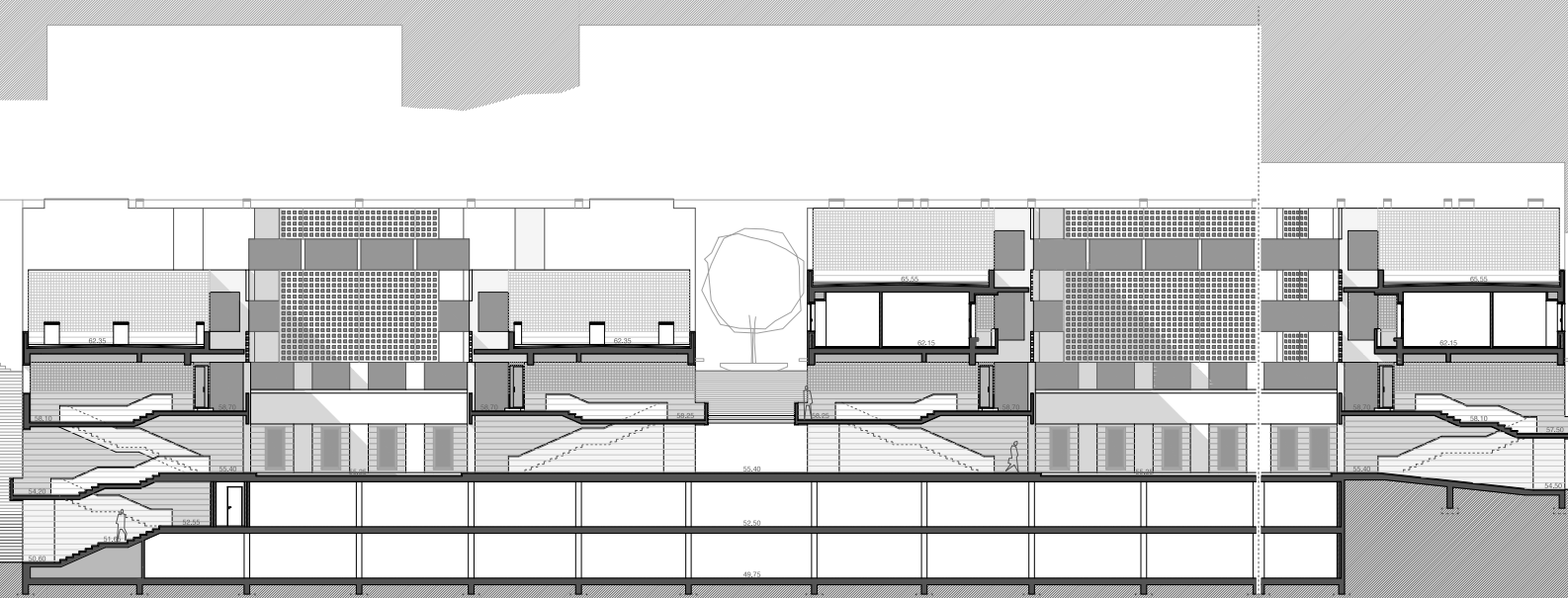














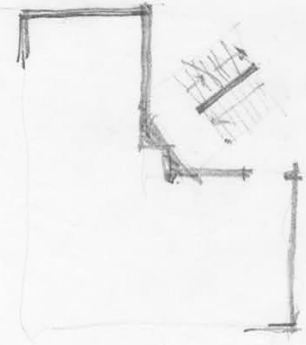
- LEGENDA**
- 1 - TERRENO COMPACTADO
  - 2 - ENCRUSTAMENTO
  - 3 - BRITA DE REGULARIZAÇÃO
  - 4 - MANTA GEOTÊXTEL
  - 5 - TELA IMPERMEABILIZANTE
  - 6 - GEOTECNO
  - 7 - SEIXO ROLADO
  - 8 - LÂMINA DRENANTE
  - 9 - LINTEL DE FUNDAÇÃO
  - 10 - TUBO DRENANTE
  - 11 - BETONILHA ARMADA
  - 12 - ARGAMASSA DE REGULARIZAÇÃO
  - 13 - ARGAMASSA DE ENDURECEDOR DE SUPERFÍCIE
  - 14 - CAIXA DE AR
  - 15 - ISOLAMENTO TÉRMICO EM POLIESTIRENO EXTRUDIDO
  - 16 - TUDOLO CERÂMICO
  - 17 - ESTUQUE PINTADO COM TINTA DE ESMALTE AQUECIDA
  - 18 - REBOCO ROSCONADO
  - 19 - ARGAMASSA DE
  - 20 - PEDRA MOLANAS BRANCA
  - 21 - ROLAPÉ EM PEDRA MOLANAS BRANCA
  - 22 - RIPA E MADEIRA
  - 23 - LÂ DE ROCHA
  - 24 - SOLHO DE MADEIRA
  - 25 - TECTO FALSO EM PAINÉIS
  - 26 - PEDRA MOLANAS BRANCA RLA AMACIADA
  - 27 - FIXAÇÃO METÁLICA
  - 28 - LINTEL EM BETÃO ARMADO
  - 29 - SOLERA / PISTORIL EM PEDRA MOLANAS BRANCA
  - 30 - REGULARIZADOR ADESIVO E REDE DE FIBRA DE VIDRO
  - 31 - AZULEJO
  - 32 - BARRIEIRA DE VAPOR
  - 33 - RALO DE PINHA
  - 34 - RALO DE ZINCO
  - 35 - PEDRA DE CAPEAMENTO
  - 36 - AREIA
  - 37 - CALÇADA CALCÁRIA
  - 38 - SANBRO
  - 39 - GRELHA DE BETÃO PRE-MOLDADO
  - 40 - LAJE MACIÇA EM BETÃO ARMADO
  - 41 - IMPERMEABILIZAÇÃO DE BASE CIMENTÍCIA
  - 42 - CAMADA DE FORMA REGULÁVEL
  - 43 - APOIO PLÁSTICO REGULÁVEL
  - 44 - ESTUQUE PROJECTADO PINTADO COM TINTA PLÁSTICA
  - 45 - PLATIBANDA EM BETÃO ARMADO
  - 46 - RODAPÉ EM MADEIRA
  - 47 - MOLDURA COM PERFIL METÁLICO DE SECÇÃO RECTANGULAR
  - 48 - CARILHARIA DE MADEIRA MACIÇA LACADA COM VIDRO DUPLO
  - 49 - PORTA DE MADEIRA MACIÇA LACADA







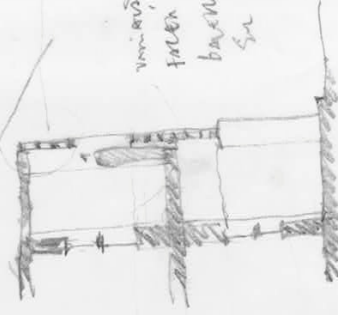
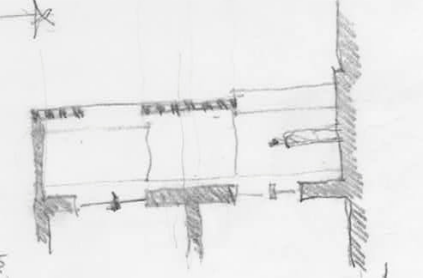
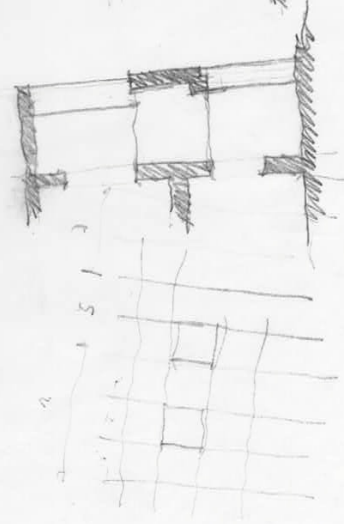
## 8.2. Processo



Plan Flurkorridor - Zambra

Abgeschnittene

Abgeschnittene der Länge der  
Korridor mit Abstrich Ventilation  
Korridor mit Abstrich Ventilation  
Korridor mit Abstrich Ventilation



Wand, Decke, Boden  
Türen, Fenster, etc.  
Bauweise, etc.

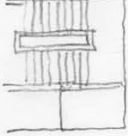
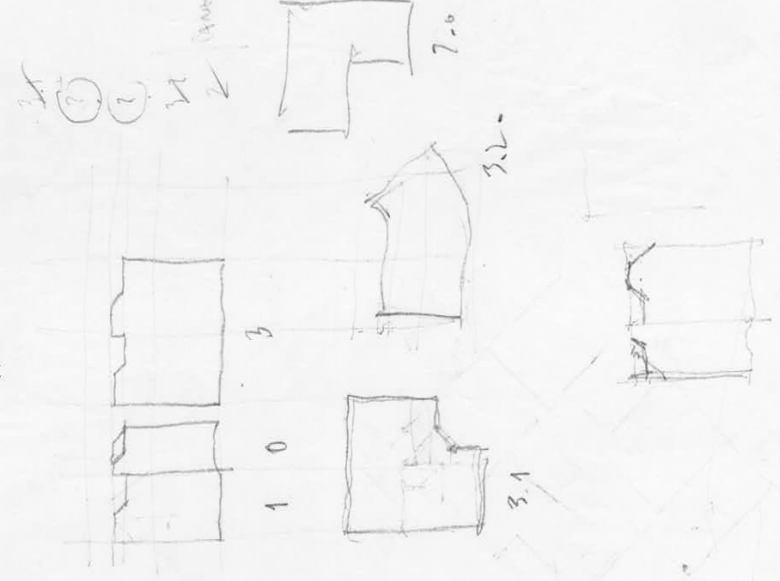
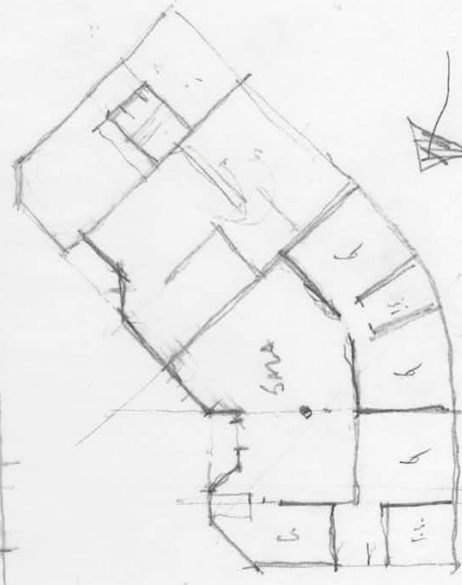
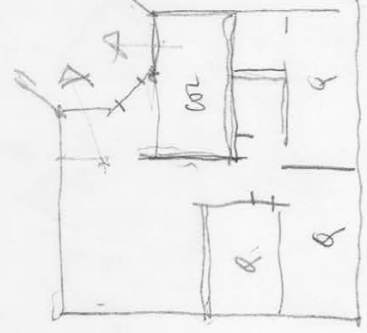
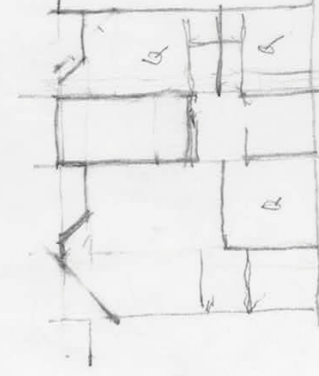
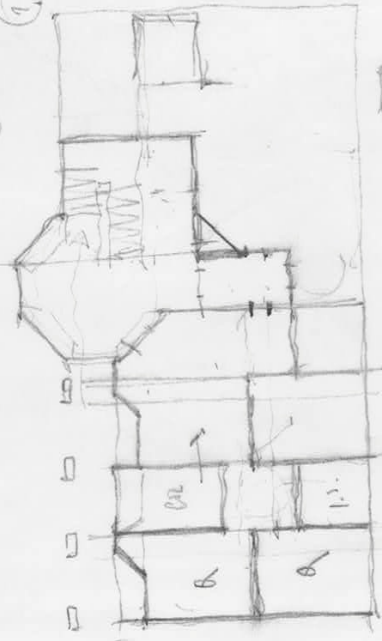
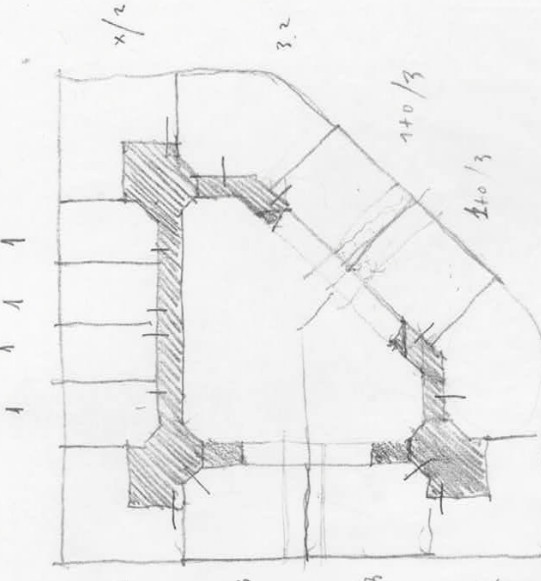
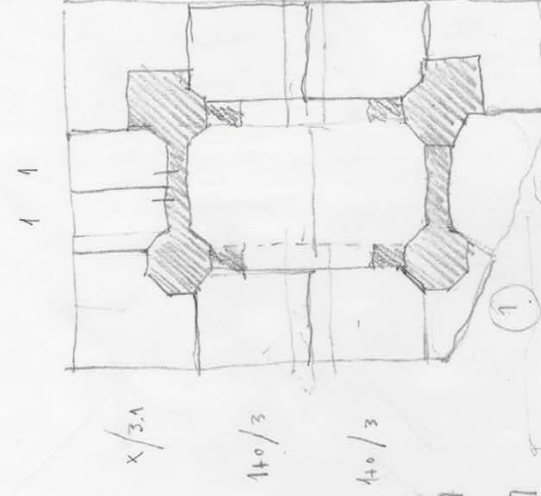
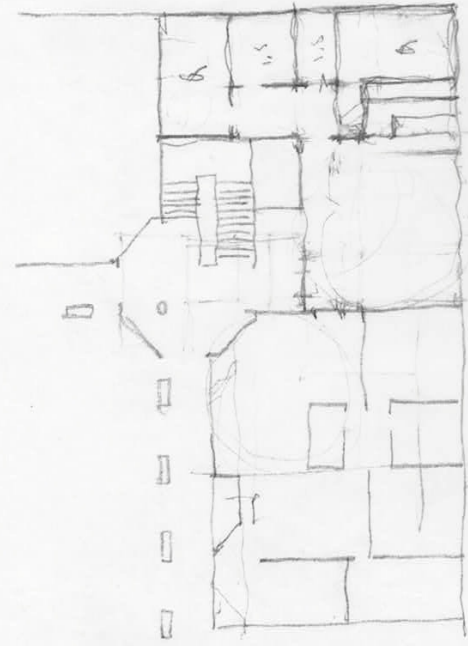
Wand, Decke, Boden  
Türen, Fenster, etc.  
Bauweise, etc.

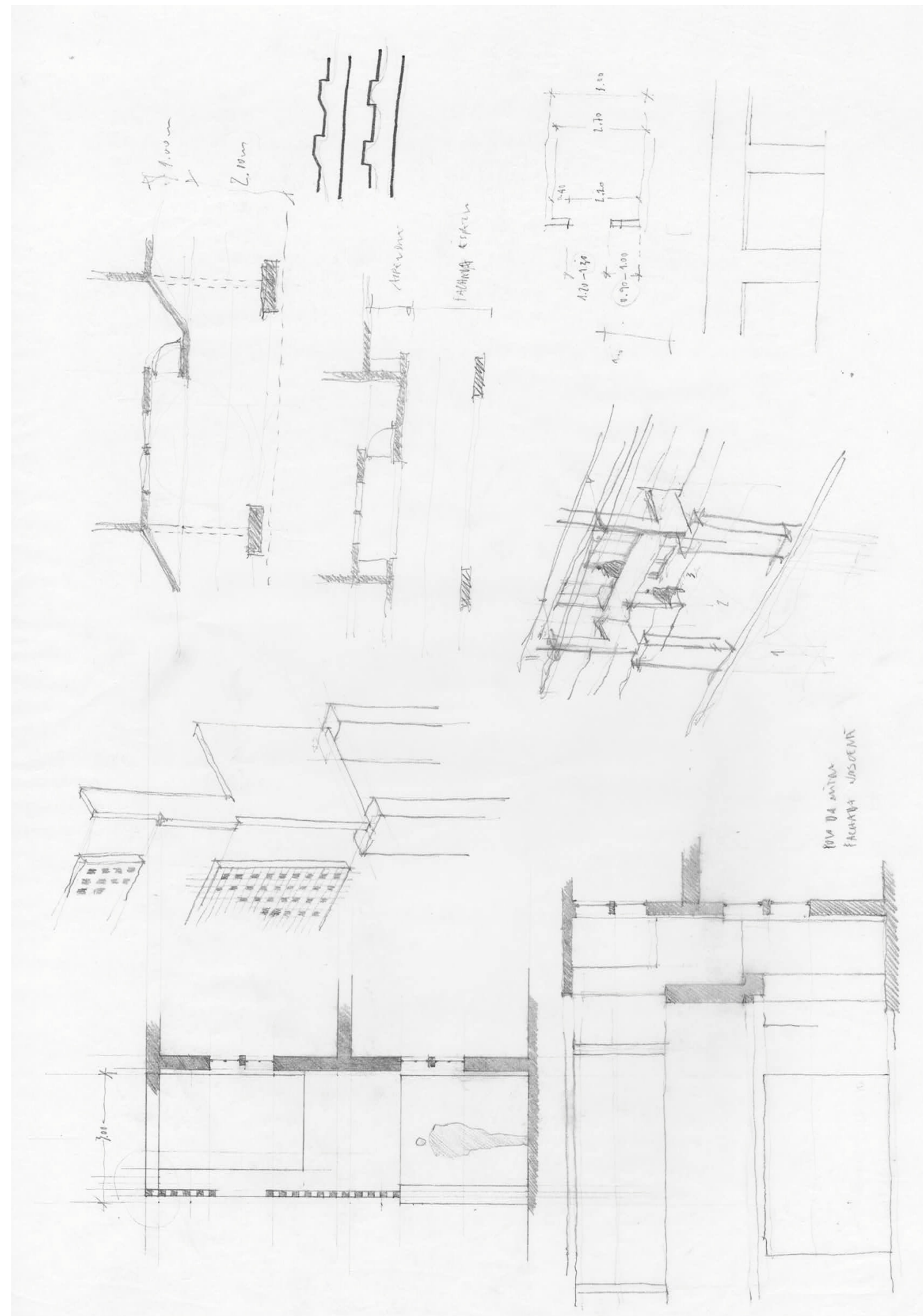
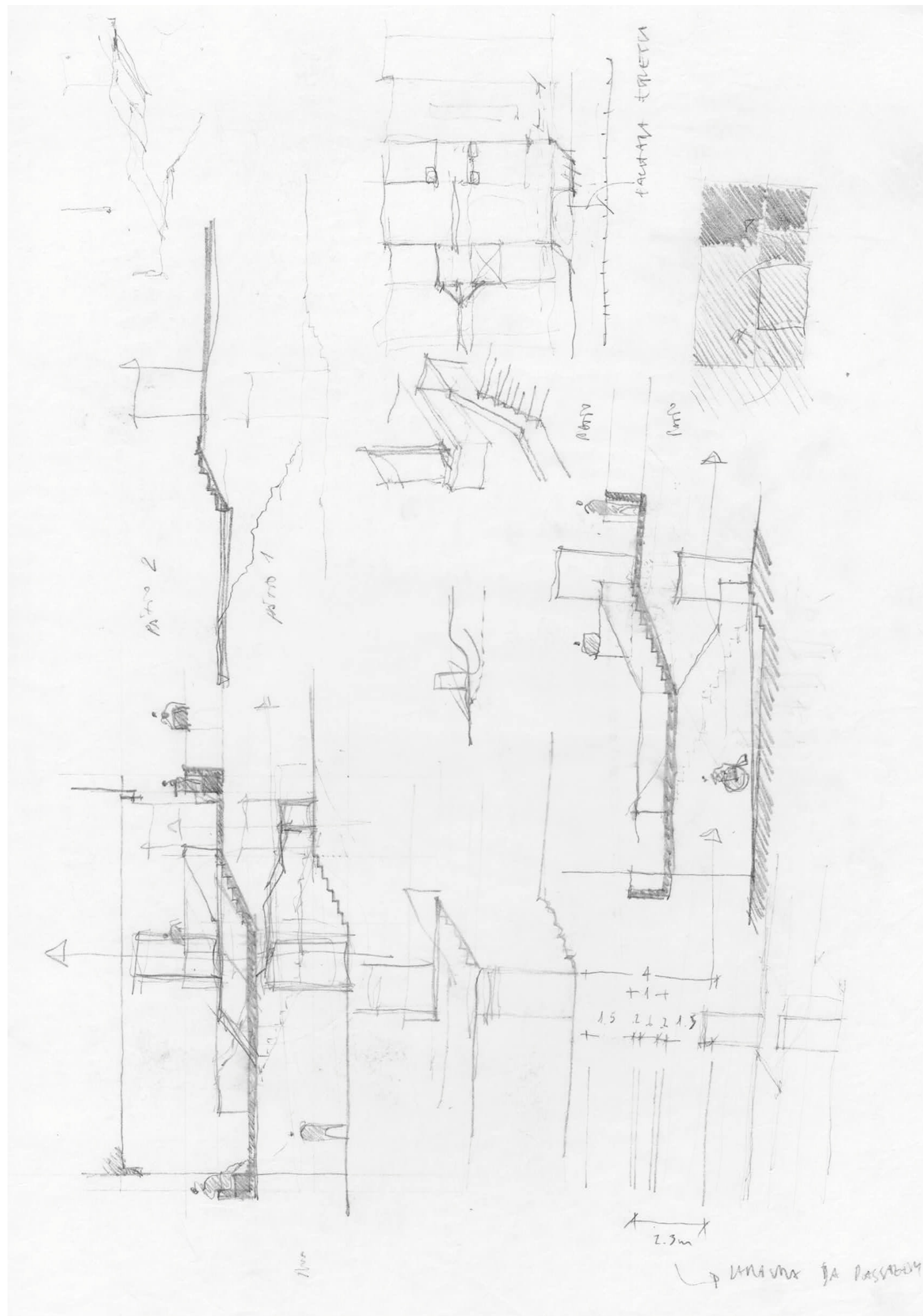
Wand, Decke, Boden  
Türen, Fenster, etc.  
Bauweise, etc.

Wand, Decke, Boden  
Türen, Fenster, etc.  
Bauweise, etc.



Wand, Decke, Boden  
Türen, Fenster, etc.  
Bauweise, etc.

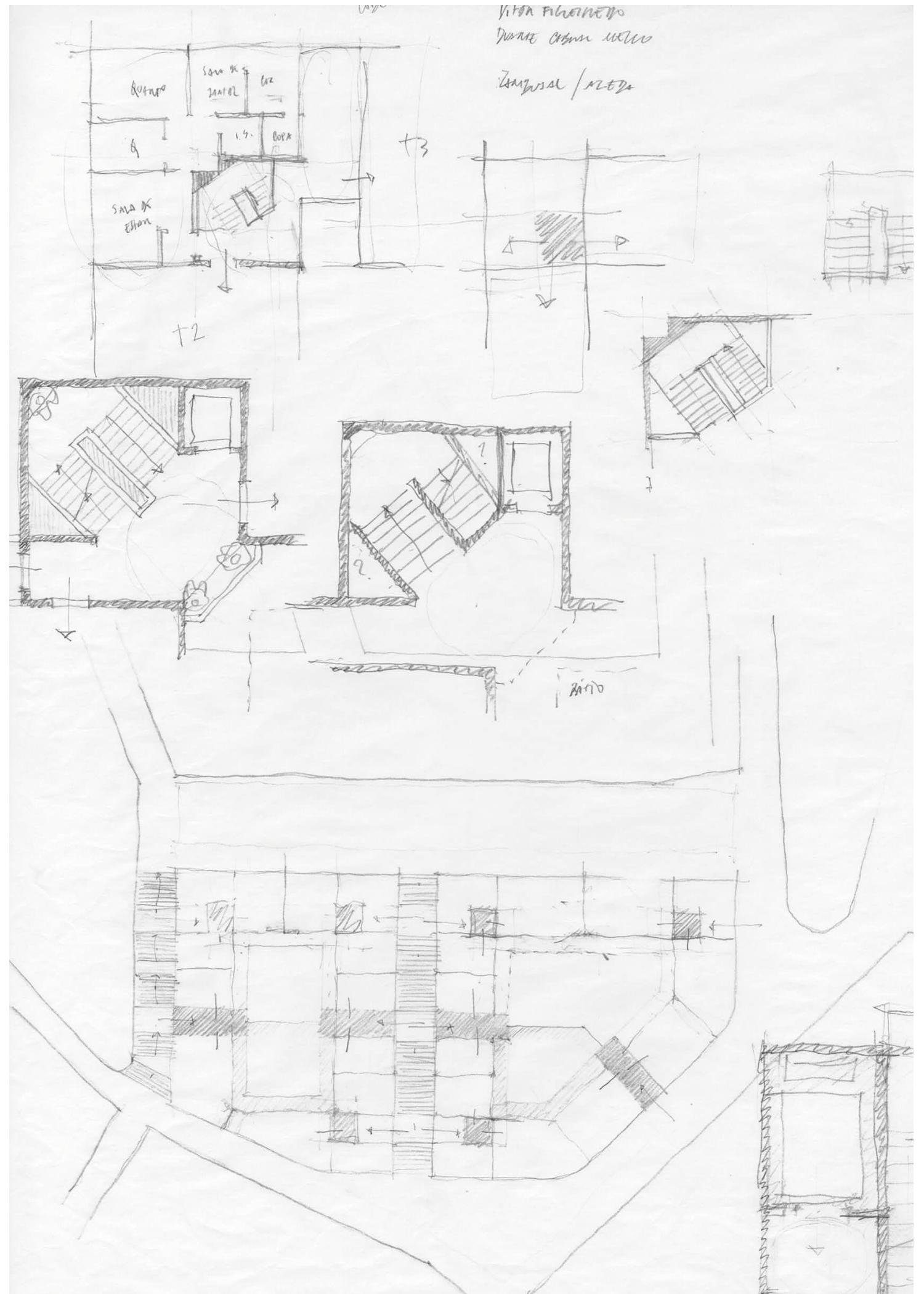
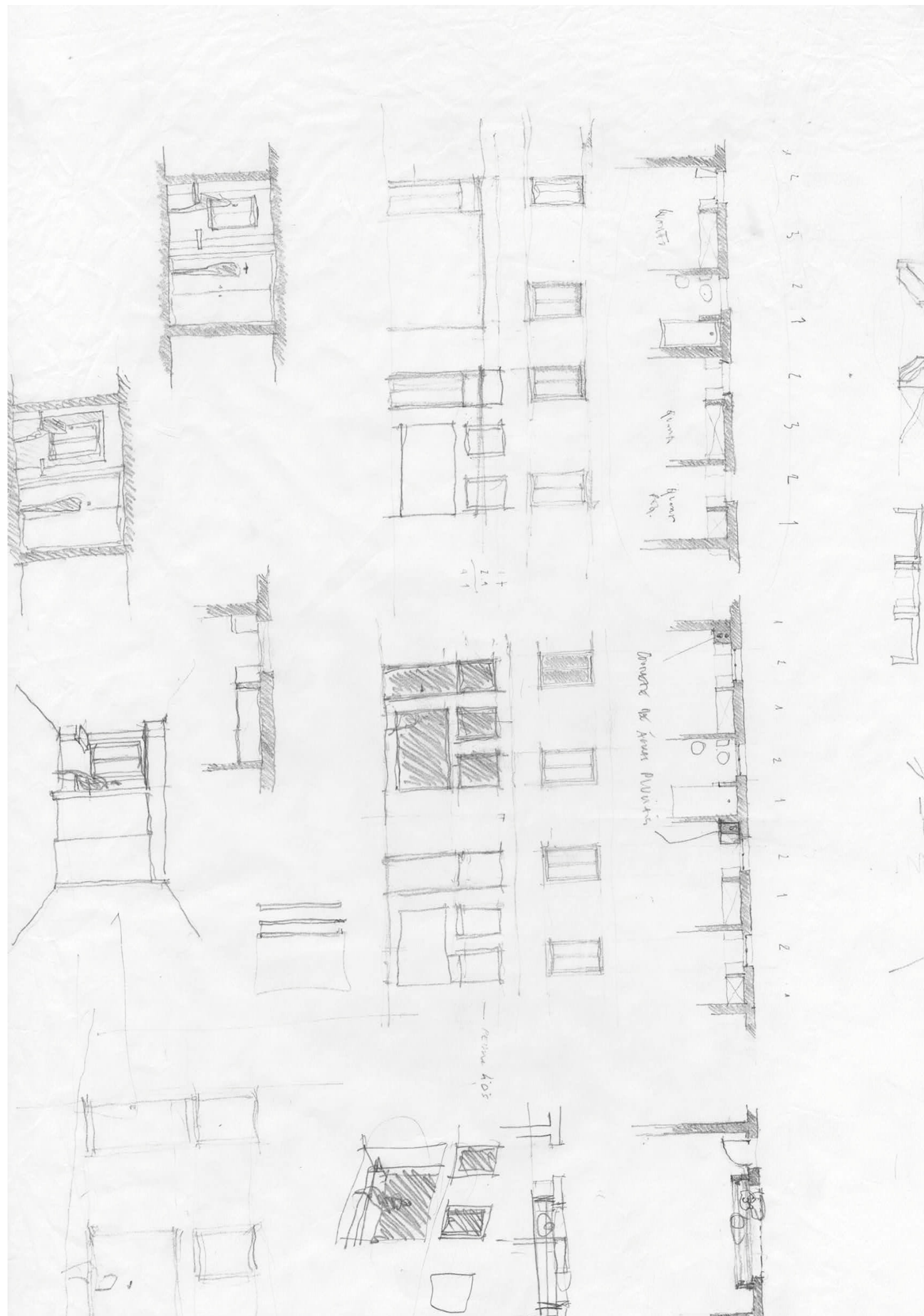














# UNICA - 1.ª UNHA DE NOVO

